

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História

Fernanda Póvoa Correia

O Arquivo Privado São Caetano: registro (s) de si, constituição de memórias e escrita da história.

Mariana
2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
Programa de Pós-Graduação em História

Fernanda Póvoa Correia

O Arquivo Privado São Caetano: registro (s) de si, constituição de memórias e escrita da história.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História por Fernanda Póvoa Correia. Área de concentração: Poder e Linguagens. Linha de Pesquisa: Poder, Espaço e Sociedade. Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Andréa Lisly Gonçalves

C824a Correia, Fernanda Póvoa.
O Arquivo Privado São Caetano [manuscrito]: registro (s) de si, constituição de memórias e escrita da história / Fernanda Póvoa Correia. - 2016.
133f.: il.: color; grafs; tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Andréa Lisly Gonçalves.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Humanas e Sociais. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em História.

Área de Concentração: Poder e Linguagens.

1. Arquivos pessoais. 2. Arquivo Privado São Caetano. 3. História - Minas Gerais. I. Gonçalves, Andréa Lisly. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU: 94(815.1):025.1

Catálogo: www.sisbin.ufop.br



Fernanda Póvoa Correia

"O Arquivo Privado São Caetano: registro (s) de si, constituição de memórias e escrita da história"

Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em História da UFOP como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Andréa Lisly Gonçalves
Prof.^a Dr.^a **Andréa Lisly Gonçalves**
Departamento de História/ UFOP

Virgínia A. Castro Buarque
Prof.^a Dr.^a **Virgínia Albuquerque de Castro Buarque**
Departamento de História/ UFOP

Angelo
Prof. Dr. **Angelo Alves Carrara**
UFOP

Dedico a meus pais e a meus irmãos.

AGRADECIMENTOS

Acredito que sou a soma das diversas experiências que vivenciei ao longo da minha vida e das inúmeras pessoas especiais que conheci, convivi e especialmente, daquelas que não vivo sem. Sendo assim, a concretização deste trabalho, embora elaborado na maior parte do tempo solitariamente e em silêncio, só foi possível pelo apoio, incentivo e orientação de pessoas importantes a quem devo agradecer.

Agradeço àqueles que me amaram primeiro, meus pais. Mesmo sem entender muito do trabalho historiográfico, sempre ouviram minhas angústias e inquietações, dizendo que no final tudo daria certo. Aos meus irmãos Flávia e Israel pela amizade, carinho e a certeza de que nunca estarei só. Aos demais familiares, especialmente avó Anita que sempre me vela em oração.

Este trabalho é consequência da pesquisa que iniciei na graduação com o profº Francisco Eduardo Andrade com quem aprendi as principais teorias arquivísticas e desta forma as primeiras inquietações e descobertas desta dissertação. Ao professor agradeço a confiança posta em mim, a sinceridade e a exigência que lhe são tão peculiares.

À querida Andréa Lisly, orientadora e incentivadora, agradeço as contribuições e as correções que tornaram este trabalho possível. Ressalto o respeito que sempre teve com meus textos ao sugerir alterações e acréscimos de forma gentil e enriquecedora.

Agradeço aos professores Virgínia Albuquerque e Retano Pinto Venâncio pelas contribuições no exame de qualificação. Aos demais professores do Departamento de História que contribuíram para minha formação acadêmica, dentro os quais destaco Marco Antonio Silveira que me proporcionou aulas excepcionais nas quatro disciplinas em que fui sua aluna.

Agradeço aos funcionários e colegas do Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana – AHCMM, que abriga o acervo do Arquivo Privado São Caetano – ASC com quem compartilhei anos de trabalho e pesquisa, Olinda, Diana, Felipe, Lucas e Manuela.

Aos amigos que a graduação me deu, sobretudo, ao Fabrício com quem me identifiquei nos primeiros dias de aula e soube que dele viria uma amizade sincera que se estenderia além daqueles quatro anos. Registro também minha

gratidão à amiga Fabiana, exemplo de dedicação e determinação. Mateus, Mariana e Tiago, que sempre levarei com carinho na memória.

Às irmãs que pude reconhecer na República Luluzinhas, minha casa em Mariana. Iaísa, meu potinho de doçura, amiga iluminada que nunca me deixa faltar esperança. Camila, pelas conversas “cabeça” sobre a vida na sacada e por ser minha conselheira certa, permanecendo presente mesmo com a distância. Gizele, Maria Fernanda, Luna, as Nathis, Ana Helena, Elisa, obrigada por me ensinarem a conviver em grupo e a dividir além dos espaços, experiências, dificuldades, saudades de casa, expectativas em relação ao futuro, muitos risos e casos para contarmos para os nossos filhos.

Aos alunos e colegas de trabalho que convivi na Escola Municipal Dom Luciano, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Dom Viçoso, no curso de Pedagogia do Centro de Educação à Distância da UFOP e na turma de Hospedagem do Centro de Educação à Distância do IFMG. Agradeço as oportunidades profissionais e por me fazerem orgulhosa do caminho que escolhi seguir, ser professora.

Ao meu Deus, “porque DELE e por ELE, e pra ELE são todas as coisas; glória, pois, a ELE eternamente. Amém”. Rm- 11,36.

*"Porque nós somos de ontem, e nada sabemos; porquanto nossos dias sobre a terra são como a sombra."
(JÓ 8:9)*

RESUMO

Esta dissertação se propõe a discutir o processo de constituição, definição e uso dos arquivos privados, considerando o processo da escrita de si enquanto práticas dos indivíduos que se constitui em ferramentas na construção de memórias dos sujeitos titulares e da escrita da História. Por trás deste acúmulo existe nos indivíduos uma vontade de registrar e preservar suas trajetórias, condicionada por sensibilidades e anseios de representação. Tendo como campo de análise a documentação presente no Arquivo Privado São Caetano, iremos explorar especialmente os registros de um dos membros da família Ferreira Ramos, Arlindo Agostinho Ramos. Por meio da escrita epistolar e de outros registros acumulados por Arlindo, apreendemos expressões de intimidade deste titular, o modo pelo qual compreendia e registrava o mundo ao seu redor, assim como as redes de sociabilidade que se entrelaçaram no decorrer de sua vida.

Palavras – chave: Arquivos privados, registro de si, Arquivo Privado São Caetano.

ABSTRACT

The Private Files São Caetano : registry (s) itself, Constitution Memories and Writing of History.

This dissertation aims to discuss the process of constitution, definition and use of private archives. It has considered the writing process itself, practices of individuals that constitutes tools in building memories of the subject holders and writing of history. Behind these data, there are individuals who desire to Record, and preserve their trajectories expressing deep feelings and concerns about this representation. Focusing on present data at the Archive Private São Caetano, we Will particularly explore personal records of one member of the Ferreira Ramos family, called Arlindo Agostinho Ramos. Through the epistolary writing and other records compiled by Arlindo, we have seen how he does Record his expressions and intimacy. The particular way how he registered facts around his family's life is trying to be understood by us, as well as the social networks that laced up throughout his life.

Key – words: Private files, registry itself, Archive Private São Caetano.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Casarão da Família Ferreira Ramos. 2003.....	20
Figura 2 - Desenhos feito por Arlindo Ramos.....	69
Figura 3 - Partitura Musical.....	73
Figura 4 - Rubrica de Arlindo Ramos	73
Figura 5- Fotografia da Sociedade Musical São Caetano	75
Figura 6 - Cartão Pessoal de Arlindo Ramos.	76
Figura 7- Retrato de Chiquita.	89
Figura 8- Retrato de Arlindo Ramos e dedicatória.....	90
Figura 9 - Montagem de Caetano Ramos.	91
Figura 10 - Retrato Individual I. Individual II.	Figura 11- Retrato 92
Figura 12 - Retrato Individual III. Individual III.....	Figura 13 - Retrato 93
Figura 14 - O alfaiate.....	95
Figura 15 - O músico.....	96
Figura 16 - Linguagem Criptográfica.....	107
Gráfico 1 - Concentração: cartas de Arlindo Ramos - 1903-1941	100
Gráfico 2 - Concentração: considerando as cartas sem datas.....	101
Gráfico 3 - Concentração: remetente ou destinatário.....	101
Gráfico 4 - Concentração: cartas recebidas.....	102
Gráfico 5 - Concentração: cartas enviadas.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS

ASC: Arquivo Privado de São Caetano.

AHCMM: Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana.

CPDOC: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

ISAD: Conselho Internacional de Arquivos.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	14
CAPÍTULO I: OS ARQUIVOS PRIVADOS E AS EVIDÊNCIAS DE SI: USOS, CONSTITUIÇÃO E MEMÓRIA.	20
1.1 Apresentação do Arquivo Privado São Caetano.	20
1.2 A História da família Ferreira e Ramos	21
1.3 Arquivos privados: produção e conservação dos registros si.	23
1.4 A cautela necessária: evitando a ilusão biográfica.	26
1.5 O século XX e as novas contribuições metodológicas.	28
1.6 O tratamento documental em Arquivos.	33
1.7 Conceitos Fundamentais da Arquivística.	34
1.8 Variações de acumulação nos arquivos privados e formas de abordagem.	39
1.9 Evidência de si e Memória.	45
CAPÍTULO II: POR QUE REGISTRAMOS NOSSAS VIDAS? REPRESENTAÇÃO E SENSIBILIDADE.	50
2.1 As mudanças da escrita de si entre os séculos XVIII e XIX.	50
2.2 A emergência do homem moderno: os registros de si como evidência da sensibilidade.	55
2.3 Representação e universo social.	63
2.4 Representabilidade através da escrita de si: Arlindo Ramos.	65
2.5 Arquivando a própria vida.	78
CAPÍTULO III: O ARQUIVO PRIVADO SÃO CAETANO COMO CAMPO DE POSSIBILIDADES: A COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS E A SÉRIE DE CORRESPONDÊNCIAS.	81
3.1. O uso da fotografia para o conhecimento histórico.	81
3.2 Série de Fotografias: registros de vidas.	84
3.3 As cartas de Arlindo Ramos: evidências de caminhos e intimidade.	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129
ANEXO I	134
ANEXO II	135

1. INTRODUÇÃO

O tema desenvolvido nesta dissertação surgiu como desdobramento do trabalho de organização arquivística do Arquivo Privado São Caetano¹, no âmbito de um projeto de iniciação científica. Não tínhamos a dimensão dos desafios que estariam por vir ao longo do processo de organização. Muitos foram os questionamentos e problemas que surgiram ao longo do trabalho, suscitando discussões que resultaram na escrita desta pesquisa. O cotidiano do trabalho colocava-nos em contato com os mais variados registros que uma família pode acumular englobando de materiais escolares e receitas de bolo a recibos comerciais. Foi necessário aprofundar os conhecimentos arquivísticos para seguir os procedimentos de higienização, identificação e catalogação corretamente, almejando a classificação de todos os documentos para finalmente elaborarmos e disponibilizarmos o instrumento de pesquisa aos interessados.

Além dos conhecimentos arquivísticos necessários, o contato profundo e constante com registros tão particulares e exclusivos da trajetória de outros sujeitos suscitava novos questionamentos que encaminharam a pesquisa ao pensarmos nos indivíduos enquanto agentes históricos que arquivam suas vidas legando à posteridade expressões da intimidade vivida, sem se darem conta do universo inestimável de fonte histórica que construíram. A partir daí, as interrogações se desdobraram cada vez mais ao considerarmos o lugar de memória assumido pelo arquivo, o porquê dos indivíduos arquivarem suas vidas e como servem à historiografia os documentos pessoais de um acervo, dentre outras perguntas.

Nesse sentido, a pesquisa possui como questões norteadoras os arquivos privados - definição, constituição e utilização, representações e expressões de

¹ O Arquivo Privado São Caetano encontra-se no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto e reúne documentos de duas famílias do Distrito de São Caetano: as famílias Ferreira e Ramos. Os registros datam do século XIX ao XX, sendo eles dos mais variados, contendo: cartas, fotografias, receitas culinárias e médicas, cartões postais, publicitários e de visita, registros contábeis. O mencionado Arquivo será referenciado ao longo do texto pelas iniciais ASC. O nome do acervo pode sugerir, a primeira vista, que este aborda questões dessa localidade em geral, porém na prática trata-se de um acervo privado atrelado à trajetória particular dos familiares Ferreira e Ramos que habitaram o distrito São Caetano. A nomenclatura do acervo não foi estabelecida por nossa pesquisa, mas sim definida por outras pessoas que coordenaram a organização do arquivo anteriormente.

intimidade presentes na grafia de si e, por fim, o Arquivo Privado São Caetano enquanto campo de possibilidade, focando na trajetória do membro familiar Arlindo Ramos a partir de seus registros pessoais.

Para alcançar os objetivos propostos na pesquisa, a metodologia de trabalho alicerçou-se em duas linhas de investigação. Primeiro buscamos respaldo no campo da arquivística, a partir da leitura de teóricos da área que nos auxiliaram a esclarecer aspectos fundamentais da teoria arquivística. Em sentido complementar, foi realizado levantamento bibliográfico de autores envolvidos com a temática relativa à memória, dos arquivos privados e da produção e acumulação registros de si.

O primeiro capítulo da pesquisa coloca no bojo da discussão a constituição dos arquivos privados, tendo como fio condutor a produção dos registros de si e seu reconhecimento pela historiografia enquanto fonte, admitindo as evidências da existência do titular na sociedade como um sujeito histórico. Desta forma, apresentaremos as concepções relativas à constituição dos arquivos privados e as implicações destas definições, assim como o uso da escrita de si pela historiografia.

Quanto à definição de arquivo privado, Heloísa Bellotto ² afirma que a classificação de um arquivo privado remete anteriormente à questão do que vem a ser um documento privado. Para Bellotto a distinção entre documento público e privado é o elemento determinante para sua inserção nos arquivos, quer sejam públicos ou privados. Ou seja, a documentação, bem como suas condições contextuais, define o arquivo como privado e pessoal. A caracterização, portanto, do documento enquanto privado, para Bellotto recai sobre o contexto de produção que possibilitou que ele fosse gerado. Isso inclui sua produção a partir das relações mais íntimas, como as trocas de correspondências, diários, anotações, registros fotográficos.

Para Luciana Heymann “é a pessoa [...] que funciona como eixo de sentido no processo de constituição do arquivo.” ³

² BELLOTTO, Heloísa L. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

³ HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduos Históricos: uma reflexão a sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Müller. *Revistas de Estudos Históricas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, v. 19. 1997. p.41.

O diálogo entre as autoras fornece elementos para o cruzamento das duas concepções, compreendendo-se, por fim, que o arquivo privado é constituído tanto pela trajetória daquele indivíduo, quanto pelas cadeias sociais estabelecidas por ele a partir de suas relações. E mais, o arquivista também interfere nessa construção ao conferir valor histórico aos documentos sob guarda, a partir do recebimento de uma doação. Assim os fragmentos da memória são reunidos pelo trabalho do arquivista que os classifica a partir da maneira que reconhece suas estruturas, funções e atividades da entidade produtora.

Nossa pesquisa também fará referências fundamentais ao tratamento documental, abordando definições quanto à tipologia documental, a metodologia de seu tratamento e análise tipológica. Essas definições são de extrema importância para o trato com a documentação analisada na pesquisa em questão. Os tipos documentais, presentes em um arquivo privado, sendo dos mais diversificados encontram espaço e confiabilidade a partir de uma renovação historiográfica que dilatou a concepção de fonte histórica. Assim, afirmou Jacques Le Goff que:

O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado - sempre que a história quantitativa é possível e pertinente - em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica.⁴

Legitimada a importância dos arquivos privados para a historiografia, Luciana Heymann compreende ter os arquivos pessoais um “dever de memória”. Neles encontraremos os vestígios do passado que garantirão a memória viva de seus acumuladores. A escrita da história ao se distanciar dos grandes feitos e da concepção de modelo a ser seguido, estará em contato com o indivíduo, e conseqüentemente, com arquivos pessoais. A autora ainda discute sobre a cautela necessária quanto à utilização destes arquivos, não sendo estes frutos da simples acumulação dos documentos por um titular. Porém se insere na relação que estabelece com a sociedade e com as pessoas envolvidas na organização dos arquivos que podem alterar sua acumulação e organização.

⁴ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.p.104.

No segundo capítulo discutiremos questões que visam esclarecer a lógica presente na vontade de acumular registros ao longo da nossa vida considerando que, por trás dessa vontade existem sensibilidades que encaminham o registro e acúmulo de cartas, poemas e músicas, dentre outros exemplos. Aurélio Vianna, Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá conferem à efemeridade da passagem dos indivíduos a preservação dos vestígios e das lembranças que deixamos como sinais do que os autores chamam de “exercício de rememoração.” Os registros pessoais não carregam consigo obrigatoriamente uma vocação histórica submetendo-se aos arquivos institucionais, mas seguem a lógica de uma vontade de guardar quer seja por uma motivação autobiográfica, política, ideológica ou decorrente das atividades mais corriqueiras que os indivíduos desempenham. Os indivíduos são impulsionados a deixarem no mundo marcas de sua existência uma vez que:

Participam de experiências institucionais e pessoais, que mortais como ele, passam. Mas além dos indivíduos existem pessoas, com posições e relações a serem preservadas. A continuidade da sociedade, sua imortalidade, necessita das marcas das posições e relações que ficam gravadas nas mentes dos indivíduos, no ambiente e em objetos criados para este fim.

5

Assim como a sensibilidade, acreditamos no anseio por representação e afirmação identitária desejada pelos sujeitos através dos registros pessoais. Elegendo como fonte a escrita de si, procuraremos identificar a compreensão que os autores dos registros possuem do mundo e a partir daí quais as condições de produção que se entrelaçam. Os sujeitos ao escreverem sobre suas vidas e experiências estão constantemente operando imagens, códigos e linguagens, colocando-se dessa forma as premissas que orientaram tais percepções sobre o mundo e sentimentos ao redor. Para tal concentraremos nossa análise também nas práticas de escrita, sobretudo quando se trata da vida cotidiana, de pessoas ordinárias. Desta forma iremos analisar registros referentes à trajetória de Arlindo Ramos assinalando como ele operou as formas e usos da escrita que contribuiram para que ele registrasse maneiras distintas de enxergar a si e o mundo ao redor.

⁵ VIANNA, Aurélio et al. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. *Arquivo e Administração*, Rio de Janeiro, v.10-14, n.2, jul/dez. 1986.p.63

Sendo assim, o arquivo privado enuncia um pensamento e dessa forma uma história, mais que isso, a história de um sujeito único. Ao escolher o que guardar ou descartar, o sujeito está criando uma imagem de si e manipulando sua existência, indicando o sentido que busca conferir à sua acumulação. Philippe Artières contribuiu neste sentido ao dizer: “arquivar a própria vida é por-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.”⁶

O terceiro capítulo será dedicado a abordar a coleção de fotografias e a série de correspondências presentes no acervo do ASC.

As fotografias são ricas fontes que nos permitem identificar tendências de comportamento a partir desta prática que ganhará maior projeção a partir do final do século XIX, adquirindo mais espaço no cotidiano das pessoas, inclusive nas camadas menos privilegiadas. Identificamos nas fotografias acumuladas pelos membros da família Ferreira Ramos características comuns à produção e divulgação dos retratos para o Brasil no início do século XX. São poses, composições de cenários, técnicas fotográficas recorrentes nas produções fotográficas, porém também identificamos a ocorrência de apropriações condicionadas pelas necessidades e possibilidades regionais.

O registro fotográfico, portanto, é concebido em nossa pesquisa como um produto social e cultural, que compreendido como um documento/monumento nos indicam modos e desejos de representações vivenciados pelos indivíduos através de uma linguagem não verbal.

As correspondências são outra espécie documental recorrente nos arquivos privados que muito nos indicam sobre as relações pessoais vivenciadas por seus autores. Nestas linhas leem-se acontecimentos do cotidiano através dos quais podemos conhecer parcelas da intimidade de seus titulares.

Neste capítulo, ao nos dedicarmos em analisar as cartas enviadas e recebidas por Arlindo Agostinho Ramos, um sujeito ordinário, questionamos acerca do lugar de homens como ele na história e como se constitui a memória desses anônimos. Por ser ele um homem comum, diferentemente de um homem público, seus registros, possivelmente carregam uma intimidade espontânea por

⁶ ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998, p. 11.

não terem pretensões de ampla projeção, o que nos coloca de modo mais acentuado em contato com a dimensão humana dos processos sociais, valorizando o papel do indivíduo na história.

Na investigação proposta em torno de Arlindo Ramos, as demais correspondências que constituem a série de cartas pessoais do ASC também fornecerão importantes dados através dos quais iremos tratar da formação das redes de sociabilidade estabelecidas pelo nosso titular.

Os trabalhos sobre a troca epistolar possui maior prestígio quando referentes a homens públicos, intelectuais ou políticos, não sendo, portanto, recorrentes na mesma proporção os trabalhos desta natureza para homens comuns. Todavia, estudos nesse sentido, fornecem grande ganho para a história. Como ressalta Marieta de Moraes Ferreira as correspondências não apresentam, como característica principal, o inusitado, o excepcional, grandes revelações, mas sim o ordinário, os compromissos constantes de amizade e família.⁷

Pesquisas desenvolvidas, a partir das fontes encontradas em arquivos privados, são encaminhadas pelas percepções subjetivas do titular em relação à sua própria memória, sugerindo uma história singular, revelando dimensões de sua existência, do vivido, que ficam mais velados em outros tipos de análises históricas. O Arquivo Privado São Caetano constitui uma memória dos membros da família que é decifrada e reinventada a cada análise e pesquisas propostas, evidenciando as relações sociais dos sujeitos nas funções de comerciantes, músicos, leitores, compositores. Ao desvelar esses registros é possível estabelecer uma trajetória considerando a escrita de si inscrita na documentação constituinte do arquivo.

⁷ FERREIA, Marieta de Moraes. “Correspondência Familiar e Rede de Sociabilidade”, In: GOMES, Angela de Castro (Org) *Escrita de Si Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

CAPÍTULO I: OS ARQUIVOS PRIVADOS E AS EVIDÊNCIAS DE SI: USOS, CONSTITUIÇÃO E MEMÓRIA.

1.1 Apresentação do Arquivo Privado São Caetano.

A documentação do ASC foi doada pelos moradores do distrito Monsenhor Horta, pertencente a Mariana, em 1993. Preocupados com a situação de abandono e degradação em que se encontravam os documentos, os moradores da localidade entraram em contato com o departamento de História da Universidade Federal de Ouro Preto, que recolheu a documentação e a abrigou no Arquivo Histórico da Câmara Municipal de Mariana (AHCMM). Permanecendo por seis anos sem nenhuma intervenção, a documentação não recebeu nenhum tipo de tratamento. A fotografia abaixo é a do casarão que pertencia à família Ferreira e Ramos de onde foram recolhidos os documentos.



FIG. 1: Casarão da Família Ferreira Ramos. 2003.
Fonte: LIMA, 2007.

No ano de 1999 a documentação começou a ser higienizada e separada e a partir desse momento pode receber o tratamento, sendo separada pela sua natureza. Concluimos que as diferentes turmas que trabalharam nas atividades de

higienização e acondicionamento provisório desse acervo atuaram de maneira voluntária e esporádica. Esse caráter de atuação pode ter ocorrido pela junção de vários fatores, como as limitações espaciais apropriadas para a execução desses serviços (o que limitava o número de participantes), a ausência de financiamento para a realização do projeto e a descoberta de temas de pesquisa em outros arquivos pelos estudantes que participaram dessas atividades. A ausência de financiamento neste tipo de trabalho dificulta a aquisição de materiais básicos, como máscaras e luvas, indispensáveis para o trabalho.

Somente com o financiamento da FAPEMIG para o desenvolvimento do projeto; Conservação e organização arquivísticas do “Acervo Histórico de Monsenhor Horta” (séculos XIX e XX), tornou-se possível o desempenho das atividades de forma contínua, resultando na organização total do acervo. A partir das etapas de organização da documentação foi possível identificar as seguintes espécies documentais: partituras sacras e profanas, cartões de visita, correspondências, notas de recebimento de mercadorias, fotografias, cartões postais e pessoais, poemas, impressos sacros e profanos, materiais escolares, representação pictórica e documentos jurídicos, recibos comerciais, receitas médicas e culinárias.⁸

1.2 A História da família Ferreira e Ramos

A documentação referente ao ASC versa sobre as atividades desempenhadas pelas famílias Ferreira e Ramos, moradores do distrito de São Caetano. Os registros indicam que o primeiro núcleo familiar era constituído pelo patriarca Antônio Martins Ferreira. As fontes apontam que sua principal ocupação era a atividade comercial evidenciada pela enorme acumulação de recibos, pedidos de compra, controle contábil, cartas comerciais, notas fiscais. Ferreira mantinha contato com diversas regiões, estabelecendo trocas comerciais com cidades vizinhas, estendendo-se até outras regiões como o Rio de Janeiro. Seus filhos, Vicente Antero Ferreira e Antônio Eugênio Ferreira, deram

⁸ Cf: Anexo II.

prosseguimento as atividades comerciais do pai, conforme podemos averiguar através das cartas comerciais relacionadas a eles.

Já o segundo núcleo é formado pela família Ramos. O chefe da família, Felicíssimo Ramos, foi casado com Maria Ciryla com quem teve nove filhos. Felicíssimo possuía como atividade principal a profissão de fogueteiro, atividade que lhe dava menos rendimentos, principalmente se comparada à primeira família. No acervo encontram-se registros que comprovam este trabalho, evidenciado por documentos como um livro sobre a arte de se fazer foguetes, cartas comerciais e pessoais. A família Ramos também seria responsável pela produção e acumulação de algumas partituras musicais, além de manter laços com os membros da Sociedade Musical de São Caetano. Os registros indicam que os Ramos participavam ativamente da mesma, que teve como sede, durante algum tempo, o casarão onde foram encontrados os documentos, indicando o grau de envolvimento dos Ramos com a atividade musical do distrito.

A leitura do acervo sugere que Felicíssimo Ramos se aproximou de Antônio Ferreira por causa das relações comerciais, dando início à aproximação das duas parentelas que se intensificaria com o casamento entre Vicente Antero Ferreira e Bilica Ramos. Deste enlace então, nasceu a Família Ferreira Ramos, cruzando e agregando os membros de ambos os lados. Segundo relatos de antigos moradores, a família morou no distrito aproximadamente até 1960, quando se mudou para Sabará.⁹

No interior do acervo produzido e preservado pelos Ferreira Ramos, a figura de Arlindo Agostinho Ramos, filho de Felicíssimo, sobressai-se pelo volumoso e diversificado acúmulo de registro de suas atividades. A análise das fontes sugere que ele desempenhou diversificadas funções como escrivão contabilista, revendedor, músico e poeta. Há também registros fotográficos e partes musicais, sendo Arlindo, inclusive, autor de algumas delas. As inscrições presentes nos variados gêneros documentais referentes a Arlindo Ramos indicam indícios de sua trajetória e de suas impressões sobre o mundo que podem ser reunidos, construindo, portanto, testemunhos que permitem examinar alguns aspectos referentes a representações produzidas nos espaços da vida privada. Seus

⁹ COSTA, Manuela Areais. Notas sociais: as práticas da banda da Sociedade Musical São Caetano (1890 – 1930). 2010. 94 f. Monografia – Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana: UFOP, 2010. Esta informação foi obtida por Manuela Costa em entrevista concedida pelo ex- maestro da Sociedade Musical São Caetano, Augusto Ribeiro, em 19 de abril de 2009.

registros podem ser compreendidos como expressão de sua intimidade que evidenciam sentimentos e sensações, assim como sugere a maneira como ele arquivou sua vida. Para fundamentar nossa análise, vamos nos concentrar, no terceiro capítulo desta dissertação, a partir das séries documentais; fotografias e correspondências pessoais, privilegiando, sobretudo, aquelas que orbitam ao entorno de Arlindo Ramos. Intencionamos apontar como os tipos documentais de um arquivo privado podem servir de fonte para os estudos históricos ao fornecerem substanciais vestígios da passagem do homem no tempo.

1.3 Arquivos privados: produção e conservação dos registros si.

Ao historiador que almeja imergir na vida privada desvelando hábitos, rotinas, frações de intimidade e estar em contato com vestígios, até então invisíveis para a História, propomos a indagação: quais recursos, lugares e práticas dão suportes para rastrear essas parcelas do mundo social? Em um exercício desprezioso de respostas indicamos o arquivo privado¹⁰ como este lugar de busca ao fornecer os recursos necessários, materializados nos documentos, como fontes primárias, colocando o historiador em contato direto com a acumulação gerada pelos sujeitos titulares do acervo.

A apropriação da documentação de origem privada fortalece o vínculo entre historiador e fonte, conduzindo à imersão na história vivida, passada, com forte caráter pessoal e íntimo, tendo a força de “simular o transporte no tempo.”¹¹

A impressão mencionada por Ângela de Castro Gomes sobre o contato com as fontes presentes em arquivos privados, se traduz pelo termo “encantamento” como forma de descrever a sensação que os documentos pessoais, preferencialmente encontrados neste tipo de arquivo, produzem sobre os historiadores. Segundo a autora, esse *boom* dos arquivos privados é algo recente,

¹⁰ Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística, define-se como arquivo privado aquele que é: “de uma família ou de seus membros, relativos às suas atividades públicas e privadas, inclusive à administração de seus bens. Também chamado arquivo pessoal ou arquivo familiar”. *DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005, p.29.

¹¹ HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v.19,1997,p.41.

que iniciado na década de 1970, contemplou uma mudança historiográfica em que se vislumbrou crescente interesse sobre os arquivos pessoais.¹² Segundo Gomes:

A descoberta dos arquivos privados pelos historiadores em geral está, por conseguinte, associada a uma significativa transformação do campo historiográfico, onde emergem novos objetos e fontes para a pesquisa, a qual, por sua vez, tem que renovar sua prática incorporando novas metodologias, o que não se faz sem uma profunda renovação teórica, marcada pelo abandono de ortodoxias e pela aceitação da pluralidade de escolhas. Isto é, por uma situação de marcante e clara diversidade de abordagens no ‘fazer história’.¹³

Luciana Quillet Heymann também utiliza do termo “encantamento” para descrever a sensação manifestada mediante o contato com as fontes primárias. Sejam elas “documentos papéis, fotografias, capazes de revelar parcelas desconhecidas ou até então invisíveis da história e do mundo social.”¹⁴

O lugar sendo o Arquivo, e os recursos os documentos, as práticas configuram-se como o ato de registrar e acumular registros cotidianos através de cartas, fotografias, jornais, cartões, diários, poesias, dentre outros. Resgatar as práticas dos sujeitos acumuladores é apreender a lógica, a operação que proporcionou a acumulação de tais documentos, configurando todo o acervo em uma rede interligada de sentidos, na qual o titular¹⁵ “é o centro lógico.”¹⁶

O arquivo privado tem sentido e se forma a partir da unidade conferida pelo arquivador, ou seja, aquele sujeito que acumulou tais registros. Este mesmo sujeito é quem escolheu ao longo de sua trajetória o que seria preservado e o que seria descartado. Tais procedimentos pautados em critérios e interesses particulares, interligados com suas atividades de trabalho, família, sociedade, enfim, a vida do sujeito. Contudo tal desdobramento se dá a partir do que deseja guardar, pois nem toda documentação é preservada. Nesta direção o foco de

¹² Variações teóricas indicaram tensões em torno da definição de arquivos pessoais. Dentre elas encontramos os termos arquivos pessoais e arquivo privado. Trabalharemos com os dois conceitos tendo em vista a noção de que para a Arquivologia são arquivos gerados por pessoas e não por instituições.

¹³ GOMES, Angela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *EstudosHistóricos*. Rio de Janeiro, v. 21, jan/jun. 1998. p.122. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

¹⁴ HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v.19,1997,p.42.

¹⁵ Compreende-se por titular o dono das tipologias documentais, quem guardou tais documentos, gerados por ele ou não.

¹⁶ HEYMANN. *Op.cit.*,p.42.

pesquisa do historiador não deve ser a produção, mas a acumulação. Ela é quem dá sentido e materialidade ao arquivo.

Alguns arquivos privados apresentam documentação que vai além daquela de caráter privado. Essa é uma questão que se coloca na constituição de arquivos privados de homens públicos, uma vez que muitos desses registros são relacionados às funções públicas desempenhadas pelos titulares ao longo de sua trajetória. Em contrapartida, e de maneira mais significativa, ao fornecer elementos íntimos, os arquivos privados de figuras ordinárias, não públicas, trazem documentos pessoais próprios de uma relação direta do titular com a documentação do acervo. Nessa relação percebemos uma marca identitária, a partir do nome daquele, criando uma identidade com os documentos acumulados gestados na vida corriqueira, cotidiana.

O arquivo privado traz uma gama diversificada de registros de si que requerem diferentes modos de compreensão por parte dos pesquisadores. Porém, a questão que permeia todo o acervo e na qual o historiador deve debruçar é o questionamento do porquê os sujeitos arquivam suas vidas através do acúmulo dos registros.

A partir da emergência do Estado Moderno, desde o nascimento, exige-se que os indivíduos sejam registrados possuindo assim sua identificação e fazendo-se existente ao cumprir com uma obrigação legal. A partir da inserção social, do desenrolar do cotidiano, novos registros vão sendo feitos, oficiais e não oficiais, indicando relações e experiências evidenciadas através de recibos, postais, cartas, fotografias, certidões, dentre outros. A acumulação e o movimento reverso, o descarte, acompanham as necessidades e expectativas dos indivíduos segundo suas vidas. O sentido que o sujeito dá para si e sua existência se revela em facetas através dos documentos, nos quais ele nos apresenta a intimidade que quer revelar. Desta forma, ressaltamos o caráter arbitrário característico de cada acervo. Por mais que existam normas e padronizações, os arquivos possuem trajetórias particulares na configuração de seu conjunto documental devido às diversas realidades de acumulação, manejo e acondicionamento dos acervos.

No decorrer de nossa trajetória acumulamos variados documentos referentes à nossas atividades e funções. Independente do papel que desempenhamos na sociedade em que vivemos ou da projeção que nossas atividades alcancem, constituímos pequenos arquivos particulares compostos por

documentos que atestam o cumprimento de nossas obrigações civis, financeiras, profissionais, ou seja, provas da execução de nossas obrigações formais. Além destes documentos, encontramos aqueles motivados por questões particulares ligados à intimidade individual que preservam afetividades, memórias, crenças religiosas, laços familiares, amorosos e de amizade. Os arquivos supõem, portanto, registros e lembranças da nossa vida íntima e pública, assim como das nossas redes de convivência.

Esses pedaços fragmentados da memória, aparentemente desconectados da vida de um sujeito, tomam sentido nesse “*locus privilegiado*”, o arquivo, onde então tais registros estarão preservados e voltados para a constituição de memórias e histórias, atribuindo valor histórico às letras, recortes, imagens, fragmentos guardados por outrem.

Compreendemos assim que os arquivos privados versam sobre a história de indivíduos, famílias, sujeitos públicos ou ordinários, em que o particular é o centro e a intimidade pode ser rastreada.

1.4 A cautela necessária: evitando a ilusão biográfica.

Ao pesquisador é necessário cautela, vista a sedução exercida pelos arquivos privados¹⁷, conduzida pela expectativa depositada no contato com o registro de indivíduos, cuja memória, se revelaria aos que examinam seus vestígios. Há, ainda, que se ter prudência ao pensar que nos arquivos privados encontraremos uma memória total dos seus titulares, em que seja possível, como num jogo de espelhos, reconstituir fielmente a trajetória desses indivíduos. Roger Chartier alerta que é necessário “evitar cair nessa dupla ilusão: ou a ilusão da singularidade das pessoas frente às experiências compartilhadas ou a ilusão da coerência perfeita numa trajetória de vida.”¹⁸

A pesquisa, tendo como objeto a documentação presente nos arquivos privados, precisa reconhecer o processo de construção do acervo e orientar-se pela perspectiva de que eles, os arquivos, devem ser lidos, assim como qualquer outro

¹⁷HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v.19,1997,p.41.

¹⁸CHARTIER, Roger. Revista Eletrônica Trópico. Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2479,1.shl>>. Acesso em: 17 fev. 2013. p.3

texto, como uma escrita. É um desafio para o pesquisador compreender a função dos documentos dentro do acervo, a escolha e classificação dos documentos guardados, tendo cada arquivo suas características específicas. A ilusão da verdade não deve acometer o pesquisador que deve ter cautela ao reconhecer nas fontes do titular uma narrativa criada pelo conjunto de seus registros. Compreendendo o documento como uma evidência desse sujeito, o registro de uma ação, o arquivo privado é o resultado do “conjunto dos acontecimentos de uma existência individual concebida como uma história e o relato dessa história.”¹⁹

É inegável o fascínio pelo arquivo privado que, como fonte de pesquisa, possibilita inúmeras descobertas e propostas de investigação. Ao direcionarmos o olhar para o rico mundo dos registros pessoais, interpretações e questões se multiplicam.

Luciana Heymann também discute sobre a cautela necessária quanto à utilização desses arquivos, não sendo esses frutos da simples acumulação dos documentos por um titular: essa acumulação se insere na relação que estabelece com a sociedade e com as pessoas envolvidas na organização dos arquivos que podem alterar sua acumulação e organização.

A própria acumulação é feita a partir de escolhas do titular. Ele descarta aquilo que não quer que seja preservado em sua trajetória. Registros que, portanto, não chegaram até nós, e conserva aquilo que lhe tem um sentido importante. Percebemos a memória aliada ao esquecimento, pois a ameaça do último nos faz lembrar e assim assegurar um lugar para os eventos na memória. As escolhas tomadas entre o que preservar ou não podem remeter a vontade de desfazermos de registros que não queremos preservar, compreendendo essa ação como ato de eliminar aquilo que gostaríamos de esquecer ou como forma de preservar aqueles momentos que são relevantes, mas não necessariamente geradores de boas sensações. Os arquivos pessoais são também fruto desta seleção do passado, em que escolhas do que deve ser preservado foram feitas. Enfim, saberemos sobre o titular somente aquilo que ele quiser que saibamos, porém é necessário considerar que nem tudo que ele tenha produzido ao longo de sua trajetória ou recebido tornou-se parte integrante do acervo. Decerto, a composição da vida de um sujeito

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO e FERREIRA (org.). *Usos e abusos da história oral*. São Paulo: Getúlio Vargas, 1996. p. 183.

é algo complexo, pois está inserida no contexto histórico e na dimensão do tempo que permeava a produção dos escritos de si.

Os arquivos privados e seus registros podem ser concebidos como ferramenta capaz de tornar presente a trajetória passada de um indivíduo e apresentar para o presente um personagem imortalizado através das fontes. O que, porém, pretendem alcançar os estudos que versam sobre uma trajetória? Propor modelos de experiências, lições gerais, propor estruturas da formação social? Certamente que não, mas são incertezas que se colocam ao propor o estudo da vida do outro. Acreditamos que o objetivo pretendido pauta-se no reconhecimento da irredutibilidade de uma vida a modelos seriais, reforçando a posição assumida pelo indivíduo enquanto condição e possibilidade do fazer historiográfico.

Os arquivos, segundo François Hartog, quer sejam eles “voluntários ou involuntários, escritos ou representados por imagens, transcritos ou gravados, são um objeto da história de pleno direito, em múltiplas dimensões (materiais, institucionais e intelectuais).”²⁰

1.5 O século XX e as novas contribuições metodológicas.

O lançamento na França, da revista dos *Annales*, em 1929, impulsionou uma imensa transformação no campo da História. Pautada em uma nova geração de historiadores a *École des Annales*, passou a indagar a hegemonia da história política na historiografia produzida até então, identificando inúmeras fissuras decorrentes do caráter elitista, factual e individualista do conhecimento que vinha sendo produzido. O movimento propunha a elaboração de análises econômicas e sociais, apontando estruturas duráveis mais significativas que conjunturas e movimentos de menores amplitudes.²¹

Na primeira fase do movimento dos *Annales*, Marc Bloch e Lucien Febvre²² defenderam a necessidade de ampliar a definição de documento na interpretação do passado. Anteriormente, restritos aos registros escritos, agora

²⁰ HARTOG, François. *Evidência da História: o que os historiadores veem*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 237.

²¹ DOSSE, François. *História em migalhas. Dos Annales à Nova História*. São Paulo: Ensaio. Campinas, 1992.

²² FEBVRE, Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1985. BLOCH, Marc. *Apologia da História, ou o Ofício do Historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

passam a ser uma vasta gama documental que, interrogada, se apresenta ao historiador como fonte. Para Febvre a História se faz:

Portanto, com palavras. Com signos. Com paisagens e telhas. Com formas de cultivo e ervas daninha. Com eclipses da lua e cangas de bois. Com exames de pedras por geólogos e análises de espadas de metal por químicos. Numa palavra, com tudo aquilo que pertence ao homem, depende do homem, serve o homem, exprime o homem, significa a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem.²³

Novos elementos tornam-se fontes possíveis para a análise histórica, reconhecendo as atividades dos agentes históricos em variados âmbitos de sua vida, levando-nos a conhecer o dia-a-dia dos indivíduos e não apenas daqueles grandes homens, foco até então da historiografia. Sendo assim, todos os testemunhos de vida, tudo que remete à existência dos homens e suas ações servem de fontes: cartas, fotografias, recibos, diários. Tomados em conjunto, tais fontes podem constituir acervos pessoais, que preservados e disponibilizados para consulta, servem à escrita da História. Esses registros indicam a existência dos sujeitos, são sinais da trajetória humana e revelam traços de suas vidas, fornecendo elementos para a construção historiográfica. A História do cotidiano passa a se estabelecer tendo na ampliação da noção de documento uma importante contribuição para essa nova forma de conceber a História.

Se a natureza das fontes é problematizada, o ofício do historiador igualmente se coloca neste momento historiográfico produzido pelos *Annales*. Quais teorias, métodos, e temas seriam válidos para orientar a busca pelo conhecimento do passado? E mais: este passado se refere a quem? Grandes ou ordinários homens? Dessa forma os questionamentos propostos geraram uma série de pressupostos que orientaram a visão que os historiadores apreendiam do mundo. Coloca-se, portanto, a necessidade de uma metodologia de investigação válida ao historiador para orientá-lo ao selecionar seus temas e suas fontes de pesquisa. O movimento dos *Annales* desdobra-se em outras fases cujas inquirições irão abordar novas questões.²⁴ Contudo, a contribuição que mais

²³ Lucien. *Combates pela História*. Lisboa: Editorial Presença Ltda, 1985.p.249.

²⁴ É válido registramos que, para os *Annales*, as trajetórias individuais assumem sentido ao fornecerem o conhecimento sobre toda uma época. Segundo Avelar: “Após o estabelecimento da análise macroestrutural da sociedade e dos quadros explicativos subjacentes, procede-se o detalhamento biográfico com fins de ilustração da realidade mais ampla abordada. O indivíduo

sobressalta aos nossos olhos é a que retira a compreensão política da História, no sentido desta ser um instrumento de ideologias e legitimação de instituições e poderes, baseando-se em fontes oficiais e narrando apenas os grandes impérios e governos, assim como o alargamento da concepção de fonte histórica.

Essas transformações ocorridas no campo historiográfico do século XX, em particular, formularam discussões sobre o papel dos atores sociais, possibilitando que os registros pessoais ocupasse um novo espaço nos debates historiográficos. Assim como a inserção de novos sujeitos históricos, mudanças de perspectivas quanto ao reconhecimento e validação das fontes trazem contribuições para a renovação historiográfica, colocando em evidência a necessidade de uma nova maneira de analisar a História, focando em homens simples, no cotidiano.

A partir destas novas possibilidades o arquivo privado terá grande importância devido ao valor informativo de seus documentos, ou seja, sua utilidade para fins históricos. Neste sentido, Bellotto afirma que:

O historiador não analisa o documento pelo documento; antes, utiliza-o como ponte para o passado, ou do arquivo para a realidade. Essa passagem do documento ao passado é um processo decisivo pelo qual se cumpre o essencial da elaboração do conhecimento histórico.²⁵

Assim, identificamos que a partir das novas tendências introduzidas no decorrer do século XX, o arquivo pessoal conquistou e assegurou sua relevância e legitimidade como campo de possibilidade de pesquisas.

Novos personagens históricos são reconhecidos enquanto agentes e os variados registros de sua existência úteis e válidos como caminhos de investigação. Entretanto, o corpus documental que substancia uma análise carece da averiguação de certos critérios para que a pesquisa caminhe com êxito. Segundo Cláudio Umpierre Carlan,²⁶ a escolha de determinado corpus documental

apenas ilustra/ reflete uma construção estrutural que lhe ultrapassa. Ele é exemplo, não problema". AVELAR, Alexandre de Sá. Escrita biográfica, escrita da História: Das possibilidades de sentido. In: AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT (Orgs). *Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica*. São Paulo: Letra e Voz, 2012, p. 69.

²⁵ BELLOTTO, Heloísa. *Arquivos Permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: FGV, 2005, p.263.

²⁶ CARLAN, C. U. Documento / Monumento: os tipos materiais produzidos pela História Científica. *Barbarói* (USCS), v. 29, p. 138-149, 2009.

deve ser submetida a três critérios principais de validação. Primeiro “o *corpus* em questão deve ser completo no sentido exigido pela natureza do tema e das hipóteses”; segundo “deve ser uma documentação que, em seus conteúdos e em suas dimensões, justifique ser pertinente o uso da análise de conteúdo”; por fim “deve ser homogênea segundo princípios que se definam.” Essas análises realizadas previamente pelo pesquisador irão auxiliá-lo quanto à validade do conjunto documental contemplado no desenvolvimento da pesquisa proposta. No caso dos arquivos, o corpus documental se constitui em um grande e único texto formado a partir da reunião de vários outros textos individuais que integram ao corpus visando uma totalidade, ao mesmo tempo em que o pesquisador pode propor seu recorte de acordo com a pesquisa a que se propõe realizar. Este é o caminho seguido em nossa pesquisa ao eleger como campo de análise o Arquivo São Caetano e direcionar a pesquisa mais profunda para a trajetória de um de seus titulares, no caso, Arlindo Ramos.

A investigação proposta ao longo do trabalho nos remete a dualidade presente na relação entre monumento e documento indicada por Jacques Le Goff²⁷. A importância desses se faz presente, pois “os materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os *monumentos*, herança do passado, e os *documentos*, escolha do historiador.”²⁸

As fontes escolhidas pelo historiador são responsáveis pela montagem que se formará do passado assim como da imagem da sociedade que a produziu. Entretanto, buscando superar esta visão monolítica da construção histórica compreendemos que o arquivo, enquanto um lugar de memória e espaço que abriga determinado corpus documental se constitui um campo de possibilidades do qual é possível extrair diversos sentidos sempre que visitado. No ofício do historiador a ampliação da noção de documento sugere que o mesmo ocorra à noção de monumento, ou seja, que essa também se expanda.

O novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado sempre que a história quantitativa é possível e pertinente em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma

²⁷ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

²⁸ *Ibidem*. p.95.

nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica.²⁹

Avaliamos ser a transferência do campo da memória para o da ciência histórica, como indica Le Goff, a alternativa para a construção do conhecimento histórico, abandonando determinismos e reconhecendo as variadas possibilidades e sentidos dos fatos históricos. O movimento dos Annales propôs o rompimento com o pensamento positivista que conferia grande peso ao documento escrito. A proposta agora é modificar, enriquecer e ampliar a noção de documento e suas leituras. Certamente que as considerações introduzidas pelos Annales nortearam a produção de novos conhecimentos e críticas historiográficas perpassando por vários outros pesquisadores que surgiriam.

Inserido dentro da tradição dos Annales, Jacques Revel traz contribuições metodológicas para a pesquisa que vimos desenvolvendo ao se dedicar à análise do micro e ao defender a redução de escalas para desenvolvimento de estudos. Os esforços de Revel se encarregam de colocar em evidência a dimensão da ação social e constituição das entidades sociais, executando a abordagem de problemas decorrentes da configuração do espaço, a produção do território e da identidade regional e as representações da sociedade por corpos e por comunidades.

Na obra *Invenção da Sociedade*³⁰, Revel elabora uma história social, de grandes grupos humanos, em questão, a constituição do espaço francês. Para tanto, recorre a instrumentos quantitativos, relatórios, inquéritos, censos. Através de tais fontes procura traçar e explicar a estrutura social e espacial contando com as transformações decorridas neste processo. O estudo sobre a França pode ser compreendido como delimitação espacial e não temática. Diria o autor que:

É possível e necessária para a História a exploração das formas e expressões das identidades regionais através das transformações de várias tradições. Comportamentos religiosos, políticos e sociais trazidos a lume – na tentativa de reconstruir o passado plural da França.³¹

A retomada de tal passagem sugere uma reflexão à pesquisa proposta ao pensarmos como o arquivo expressa uma identidade que, através do micro se

²⁹ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996, p.104.

³⁰ REVEL, Jacques. *A Invenção da Sociedade*. Lisboa: Dielf, 1989.

³¹ *Ibidem*.p. 160.

articula ao macro, atribuindo importância ao sujeito na busca do pesquisador em compreender a sociedade. O acervo do agente guardador indica posturas acerca dos registros de si como ato de arquivar a própria vida visando estabelecer uma imagem, uma identidade a partir da qual os sujeitos se veem e querem ser vistos, reconhecidos e lembrados. São as “expressões de identidades” mencionadas por Revel os elementos que movimentam e alimentam os arquivos privados e preenchem as Histórias feitas a partir desses registros. Como também indica o autor, essas expressões são indissociáveis das interações regionais e suas tradições, assim como de suas transformações.

Neste sentido a micro história, identificada pelo caráter empírico de suas abordagens, baseando-se, essencialmente, na redução de escala de observação coloca o sujeito simples no foco da investigação, assim como propomos em nossa pesquisa, diferentemente dos estudos fundamentados em registros de homens públicos.

1.6 O tratamento documental em Arquivos.

Os documentos, enquanto suportes físicos e materiais, devem ser analisados pela perspectiva arquivística no que tange ao seu tratamento, a fim de assegurar sua preservação e acesso. Iremos indicar alguns dos procedimentos mais comuns de organização de acervos em modo geral. Não se pretende aqui explorar de forma exaustiva o assunto, mas demonstrar o mínimo de conhecimento arquivístico que se intercala ao conhecimento histórico, necessário para desenvolvimento do trabalho.

A arquivologia desenvolveu-se para propor recursos teóricos ao tratamento de documentos pertencentes a arquivos históricos, assim como, documentação administrativa gerada por atividades cotidianas. Os documentos produzidos e acumulados por indivíduos ou instituições de acordo com suas atividades desempenhadas irão pertencer ao conjunto documental, mantendo relações entre si e com o conjunto. Tais conjuntos documentais vão seguir outros procedimentos de organização como, organicidade e proveniência.

Segundo André Cotta³², com o aumento de consultas aos arquivos públicos franceses, verificado a partir do século XIX, a arquivologia se aprimora enquanto campo de produção teórica e de técnicas especializadas. Foi neste momento que conceitos fundamentais da arquivologia foram constituídos como, por exemplo, o princípio de respeito aos fundos. No Brasil, os procedimentos arquivísticos começam a ser aplicados no século XIX, quando em 1838, foi criado o Arquivo Nacional, embora já existissem em alguns lugares os arquivos públicos, porém sem um conhecimento e tradição sólidos.

1.7 Conceitos Fundamentais da Arquivística.

Certamente que outras classificações e conceitos chave, além dos que serão expostos abaixo, compõem a teoria arquivística, porém optamos por mencionar aqueles que podem ser mais úteis para o tratamento do acervo em questão.

O Conselho Nacional de Arquivos distingue pelo menos duas definições de arquivos:

1. “Conjunto de documentos independente da natureza dos suportes, acumulados por uma pessoa física ou jurídica, pública ou privada, ao longo de suas atividades.
2. Instituição ou serviço que tem por finalidade a custódia, o processamento técnico, a conservação e utilização de arquivos.”³³

Uma definição faz referência à acumulação que se deu devido às atividades e funções de sujeitos ou instituições, enquanto a outra versa sobre a posse e acondicionamento do acervo documental. Contudo, a acumulação de um arquivo seja ele privado ou público, de uma reunião ocasional ou proposital, decorre do exercício de suas atividades. Os arquivos também são classificados em corrente, intermediário e permanente conforme sua serventia.

³² COTTA, André Guerra. *O tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros*. 2000. 285 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2000.p.40.

³³ARQUIVO NACIONAL. Conselho Nacional de Arquivos. Resolução nº4, de 28 de março de 1996. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*. Brasília, 29 de março de 1996, seção 1, suplemento ao nº62, p.26.

A discussão entre as fronteiras de arquivo público/privado ainda não foi esgotada pela literatura arquivística de modo satisfatório. Entretanto, no Brasil, esta distinção se dá, sobretudo, a partir da entidade produtora, contrapondo-se então órgãos públicos de pessoas físicas ou jurídicas. Sendo assim, “os arquivos devem ser compreendidos em virtude da natureza das atividades desempenhadas por seus titulares.”³⁴

O Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística define separadamente os verbetes: arquivos privados, familiares e pessoais:

Arquivo familiar: arquivo privado de uma família ou de seus membros, relativo às suas atividades públicas e privadas, inclusive à administração de seus bens. Também chamado arquivo familiar ou arquivo familiar.

Arquivo pessoal: de pessoa física.

Arquivo privado: arquivo de entidade coletiva de direito privado, família ou pessoa. Também chamado arquivo particular.³⁵

Apresentadas estas definições, identificamos que no decorrer da constituição do ASC diferentes interesses e atividades se entrecruzaram envolvendo muitos membros neste processo. Neste sentido, o arquivo privado, se distingue pelo interesse científico despertado nos pesquisadores e o ineditismo das informações presentes em seu acervo cujas trajetórias dos titulares sejam reconhecidas a partir do seu valor, histórico e cultural.

O ASC caracteriza-se como um arquivo privado em que, diferentemente de um arquivo público, sua unidade “é conferida pela pessoa ou instituição que o constituiu, ou seja, por quem acumulou determinados documentos dentro do universo daqueles produzidos e recebidos.”³⁶ Assim também descreve Vianna: “o arquivo [...] encontra sua unidade em quem o produz como conjunto, ou seja, em quem acumula os documentos no exercício de suas atividades.”³⁷

³⁴BRASIL, Lei 8.159/91, cap. II, art. 12.

³⁵ ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Dicionário brasileiro de terminologia arquivística*. Rio de Janeiro: Arquivo nacional, 2005. Disponível em: <http://www.portal.arquivonacional.gov.br/Media/Dicion%20Term%20Arquiv.pdf>.p.29,34,35.

³⁶ HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, memória e resíduo histórico: uma reflexão sobre arquivos pessoais e o caso Filinto Muller. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, v.19,1997,p.2.

³⁷ VIANNA, Aurélio et al. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. *Arquivo e Administração*, Rio de Janeiro, v.10-14, n.2, jul/dez. 1986.p.65.

Por sua vez, os documentos que compõem um arquivo são definidos segundo Heloísa Bellotto enquanto:

[...] qualquer elemento gráfico, iconográfico, plástico ou fônico pelo qual o homem se expressa. É o livro, o artigo (...), a tela, a escultura, (...) o filme, o disco, a fita magnética (...), enfim, tudo o que seja produzido por razões funcionais, jurídicas, científicas, técnicas, culturais ou artísticas pela atividade humana³⁸.

Percebemos, deste modo, a gama diversificada de produções que podem ser compreendidas como documento. O campo de investigação se expande para o historiador ao poder utilizar como fonte documental variados registros nos quais percebemos que os homens se expressam e registram suas intimidades.

Uma vez que definimos e compreendemos o que é documento é necessário classificá-los enquanto tipo documental. Para explorarmos um acervo, a fase de análise tipológica é fundamental. Segundo Heredia Herrera a definição de tipo documental é:

Um elemento decisivo para a identificação e para a descrição dos itens documentais e como consequência das séries documentais. Tipo documental é um modelo que permite reconhecer outros documentos de iguais características que são testemunho de uma ação ou ato determinado.³⁹

As características do suporte que abriga os conteúdos dos documentos e suas estruturas indicam muito sobre uma época e suas regras de convivência social. O tipo documental cartas, por exemplo, do ASC apresenta variações no suporte material (papel) em cor, textura, marca d'água, carimbos, redação, tinta, conforme o destinatário. Cartas enviadas para parentes e amigos mais próximos são escritas até mesmo em folhas de rascunho ou respondidas na própria carta que o remetente recebeu primeiramente. São informações que vão além do texto, indicando a intenção em preservar tal documento e a importância assumida no corpus documental.

³⁸ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2005. p. 14.

³⁹ HEREDIA HERRERA, Antonia. En torno al tipo documental. *Arquivo e Administração*. Rio de Janeiro: AAB, v.6, n.2, jul./dez. 2007.p.45.

O conceito de ciclo vital dos documentos é essencial para o tratamento da informação no interior das técnicas arquivísticas. Tal conceito classifica em três fases diferentes a vida de um documento. Seriam elas; fase corrente: o documento está em pleno uso funcional; fase intermediária; de acordo com a atividade que gerou o documento, o mesmo passa a ser menos utilizado, fase permanente; o documento concluiu seu prazo de atividade, sendo encaminhado para preservação.⁴⁰

Os documentos, classificados segundo sua tipologia, devem ser organizados a partir da elaboração do quadro de arranjo de um acervo. O arranjo é o esqueleto que fundamenta e orienta toda a organização do *corpus* documental. Segundo o Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística arranjo é a:

Sequência de operações intelectuais e físicas que visam à organização dos documentos de um arquivo ou coleção, utilizando-se diferentes métodos, de acordo com um plano ou quadro o previamente estabelecido.⁴¹

A elaboração do quadro de arranjo é própria de cada arquivo a partir da documentação presente em cada acervo. O arranjo indica os fundos, as séries e subséries fornecendo uma padronização para a identificação e classificação dos documentos.⁴² Dessa forma, segundo definição do Conselho Internacional de Arquivos (ISAD)⁴³, um fundo de arquivo corresponde a um conjunto de documentos, de qualquer formato ou suporte, produzidos organicamente e/ou reunidos e utilizados por uma pessoa física, família ou organismo no exercício das atividades e funções deste produtor⁴⁴. Nessa perspectiva pode-se deduzir que fundo documental seria então, um conjunto de documentos derivados de uma mesma proveniência.

Para exemplificarmos, citamos o Arquivo São Caetano que possui dois fundos distintos. No primeiro fundo encontramos a documentação referente às

⁴⁰ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2005. p. 14. p. 5, 6.

⁴¹ DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.p.29.

⁴² Cf: Anexo I.

⁴³ CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. ISAD(G): Norma geral internacional de descrição arquivística. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

⁴⁴ LOPEZ, André Porto Ancona. *Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Arquivo do Estado de São Paulo, 2002.p. 54.

atividades da Família Ferreira e Ramos, já o segundo fundo faz referência às atividades da banda Sociedade Musical São Caetano, cujos ensaios eram abrigados pela família Ferreira Ramos em seu casarão. Funções diferentes geram registros diferentes que se reúnem em fundos distintos. Assim, o conceito abarca a noção de organicidade interna do conjunto documental, de modo que o significado que o documento assume no momento da sua criação e sua função é respeitado também na acumulação. Concluímos que

Os documentos pertencentes a um determinado fundo guardam relações orgânicas entre si, constituindo uma unidade distinta (...), não podendo seus componentes serem separados de modo a constituir outros grupamentos aleatoriamente.⁴⁵

Por série documental compreende-se a reunião dos documentos que possuem a mesma procedência e foram gerados a partir da mesma atividade. Classificar os documentos numa série é uma prática normalizadora nos arquivos e condicionada por cada arquivista, segundo os critérios estipulados e as fontes constituintes do acervo. Em um arquivo privado, por exemplo, encontramos séries de jornais, cartas, fotografias, poesias dentre outras. As séries ainda podem se dividir em subséries devido a variações dos tipos documentais. Enquanto as séries reúnem documentos com as mesmas características, mas não necessariamente reunidos pelo acumulador, a coleção é um conjunto de documentos reunidos intencionalmente de acordo com suas características.

O quadro de arranjo de um acervo que determina a definição e classificação dos fundos, séries e tipos documentais precisamente será formulado respeitando o princípio da proveniência, seguindo a lógica de respeito aos fundos. Este fundamento busca aliar proveniência e ordem interna. Visa garantir a uniformidade de função, vigência e procedência, baseada na estrutura orgânica da entidade que o gerou respeitando o princípio de proveniência dos fundos⁴⁶. Para alcançar tal proposta é necessário analisar o ciclo vital dos documentos que compõe o acervo, traçando o processo destes até chegarem ao seu estado atual.

⁴⁵ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2005. p. 80, 81.

⁴⁶ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2005, p. 25.

A documentação do ASC sofreu inúmeras intervenções desde seu recebimento no Instituto de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Federal de Ouro Preto, em 1996, dentre as quais observamos que o princípio da proveniência não foi respeitado, não seguindo a lógica de arranjo em que os documentos se encontravam quando encontrados. No estágio em que nos tornamos responsáveis pela organização do acervo, muitos documentos já haviam se misturado e separados conforme a lógica de quem trabalhou no processo inicial de organização e não de quem o gerou.

1.8 Variações de acumulação nos arquivos privados e formas de abordagem.

Podemos observar duas modalidades de arquivos pessoais cujas acumulações são justificadas por diferentes motivações. Primeiro apontamos o arquivo pessoal que é decorrente das atividades que o sujeito exerce ao longo da vida e de suas relações, a segunda modalidade é o arquivo referente a pessoas públicas como, políticos, escritores, intelectuais. Na primeira classificação são as próprias atividades cotidianas e burocráticas que impõem a necessidade de termos e acumularmos registros. O segundo perfil de arquivo já indica a presença de determinada intencionalidade nas escolhas dos documentos preservados, no qual há maior preocupação e cautela com a constituição da identidade que o sujeito titular está formando para si. Habitualmente, encontramos nesses arquivos documentos relativos às atividades profissionais produzidas pelo titular ou pela instituição a qual pertence, assim como registros realizados por terceiros. Certamente estes arquivos de personalidades públicas sofreram muitas intervenções antes de estarem disponíveis para consulta.

Contudo, para Bellotto os arquivos pessoais são entendidos:

Como o [...] conjunto de papéis e material audiovisual ou iconográfico resultante da vida e da obra/atividade de estadistas, políticos, administradores, líderes de categorias profissionais, cientistas, escritores, artistas, etc. Enfim, pessoas cuja maneira de pensar, agir, atuar e viver possa ter algum interesse para as pesquisas nas respectivas áreas onde desenvolveram suas atividades; ou ainda, pessoas detentoras de informações inéditas em seus documentos que, se divulgadas na comunidade

científica e na sociedade civil, trarão fatos novos para as ciências, a arte e a sociedade.⁴⁷

De maneira clara, a citação acima não valoriza os arquivos de homens comuns, estes escapam ao interesse, segundo a definição. Porém percebemos entre os pesquisadores o interesse crescente por este tipo de abordagem na qual a escrita de si compõe diários, cartas, bilhetes, fotografias. Esta é a proposta do trabalho que desenvolvemos; colocar em análise e no centro, enquanto sujeitos históricos, os membros da família Ferreira e Ramos.

A emergência do cidadão moderno, dotado de direitos civis e políticos cria para si uma identidade própria e única, que passa a ter cada vez mais importância. O indivíduo enquanto autor de uma trajetória singular passa a ser valorizado ganhando espaço para a confecção de memórias pessoais e individuais na sociedade moderna.

O conhecimento de trajetórias ordinárias está ligado aos descobrimentos de contextos muito maiores, interligados às ações dos sujeitos. O pessoal, o único de cada indivíduo, apresenta-nos ainda mais que isso, nos indica sobre o social, nos fornece o micro servindo de ponte para desvelar o macro. Tal possibilidade de investigação introduzida na historiografia a partir das contribuições teórico-metodológicas propostas pelo eixo investigativo em que o sujeito emerge como principal objeto do conhecimento, no qual a vida do indivíduo ordinário é a micro história, dando aos sujeitos sociais vozes viabilizadas pela redução da escala de observação e aliada à minuciosa investigação documental.

A escrita da história ao se distanciar dos grandes feitos e da concepção de modelo a ser seguido, entrará em contato com o indivíduo e, conseqüentemente, com os arquivos pessoais.

Ao propor uma reflexão sobre os Arquivos Privados, colocamos em análise, conseqüentemente, a constituição do sujeito frente à sociedade, inserido em suas redes sociais e estratégias de sobrevivência em algum espaço no tempo histórico. Percorrer o modo de vida e compreensão de si através dos registros dos titulares, os grupos sociais aos quais pertenciam e as tramas ali instauradas são

⁴⁷ BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. São Paulo: T.A. Queiroz, 2005. p. 266.

tarefas para pesquisadores que recorrem aos meios da investigação viabilizada pela redução de escalas.

Elegendo trabalhar com a trajetória de um homem ordinário, fazemos referência à obra de Carlo Ginzburg, *O queijo e os vermes*⁴⁸, representativa da micro história, na qual, através do método do paradigma indiciário⁴⁹, o autor propõe uma análise baseada em indícios e fragmentos para recompor a realidade vivida por Menocchio, um moleiro italiano que viveu no século XVI e fora acusado de praticar heresias.

Trabalhos como esse nos indica como a reconstituição de trajetórias leva a apreensão da multiplicidade de memórias individuais e realidades sociais. Ao aprofundar-se na elaboração de uma identidade individual, coloca-se o embate entre diversas memórias do próprio sujeito e destas com o grupo social no qual esteve inserido.⁵⁰

Outras perspectivas historiográficas são apresentadas, orientando-se pelo segundo viés apresentado acima, ou seja, os estudos baseados em trajetórias e registros de homens públicos. Fazemos referência aos trabalhos de Ângela de Castro Gomes e Luciana Heymann ao analisarem os registros autobiográficos de Gustavo Capanema, dentre outras figuras públicas como Filinto Muller também estudado por Heymann⁵¹. A tese de doutorado de Giselle Martins Venancio se dedica à trajetória de Oliveira Vianna, importante intelectual brasileiro da Primeira República⁵². Ao longo de sua vida, Vianna organizou um arquivo e uma biblioteca pessoais que permitiram a Venancio formular o esboço da biografia do

⁴⁸ GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os vermes: o cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁴⁹ O paradigma indiciário é a proposta de um método orientada pela busca de indícios semelhante a pequenas pistas capazes de indicarem a remontagem de uma realidade mais complexa, fornecendo conclusões mais abrangentes, desta forma construindo o conhecimento de uma realidade maior que o objeto de pesquisa em si. Cf: GUINZBURG, Carlos. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Cia. das Letras 1989.

⁵⁰ A referência acima ao trabalho de Carlo Guinzburg, orientado pela metodologia da micro história, não se refere à utilização feita pelo autor de registros encontrados em acervos pessoais, mas foi elegido como exemplo por privilegiar a trajetória de um homem comum. Já Gomes e Venancio analisaram a trajetória de homens públicos, com trabalhos pautados fundamentalmente nos acervos dos sujeitos escolhidos.

⁵¹ Cf: HEYMANN, Luciana Quillet. *Indivíduo, Memória e Resíduos Históricos: uma reflexão a sobre arquivos pessoais e o caso de Filinto Müller*. *Revistas de Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Editora FGV, v. 19. 1997. GOMES, Ângela de Castro. *Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 21, jan/jun. 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 20 fev. 2013.

⁵² VENANCIO, Giselle Martins. *Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883-1951)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003. XIV, 340 f. Tese (Doutorado).

intelectual. O arquivo privado e a biblioteca, certamente, fabricam a memória desse sujeito, indicando as escolhas e intenções públicas de Oliveira Vianna, assim como sua autopercepção. O Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC), considerado um dos pioneiros na definição de metodologia para tratamento de arquivos pessoais, abriga inúmeras pesquisas baseadas em arquivos pessoais de figuras públicas.

Sejam abordagens microscópicas em reduzidas análises ou biografias reconstituídas através de acervos pessoais, constatamos que os arquivos privados fornecem conhecimento diversificado, exigindo uma análise cautelosa de suas fontes, guardando as pretensões de encontrar uma unidade ou espelho da trajetória da vida do titular. Além de metodologias e teorias, o pesquisador que se envereda pelas fontes pessoais lançará mão de sua sensibilidade para lidar com expressões da experiência humana, registradas a partir de impressões alheias.

O processo de produção dos arquivos privados não segue uma lógica comum de confecção inserida em padrões ou normas. Porém, identificamos que os documentos em seu conjunto traduzem referências para compreensão do momento histórico em que estão inseridos. Essas referências são fundamentais para a compreensão do arquivo e dos seus personagens.

Retomando ao nosso campo de análise, o ASC, identificamos que nosso trabalho busca compreender trajetórias de homens comuns, os membros da família Ferreira e Ramos, a partir da escrita de si que esses acumularam.

As correspondências escritas pelos membros da família Ferreira e Ramos nos aproximam das mencionadas “transformações de várias tradições”, indicadas por Revel e do cotidiano desses missivistas no início do século XX, nos indicando as diferentes realidades nas quais a atmosfera da modernidade atravessou nessa época e sobre a importância das cartas enquanto canal de importação e exportação de imagens e impressões. As práticas sociais de trabalho, comércio, ocupação espacial reinventaram os espaços das cidades, construindo novas maneiras de promover encontros e resistências dentro das culturas urbanas. A idéia do momento era acompanhar o progresso e isso significava alinhar-se com os padrões europeus.

Os variados registros presentes no ASC evidenciam de que maneira uma trajetória individual se modifica ao longo do tempo. As fontes mostram:

Como o mesmo período da vida de uma pessoa pode ser decomposto em tempos com ritmos diversos: um tempo da casa, um tempo do trabalho, etc. e esse indivíduo que postula uma identidade para si e busca registrar sua vida, não é mais apenas o grande o homem, isto é o homem público, o herói. ”⁵³

O período histórico que compreende o marco temporal do ASC abrange o final do século XIX e início do XX. Os ideais da modernidade estavam se propagando com a mudança da capital de Vila Rica para Belo Horizonte, a construção de ferrovias e impulsivo industrial, indicando dinamismo econômico e a modernização das regiões. Assim a vida social das cidades, com ritmos diferenciados de acordo com cada lugar, no momento dessa virada de século corresponde, grosso modo, a um período de modernização técnica e também mudanças sociais dadas a partir das construções simbólicas ligadas ao modo de vida⁵⁴. A documentação do ASC nos permite identificar as mudanças na maneira de perceber o mundo ao redor e registrá-las. Os sujeitos desse período estavam inseridos na fronteira entre o tradicional e o moderno, combinando os novos elementos aos antigos e assim dando sentido a modernidade. José Murilo de Carvalho indicaria para esse momento que:

A força da tradição não se revela apenas na reação as mudanças. Ela estava presente no próprio conteúdo do que era visto e considerado moderno para setores da elite da época de que nos ocupamos. Moderno, modernidade, modernização, significava muita coisa. Eram novidades tecnológicas: a estrada de ferro, a eletricidade, o telégrafo, o telefone, o cinema, o automóvel, o avião; eram as instituições científicas [...] eram as novas idéias, o materialismo, o positivismo, o evolucionismo, o darwinismo social, o livre cambismo, o secularismo, o republicanismo; era a indústria, a imigração européia, o branco; era a última moda feminina de Paris, a última moda masculina de Londres, a língua e a literatura francesa[...] ⁵⁵

⁵³ GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. *EstudosHistóricos*. Rio de Janeiro, v. 21, jan/jun. 1998. p.13. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 20 nov. 2012.

⁵⁴ COSTA, Manuela Areais. Notas sociais: as práticas da banda da Sociedade Musical São Caetano (1890 – 1930). 2010. 94 f. Monografia – Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana: UFOP, 2010.

⁵⁵ CARVALHO, José Murilo de. Pontos e bordados: escritos de história e política. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.p.120.

Destaca-se dentro dos titulares do Arquivo São Caetano, Arlindo Ramos, sujeito que desempenhou diversificadas funções como escrivão contabilista, comerciante, músico, poeta, fotógrafo, revelando-se colecionador de partes musicais, sendo inclusive autor de algumas delas. Destacamos que o Arquivo Privado São Caetano abriga documentos referentes às atividades de diversos sujeitos que pertenceram à família Ferreira Ramos, dentre os quais privilegiamos a trajetória de Arlindo Ramos. Portanto, o ASC não é um arquivo pessoal, ou seja, composto por documentos produzidos e acumulados por um único indivíduo, mas sim de uma família.

Retomando ao Arlindo, destacamos que o maior tipo documental produzido e acumulado por ele, as cartas pessoais, podem ser separadas em três conjuntos: amigos, namorada e parentes⁵⁶. Articuladas com as demais correspondências que constituem a série de cartas pessoais podem fornecer dados através dos quais poderemos estabelecer a formação das redes de sociabilidade desempenhadas pelo nosso titular. As cartas trazem minúcias que reunidas, podem constituir um quadro mais amplo que nos interessa e será explorada no terceiro capítulo deste trabalho.

As correspondências, tipo documental recorrente em arquivos privados, são ricos vestígios que subsidiam a análise das relações pessoais e permitem mapear as redes de relação dos sujeitos. Tais registros possibilitam ao pesquisador estabelecer um estudo relacional a partir das interações que os sujeitos estabelecem através da escrita e por esse caminho reconstruir este processo de troca epistolar que tanto diz sobre os laços sociais estabelecidos.

O historiador espanhol, Jose Beunza, referencia um momento da historiografia em que o enfoque predominante eram os estudos demográficos e econômicos, as estruturas mentais e seriais e que:

Nas últimas décadas, com o retorno ao primeiro plano do sujeito como um ator da história e, portanto, como um ponto de partida para escrever uma história a partir dos atores e suas configurações coletivas, se descobriu a correspondência como uma grande oportunidade.⁵⁷

⁵⁶ LIMA, Kléverson Teodoro de. São Caetano: vestígios no início do século XX. Relatório final PIBIC-CNPQ (Graduação em História) – Universidade Federal de Ouro Preto. 2001.

⁵⁷ BEUNZA, Jose Maria I. Redes sociales y correspondencia epistolar. Del análisis cualitativo delas relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. Revista hispana para el

Beunza, em seus estudos, busca restabelecer as redes sociais traçadas pelas famílias da elite da região de Navarra e País Basco explorando as bases materiais do poder, que estabeleciam e separavam a elite e o povo. A fim de demonstrar a ascensão da elite condicionada pela concessão de privilégios dispensados pela Coroa, o autor investiga, através de correspondências, livros de notas, registros civis tais práticas. As fontes elencadas pelo autor indicam a possibilidade de explorar diversos tipos documentais que assumem caráter incontestável de fonte e fornecem diferentes caminhos de investigação.

1.9 Evidência de si e Memória.

Para alguns estudiosos como Jacques Le Goff , Fausto Colombo e Ulpiano Meneses, a sociedade pós-moderna possui como marca a preocupação com a memória, a identidade e as tradições. Vivenciamos um tempo em que repudiamos o esquecimento e privilegiamos o arquivamento, sobretudo daquilo que nos defina, que seja parte integrante de nossa identidade. Para Meneses, a memória:

Como suporte dos processos de identidade e reivindicações respectivas está na ordem do dia. Estado [...], entidades privadas, empresas, imprensa, partidos políticos, movimentos sindicais, de minorias e de marginalizados, associações de bairro, escolas, e assim por diante, todos têm procurado destilar sua auto-imagem – mais raramente e com dificuldade a da sociedade como um todo. Palavras-chave são “resgate”, “recuperação” e “preservação” – todas pressupondo uma essência frágil que necessita de cuidados especiais para não se deteriorar ou perder uma substância preexistente.⁵⁸

Através de quais locais, recursos, práticas e suportes produzimos e difundimos memórias, remontando ao conceito de memória coletiva⁵⁹ dos

análisis de redes sociales, v.21, Diciembre 2011. Disponível em: <<http://revista-redes.rediris.es>>. Acesso em: 10 nov. 2013. Tradução nossa.

⁵⁸ MENESES, Ulpiano T. Bezerra. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformação. In: SILVA, Zélia Lopes da (org.). *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP/FAPESP, 1999, p.12.

⁵⁹ Le Goff retoma uma passagem de Pierre Nora em seu verbete sobre a Memória, classificada como Memória Coletiva “o que fica do passado no vivido dos grupos ou o que os grupos fazem do passado.” LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990. p.472). Assim, contempla-se não apenas ao que se preserva da experiência humana, mas também o que os grupos sociais fazem desta experiência humana preservada. A possibilidade de conhecimento dessa memória coletiva está implicada também as definições sobre

trabalhos de Maurice Halbwachs ?⁶⁰ Certamente a perspectiva de lugares de memória, proposta conceitual de Pierre Nora, abre uma nova possibilidade para compreender a organização e percepção da memória coletiva. Quais seriam então esses lugares de memória? Jacques Le Goff os enumera, a partir de uma passagem de Pierre Nora em seu verbete sobre a memória:

Os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações.⁶¹

Eis alguns exemplos dos complexos e extensos ambientes compreendidos como lugares de memória, que revelam uma herança de conhecimentos sobre si, de grupos específicos ou da coletividade. Onde há registro do humano pode-se dizer que a memória estabelece-se gerando os seus lugares. Segundo Pierre Nora,⁶² a multiplicação dos lugares de memórias esta associada ao permanente perigo do esquecimento ao qual as sociedades contemporâneas estão submetidas, uma vez que as transformações e as mudanças acontecem de modo acelerado. Os lugares de memória permitem então que esta seja sempre atualizada e revisitada.

Desta forma, além da construção da memória própria do sujeito em relação à sua trajetória, o arquivo constitui-se também enquanto um lugar de memória que irá unir em um espaço físico (o arquivo) o suporte para a formação da memória (imaterial) a partir da exploração das fontes. Observamos, assim, o uso que os pesquisadores fazem desses lugares de memória em um contexto em que o passado é sempre evocado.

Ao escrever sobre memória e História, Nora estava inserido em um momento de revisão do ofício historiográfico cujo desafio era solucionar a impossibilidade de construção de uma História total. A década de 1970 e o

documento/monumento propostas por Le Goff. Segundo o autor: O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa.(LE GOFF, 1990).

⁶⁰ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2004.

⁶¹ GOFF, Jacques. "Memória". In: *História e Memória*. Campinas: Ed. Unicamp, 1990. p.473

⁶² NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. n. 10. 1993.

descontentamento com o mundo pós-industrializado instaura uma crise na qual a sociedade necessita de se reelaborar ao compreender que o passado não pode ser referencial de exemplos. A sociedade moderna pareceu estar sempre em ruptura com o passado, porém, indica Nora que a sociedade tem sim a necessidade do passado e que ele se mostra latente através da busca pela memória.

O enlace entre memória e História constrói uma narrativa que caracteriza o passado como um processo que está mais perto do que imaginamos, pois ele não está morto, é revisitado constantemente. “A verdadeira percepção do passado consistia em considerar que ele não era verdadeiramente passado”⁶³.

Na relação entre memória e História, Durval Muniz de Albuquerque Júnior, instrui aos historiadores quanto à transplantação de vícios teóricos e metodológicos utilizados em outros campos. O uso das memórias não deve ser compreendido como sinônimo da História, ou seja, a memória não é História puramente falando. Devemos debruçar nossa reflexão ao pensar de que maneira o historiador vai tratar a memória como fonte. Para Albuquerque Júnior:

Cuidados que devem ir desde uma clara conceituação de memória e de História, que evite considerar as memórias um discurso mais verdadeiro, mais próximo do que teria sido a verdadeira história em contraponto à história oficial, até uma mais clara definição de métodos, tanto no que diz respeito à coleta destas memórias como no seu emprego posterior no interior de um discurso historiográfico.⁶⁴

As indagações sugeridas pelo ofício do historiador acerca da veracidade dos documentos qualificando-os como objetivos e confiáveis evidenciam que a compreensão daquilo que deve ou não ser classificado como fonte documental, depende mais do discurso construído em uma época. Nesse sentido, para o historiador, a seleção do que parece mais pertinente à investigação não obedece a uma ordem natural de importância, porém tal seleção é condicionada por um determinado período, refletindo as perguntas do seu próprio tempo.

A memória que se extrai dos arquivos privados é, portanto, viva e dinâmica a cada visita, dando sentido e forma ao conjunto e seus agentes. Reconduz eternamente a novas interpretações. Identificamos a memória, quer seja

⁶³ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP, n. 10, 1993, p.18.

⁶⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. História: a arte de inventar o passado. *Ensaio de teorias da história*. Bauru:Edusc, 2007, p. 200.

individual ou coletiva, como um esforço de constituir uma identidade para si e para os outros. Este desejo ou dever de memória resulta no desejo de preservação do passado através de museus, monumentos, centros históricos, bibliotecas, dentre outros. O indivíduo em meio a este processo e enquanto portador de uma memória individual é impelido a guardar suas lembranças através de fotografias, bilhetes, diários, objetos, tendo em vista a brevidade dos instantes. Até mesmo a concepção de memória individual sugere sua interação com outros, pois o indivíduo é fruto de suas relações sociais, portanto a memória não é algo imutável. Quanto a este processo, afirmou Eclea Bosi:

É preciso reconhecer que muitas de nossas lembranças, ou mesmo de nossas idéias, não são originais: foram inspiradas nas conversas com os outros. Com o correr do tempo elas passam a ter uma história dentro da gente [...]. Parecem tão nossas que ficaríamos surpresos se nos dissessem o seu ponto exato de entrada em nossa vida. Elas foram formuladas por outrem, e nós, simplesmente, as incorporamos ao nosso cabedal. Na maioria dos casos creio que este não seja um processo consciente.⁶⁵

Do arquivo enquanto um lugar de memória decorre um misto de História e memória na tentativa de reunificar o indivíduo fragmentado da sociedade moderna. A escrita da História, a partir dos lugares de memória, pretende estabelecer uma narrativa na qual os indivíduos se reconheçam como sujeitos reunindo a multiplicidade de memórias possíveis, encontrando um significado inteligível. Assume essa conotação ao se tornarem uma construção histórica, em que se estabelece a relação dos titulares com seu passado, memória e onde fica resguardado um espaço para o não esquecimento. "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora".⁶⁶ Essa concepção para o conceito de memória, ocupa-se não apenas do que se preservar da experiência humana, mas também do que os grupos sociais fazem com essa experiência humana preservada.

⁶⁵ BOSI, Eclea. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. p.407.

⁶⁶ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*. São Paulo: PUC-SP. n.10. 1993, p.12.

Os sujeitos construtores da História são, enfim, todos que de forma anônima ou pública, deixam marcas e registros de sua existência, visíveis, palpáveis, materiais ou invisíveis, legando sinais de intervenções sociais, culturais, econômicas, políticas. É nesta dinâmica que a memória constituída desses sujeitos e do passado se insere enquanto plural e coletiva, entrecruzando tempos múltiplos, dos quais os sujeitos e o passado deixaram fragmentos. A construção da memória ultrapassa o tempo individual dos titulares de um acervo, pois estes agentes trazem consigo dimensões do social, como a inserção social, familiar, as tradições culturais locais, somando-se variados aspectos de experiências que constituem facetas delicadas e complexas dos sujeitos.

Aurélio Vianna, Maurício Lissovsky e Paulo Sérgio Moraes de Sá conferem à transitoriedade da humanidade, a preservação dos vestígios e das lembranças que deixamos como sinais do que os autores chamam de “exercício de rememoração.” Os documentos produzidos assumem um primeiro sentido no pensamento do titular e outro no conjunto dos documentos acumulados. Identificamos assim que o documento ocupa um lugar no conjunto das representações do titular que escolhe o que preservar e outro lugar a partir da colocação que recebe no arranjo documental. Nas palavras dos autores:

O que acumulou um colecionador é tudo aquilo que não descartou tudo aquilo que de maneira ou outra fazia sentido preservar. Isto não significa afirmar que somente o que leu, o que concretamente tomou em mãos, sobre o que expressamente emitiu juízo, venha a configurar o universo de sua coleção.⁶⁷

A memória apresenta claramente muitos lugares. Desde os núcleos familiares às atividades mais corriqueiras os indivíduos registram suas memórias através de recursos como os álbuns de fotografia, até os grandes Estados ao erguerem monumentos, museus ou arquivos que visam constituir uma identidade, ela está ligada, portando, à aprendizagem de experiências passadas e é uma necessidade que perpassa as sociedades. Assim identificamos um caráter social na construção da memória dos sujeitos ao associarem questões relativas ao tempo e a História, formando identidades, tradições e representação.

⁶⁷VIANNA, Aurélio. A vontade de guardar. Lógica da acumulação em arquivos privados. Arquivo e administração. RJ. V. 10-14. n. 2, 1986. p. 65.

CAPÍTULO II: POR QUE REGISTRAMOS NOSSAS VIDAS? REPRESENTAÇÃO E SENSIBILIDADE.

2.1 As mudanças da escrita de si entre os séculos XVIII e XIX.

Através da escrita de si, os sujeitos transformam seus escritos em algo além de meros registros, os tornam testemunhos, impressões da história mesmo que involuntariamente. A escrita ordinária, cotidiana de homens simples não é objeto de fácil interpretação, pois pode parecer para muitos, apenas uma simples compilação de registros disponíveis à serventia de nutrir a curiosidade de quem os contempla. Contudo, oferecendo suporte para análises mais profundas, os registros pessoais, indicam muito sobre a prática da escrita e acumulação de tais registros pelos sujeitos. Ao analisarmos a escrita de si a partir do século XIX identificamos uma nova orientação que encaminha a fabricação destes registros, uma vez que a escrita pessoal do século XVIII estava atrelada às demandas aristocráticas, administrativas, assumindo muito mais um cunho informativo e oficial. Sendo assim, era um instrumento necessário para poucos, constituindo-se numa ferramenta privilegiada que deixava evidentes as marcas de uma sociedade hierarquizada.

Para os séculos XVIII e XIX no Brasil, nota-se a presença de registros do cotidiano das fazendas, relatos de viagem e práticas comerciais, diários, agendas, álbuns de família, além de toda documentação oficial como inventários, processos, certidões. Sobre a relação entre memória e história, baseando-se em registros da vida privada de fazendeiros da época do Brasil império, Ana Maria Mauad e Mariana Muaze afirmam:

As formas de registro privadas mais comuns foram os chamados ‘livros de assento’, cadernos de anotações em que o chefe da família apontava os principais acontecimentos da história doméstica (casamentos, nascimentos, batizados e falecimentos). O objetivo prático desse tipo de registro era desenvolver estratégias cotidianas que impedissem o esquecimento e garantissem o controle da informação, principalmente no que dizia respeito a operações associadas à preservação do patrimônio, como: o dinheiro que se emprestou

ou se tomou emprestado, os lucros ou os prejuízos com as safras, etc.⁶⁸

Estas formas de registros pessoais mencionadas, dentre outras, permitem explorar marcas da vida privada, conferindo especificidade da prática às famílias nobres, possuindo, assim distinção social indicada no hábito de registrar seus negócios e condutas típicas de uma família da boa sociedade. Certificando o caráter de hereditariedade dos registros e fazendo referência ao diário da Viscondessa de Arcozelo, as autoras indicam que:

O relato nos dá a impressão de que boa parte da figuração desse mundo rural oitocentista foi criada com base nas ‘tintas’ ou nas chaves de leituras dos estrangeiros, que nos olhavam de fora e teimavam em nos cadastrar à luz da linha evolutiva da sociedade europeia.⁶⁹

Percebemos, assim, uma cultura da escrita que se ocupava em instruir, como uma espécie de manual que visa estabelecer padrões de comportamento e condutas sociais. Mesmo se alterando ao longo do tempo, orientada por formas diferentes, as práticas de registros privados é fundadora desde já de identidade. Com o tempo, esta identidade trará a necessidade de se materializar em um jogo de reflexos percebido em diários, biografias, fotografias, definindo cada vez mais o individualismo dos agentes históricos, produzindo uma memória e conhecimento sobre si que se articulam com as esferas do público e do privado.

Segundo Evaldo Cabral de Mello⁷⁰, as fontes indicam para o período do século XVIII até meados do século XIX, no Brasil, poucos registros pessoais como diários e cartas pessoais. Tais formas de registros da intimidade foram pouco praticadas, assim como preservadas. Sendo restritas as informações das quais dispomos é delicado uma reflexão sobre a vida privada a fim de compreender como se comportavam e o que sentiam na intimidade os homens

⁶⁸ MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, A. C. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.198.

⁶⁹ MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, A. C. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p.198.

⁷⁰ MELLO, Cabral de Evaldo. O fim das casas-grandes. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de. (org.). *História da vida privada no Brasil: Império* (vol. II), São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

dessa época. O autor atribui à cultura católica esta lacuna na confecção de registros pessoais. Acostumada mais às formas de sociabilidades extras domésticas, a prática da confissão substituiria para a sociedade imperial a necessidade de se registrar por escrito. Certamente outros fatores também contribuíram para tal configuração como, por exemplo, os baixos níveis de alfabetização e até mesmo na diferenciação da definição do eu como conhecemos a partir do século XIX e XX. Para Gilberto Freyre a questão religiosa também se coloca. Para o autor:

Aqui, o confessional absorveu os segredos pessoais e de família, estancando nos homens, e principalmente, nas mulheres essa vontade de se revelarem aos outros que nos países protestantes provê o estudioso da história íntima de tantos diários, confidências, cartas, memórias, autobiografias, romances autobiográficos.⁷¹

Resguardando as proporções das noções e apreensões assumidas segundo o período vivenciado, certamente as definições de eu, nós, público e privado que os homens oitocentistas formulavam para si se distinguem das que temos hoje. A figura do homem público era a que predominava no imaginário enquanto um pai de família, respeitável, junto a uma mulher honesta e dedicada ao lar. Estas são características e concepções que colocam em segundo plano o individualismo. Deste modo, supomos que a expressão do eu tomou outras formas para além de diários e registros íntimos.

Segundo Cabral de Mello, no Brasil imperial, o registro privado que proliferou foram os livros de assento.⁷² Estes eram pequenos cadernos nos quais os chefes de família registravam as atividades domésticas mais importantes como casamentos, nascimentos, batizados, falecimentos. Dispunham também sobre balanços financeiros registrando compras, vendas, empréstimos, lucros, prejuízos.

Cabral de Mello utiliza como fonte o diário pessoal de Sebastião Antônio Acióli Lins, barão de Goicana (1829 -91) cujo conteúdo aborda transações comerciais, negócios relativos à plantação de açúcar. Outra análise é feita do perfil biográfico de João Joaquim da Cunha Rego Barros (1787 – 1874) escrita

⁷¹ FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Global, 2003, p. 4.

⁷² A mesma afirmação foi feita pelas autoras: MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana e exposta no texto.

pelo seu genro e sobrinho, João Alfredo Correia de Oliveira. O diário é um registro quase imediato das experiências vividas enquanto a biografia, uma reconstituição de uma trajetória que já se encerrou, porém ambos os gêneros perpassam as apreensões de vida privada de dois senhores de engenho pernambucanos no século XIX.

Além das preocupações com a cotação do açúcar, outra inquietação recorrente nos registros do diário de Acióli Lins são as decorrentes do clima, condições atmosféricas. Seu engenho situava-se na mata úmida de Pernambuco, uma área bem mais chuvosa do que o restante do Nordeste.

As preocupações com o tempo meteorológico também estão presentes nas correspondências analisadas por Amanda Dutra Hot⁷³ em sua dissertação de mestrado. A natureza intervinha na vida dos sujeitos e o desenrolar do cotidiano dependia dele. Podemos encontrar nas cartas da família Teixeira de Souza Magalhães, residente em Ouro Preto, referência a tempos de chuvas constantes, nos quais era inviável sair de casa, não havendo nem os tradicionais bailes da corte, assim como dias de intenso calor, nos quais o sol era prejudicial. As correspondências deste grupo familiar tiveram como principal expoente a baronesa e viscondessa de Camargos, Maria Leonor de Magalhães Teixeira, fornecendo informações sobre organização familiar de membros da elite oitocentista. Os conteúdos dos registros analisados por Dutra indicam o cotidiano de pessoas preocupadas com a questão social no qual se vivenciam casamentos arranjados, concessão de dotes, aquisição de títulos, preocupação com a boa educação dos filhos. Os registros pessoais desta família, assim como a maioria dos demais, se preocupam com a perpetuação da riqueza e o status social que ocupam.

Outra referência na historiografia, o diário analisado por Ana Maria Mauad e Mariana Muaze⁷⁴, já mencionada, também é centrado na figura de uma mulher, a viscondessa de Arcozelo, e expressa as práticas de administração da casa. Identificamos assim, a ocorrência de registros pessoais com autores de ambos os sexos e que tais registros não abordam, especificamente, questões

⁷³ HOT, Amanda. Cartas à Viscondessa [manuscrito]: cotidiano e vida familiar no Brasil Império. Ouro Preto, 1850 - 1902. 141f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto: UFOP, 2010.

⁷⁴ MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, A. C. (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

íntimas, desabafos, emoções, mas, sobretudo, preocupações que se encarregam em manter a condição pública da família.

Segundo indica Francisca Ferrer ⁷⁵, que se propôs a analisar, a partir dos registros pessoais do diário do Coronel Manoel Lucas de Oliveira, o cotidiano e as práticas sociais no Rio Grande do Sul, mas precisamente no ano de 1865, os diários no século XIX eram produzidos mais por homens. A produção feminina tinha sua ocorrência, porém com menor visibilidade. Ao contrário de um romance que se baseia em ficção e de uma biografia que se pauta em fatos já ocorridos, o diário abarca o tempo presente, contínuo que está acompanhando a vida de um sujeito.

Maria Helena Machado também produziu estudos relacionados à confecção de diários, no caso, abordou o diário íntimo de José Vieira Couto de Magalhães. A fonte citada é capaz de indicar:

O processo de constituição de uma individualidade adequada à modernidade do *fin de siècle* e seus desafios, exemplificando acima de tudo a tensão das elites brasileiras que, com base na vivência da realidade colonial, tinham que enfrentar as pressões de um mundo em rápida transformação. ⁷⁶

Com base no que foi afirmado pela autora, podemos repensar a análise do diário a partir de seu caráter privado. Originalmente, quando se fala em diário remetemos às características íntimas e privadas que pretende registrar experiências, produzir desabafos, expressar emoções, manifestar expectativas. Contudo, Machado indica para a análise do diário de José Vieira Couto de Magalhães, discussões associadas à saúde e aos cuidados médicos e também da sexualidade que por vezes, nesse último caso, o autor lançava mão da linguagem tupi como forma de código, visando preservar o conteúdo da sua escrita.

Francisca Ferrer compreende traços de confluência entre os diários citados e também características que os separam. Segundo a autora, ambos apresentam registros dos relacionamentos pessoais, das atividades econômicas e de sujeitos sociais inseridos num contexto histórico de rápidas transformações. Por sua vez,

⁷⁵ FERRER, Francisca Carla Santos. Registros diários do Coronel Manoel Lucas de Oliveira. *Historiae*, v. 2, n.1 (2011).

⁷⁶ MACHADO, Maria Helena P. T. *Brasil a vapor: raça, ciência e viagem no século XIX*. Tese apresentada para o concurso de Livre-Docência. São Paulo, ago. 2005.p.42.

Couto de Magalhães expressa sua sexualidade enquanto Manuel Lucas faz referência à família nuclear, filhos, esposa e também à família extensa, sogros, cunhados e amigos. Os dois diários indicam práticas semelhantes de registro, mas possuem suas especificidades de abordagens e preocupações demarcando o caráter íntimo e individual de cada um deles.

O processo iniciado no século das Luzes visava estabelecer a definição de indivíduo enquanto sujeito autônomo, dotado de razão que deveria construir uma identidade singular para si. Para Maria Helena Machado, a escrita de si sempre foi escassa em nossa sociedade, diferentemente da popularidade alcançada pelo gênero na Europa e nos Estados Unidos durante o século XIX. Na História do Brasil Império, portanto, o diário é uma fonte escassa. Segundo Machado:

Foi apenas tardiamente, em tempos mais modernos, via psicanálise, que a sociedade brasileira viu vulgarizar-se a escrita enquanto gênero, o que por si só justificaria a transcrição, anotações e divulgação do diário de um indivíduo da segunda metade do século XIX.⁷⁷

Neste sentido, os pesquisadores que trabalham com este tipo de fonte estão lidando com o resultado de uma prática não muito comum, sendo, pois uma exceção e neste sentido, os registros de si muito têm a dizer sobre impressões dos sujeitos, além de histórias individuais e representações do que foi vivido e apreendido.

2.2 A emergência do homem moderno: os registros de si como evidência da sensibilidade.

Peter Gay⁷⁸, pesquisador da História social das idéias, escreveu obras que abordaram a experiência burguesa no século XIX, assim como a formação da sensibilidade característica desta cultura. A constituição do “eu” burguês, a formação da cultura burguesa a partir de suas próprias marcas constituídas em meio a incertezas são temas abordados pelo autor que convida-nos a pensar sobre

⁷⁷ MACHADO, Maria Helena P. T. Introdução. In: MAGALHÃES, José Vieira Couto de. *Diário íntimo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 20-21.

⁷⁸ Cf. GAY, Peter. *A Educação dos Sentidos. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

uma camada social desejosa por distinção social e reconhecimento. Há uma grande preocupação com o “eu” na busca de conquistar um espaço social. Os burgueses fazem incessantemente o exercício da introspecção, explorando e expondo suas particularidades. Numa época de mudanças aceleradas, esses sujeitos, inseridos em um ritmo diferente de vida, sofrem o impacto dessa realidade que altera os modos comportamentais e de apreensão dos sentidos. Desta forma, influenciando na formação da experiência burguesa. Todo o progresso ocorrido no século XIX acarretou em sentimentos de incertezas e perturbações quanto à nova configuração social que se estabelecia. A ansiedade e instabilidade geradas frente a estes movimentos causaram tensões que opunham o anseio de modernidade e originalidade ao medo e à necessidade de afirmação do indivíduo. A necessidade de diferenciação em relação às outras classes demandava novos modos de pensar e compreender o próprio indivíduo. Este vai ser direcionado pelos ideais burgueses que vão se formando, como a necessidade de privacidade, diferenciação entre vida pública e privada, respeito ao trabalho e família.

Peter Gay aprofunda sua análise social adentrando no que há de mais pessoal e íntimo nessa sociedade. Tal efeito é alcançado, em muito, pelas fontes utilizadas. O autor lança mão de cartas pessoais, diários, manuais, obras de arte, dentre outros. Todos estes tipos documentais dizem muito da experiência desses indivíduos desvelando sentimentos, hábitos, incertezas e anseios na tentativa de recuperar o modo como as mudanças daquele século foram recebidas e apreendidas. Os estudos de Peter Gay contribuem para a pesquisa em questão ao propor uma reflexão sobre as sensibilidades dos indivíduos no que tange ao reconhecimento de suas experiências e valorização das mesmas enquanto pessoais e únicas, assim como a forma de registrarem e apreenderem suas vidas e experiências. Certamente se entrecruzam ao caráter privado dos registros pessoais, dimensões da vida privada e do cotidiano valorizando o indivíduo enquanto tal. Essas escolhas metodológicas focam em sujeitos anônimos sobre os quais, na maioria das vezes, os registros de si mesmos são as únicas fontes disponíveis que permitem o conhecimento, indicando sensibilidades e sentimentos.

Segundo Ronaldo Vainfas⁷⁹, a incorporação da vida privada à pesquisa historiográfica ocorreu a partir de 1980 quando a História das Mentalidades apresentava sinais de desgaste. Vainfas indica Georges Duby, a partir da organização da obra História da Vida Privada, em seus cinco volumes, como ponto de partida primordial que orientou a reflexão sobre a vida privada enquanto campo de investigação e objeto da História. Georges Duby compreende como História do cotidiano uma leitura microscópica da História que sugira uma análise da vida privada focada em descrições e explicações. Em ambas as perspectivas a tarefa do historiador é ir além de meras curiosidades e integrar sua análise a contextos sociais mais amplos.

A História do Cotidiano não significa se ocupar de banalidades, ingenuidades que se passam no dia a dia, ausentes do poder transformador da realidade. Este tipo de análise empobrecida que separava história e cotidiano acontecia, segundo Norberto Guarinello, pela compreensão do cotidiano como o “tempo do não acontecimento,”⁸⁰ enquanto na verdade nele se constitui o momento em que uma sucessão de atos do presente se agrega, constituindo o fluxo contínuo da vida. Quer seja para compreender as estruturas observadas dentro deste cotidiano ou as estratégias individuais de negociação com o mundo social, o cotidiano tende a valorizar a intersubjetividade dos sujeitos diante da vida. Desta forma, o cotidiano representa um tempo histórico em que os fatos acontecem “em um dado dia, num tempo brevíssimo, uma efeméride”, somando-se ao que “acontece todos os dias, portanto num tempo potencialmente longo.” O espaço, portanto, que permite o desenrolar deste tempo do cotidiano propõe uma espacialidade cada vez mais reduzida, ou seja, acontecem nas cidades, nas fábricas, nas casas, nos quartos de cada um, na privacidade viabilizada pela concepção do espaço privado. Neste identificamos uma história que acontece em oposição ao espaço público, impulsionada pela intimidade das relações sociais, das estruturas e hierarquizações cotidianas, costumes e tensões. Assim, compreendemos o cotidiano como a dimensão temporal para a realização das ações humanas, assinalado pelo ritmo lento, porém gradual dos eventos diários e o

⁷⁹ VAINFAS, Ronaldo. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. In: *Anais do Museu Paulista*, vol 4, São Paulo. 1996.

⁸⁰ GUARINELLO, Norberto L. História científica, História contemporânea e História do Cotidiano. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 24, n° 48, 2004.p.25.

espaço privado o local onde se dão as relações particulares e individuais. O cotidiano é reconhecido desde sempre devido às atividades rotineiras que circundam as trajetórias dos indivíduos, enquanto a vida privada ganhou contornos mais definidos a partir da constituição do individualismo imposto pela sociedade moderna.

O século XIX foi marcado transformações importantes ligadas ao modelo capitalista de produção fazendo emergir uma nova configuração individualista, a oposição da vida humana entre pública e privada, nascida na classe burguesa do século XVIII se intensificou. O homem moderno se desvinculava cada vez mais da coletividade, sendo o indivíduo o responsável pela produção dos bens, tornando-se o ponto de partida na constituição das relações sociais. Este processo se desenvolveu mais rapidamente nos países europeus, acontecendo mais tardiamente para o Brasil e para outros países americanos. Esta necessidade de individualização diante de um mundo em transformação pode ser identificada, por exemplo, através da disseminação da fotografia, simpática aos homens ligados à ascensão da sociedade burguesa e, conseqüentemente, ao surgimento do homem moderno e a consolidação do modo de produção capitalista. Mariana Muaze identifica este fenômeno para a Europa, uma vez que no Brasil, conforme afirmado, esta realidade se verificou com menor intensidade. Aqui o privado, a intimidade, os valores de civilização se resignificaram no anseio de conciliar modernidade, ideais aristocráticos, escravidão e família patriarcal. Segundo Muaze:

Reproduzia-se, portanto, uma estratégia pública, utilizada pelo próprio Estado Imperial, que procurou manter uma negociação constante, cotidiana, das fronteiras no tocante à escravidão, cidadania e estado de direito. A família oitocentista sobreviveu enquanto cânone fundador que conjugava patrimônio, riqueza, parentela e valores patriarcais. Contudo, se viu exposta às novas influências do individualismo, romantismo e do discurso médico científico. Da mistura destes novos e velhos sentidos surge o que é próprio do Brasil oitocentista.⁸¹

A consolidação da sociedade burguesa, no final do século XVIII, representou a presença da classe média na configuração social, dando visibilidade

⁸¹ MUAZE, Mariana de A. F. *O império do retrato: família, riqueza e representação social no Brasil oitocentista (1840-1889)*. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006. p. 234.

a novos sujeitos históricos. O que foi acompanhado do crescimento do domínio do homem sobre si mesmo, de maneira que os interesses pessoais se articulassem com os coletivos, mas sem anularem aqueles. Ocorria assim a consolidação do homem livre, que valorizava o trabalho, a liberdade e a iniciativa individual. O homem foi reavaliado em sua dimensão pessoal, racional e sensível. Segundo Stuart Hall no século XVII, aquilo que o sujeito dizia sobre si ou sobre suas concepções em relação ao outro e ao mundo era orientado por visões gerais e abstratas da realidade⁸². As sociedades tornaram-se mais complexas e multiformes com o passar do tempo, ganhando as massas populares visibilidade e direitos individuais, tendo o Estado que contemplar os interesses coletivos.

Neste sentido, Hall definiu a “concepção social do sujeito”: “o indivíduo passou a ser visto como mais localizado e definido no interior dessas grandes estruturas e formações sustentadoras da sociedade moderna.”⁸³ O papel dos intelectuais na sociedade foi recorrentemente objeto de muitas discussões, porém, agora, identificamos o reconhecimento e inserção de novas forças sociais. Esta análise pode ser dilatada ao incorporar os sujeitos comuns que também estão escrevendo, com menor projeção e visibilidade, mas estão cada vez mais adquirindo o hábito de registrarem os eventos cotidianos.

Sendo este grupo nosso objeto de pesquisa, questionamos como ser possível abordar as percepções e lógicas internas, os limites e possibilidades dessa busca. É possível pensar a prática da escrita de si (e os sujeitos) como objeto de reflexão? A quais teorias e métodos podemos recorrer para tal feito? A escrita privada, difundida nos hábitos do sujeito moderno, se faz presente como suporte à memória, inicialmente individual, que expressa anseios do tempo presente. A memória não é capaz de trazer para o presente fatos ocorridos no passado exatamente como aconteceram, uma vez que inerente à memória existem “os níveis perceptíveis”, reconhecidos por Durval Muniz de Albuquerque Júnior, “afetivos e imaginários ou voluntários/involuntários.”⁸⁴ De acordo com esta análise a memória corresponde a uma realidade pessoal, cada indivíduo enxerga os fatos ocorridos de uma forma diferente já que este olhar está intimamente condicionado ao contexto social em que ele está inserido, assim como às relações

⁸² HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

⁸³ *Ibidem*, p.30.

⁸⁴ ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teorias da história*. Bauru: Edusc, 2007.

personais estabelecidas. Está memória individual, definida como visão pessoal é diferenciada por Albuquerque Júnior da “memória coletiva”, relacionada com a reinvenção do passado a partir de dados fornecidos no presente.

Nesta direção, Giovanni Levi propõe que se estabeleça um diálogo que é necessário entre experiência singular, individual e a ação coletiva. Segundo Levi as escolhas dos indivíduos são condicionadas pelo contexto social, relacionamentos e representações. O sujeito por si mesmo, descontextualizado não nos diz muito. É necessário percorrer de forma dialógica as formas de experiências dos indivíduos e ainda assim sempre iremos nos deparar com uma visão desviante, ou melhor, própria do sujeito, na qual identificamos fissuras, brechas, mudanças de comportamentos e percepções individuais.⁸⁵

Por sua vez, Peter Burke⁸⁶ trabalha com a concepção de imaginário coletivo que é construído e apreendido através dos monumentos, por exemplo. Estes são para o autor a fabricação do imaginário coletivo sobre determinado evento, como no caso citado por Burke, a estátua de bronze do soldado Tallinn. Segundo o autor o passado é algo sempre renegociado quando existe a possibilidade de ser revisitado, repensado e sentido de diversificadas maneiras, como ocorre aos monumentos.

Orientando-se nessa perspectiva, a escrita de si é a fabricação do imaginário individual. Assim como os monumentos mudam de contexto e até mesmo utilidade segundo as épocas, os eventos e espaços, os titulares de um acervo pessoal constroem suas representações e imagens segundo o contexto e realidade que estão inseridos. São tempos e sensações diferentes, o distanciamento e a proximidade com os familiares, enfermidades, situação econômica, crises de relacionamento, projeção social ou intimidade, que condicionam a escrita dos registros, imprimindo um sentido próprio aos mesmos. Os registros de si sendo fruto da memória individual, nos são perceptíveis através da linguagem cabendo ao historiador inseri-la nas experiências sociais, almejando assim que as memórias individuais ou familiares sejam compreendidas a partir de perspectivas de

⁸⁵ LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2002. p.167-182.

⁸⁶ BURKE, Peter. “Guerras Culturais” in *FOLHA DE SÃO PAULO*, Caderno Mais! São Paulo, 10 de jun. 2007.

memória coletiva ao passo em que se tornam objetos de consulta de vários pesquisadores. O que concluímos é que inicialmente os registros de si são propiciados por uma memória individual, mas que assumem outro sentido no conjunto documental do acervo, constituindo parte de uma memória coletiva que abarca o contexto daquela produção e mais, está sujeita às construções que os pesquisadores farão com ela.

É a partir do século XIX que identificamos o indivíduo comum escrevendo, registrando sua vida, ações anteriormente exclusivas de camadas elevadas da sociedade, conforme já mencionado. Desenvolver nossa pesquisa amparada na prática da escrita de si e na acumulação de registros pessoais, historicizando a consolidação destas práticas nos permite refletir sobre a maneira pela qual os sujeitos comuns instauram “novos estatutos de suas histórias” na medida em que rompem com o silêncio, com o anonimato e com o lugar que deveriam ocupar na ordem social, redefinindo a maneira como enxergam a si, o tempo e o espaço ao redor, registrando-os ao seu modo.⁸⁷

Dessa forma, o autor, se deixa conhecer pela linguagem, abrindo o espaço privado, no qual ele constituiu um espaço e um tempo próprios. Essa escrita particular, desenvolvida na intimidade, como as cartas, poemas, diários, não surge por demandas institucionalizadas, obrigatórias, mas exprimem a vontade de registrar desejos, frustrações, expectativas, conferindo uma identidade pessoal aqueles escritos. Assim, dentro de um acervo, a compilação de documentos que carregam o nome de um sujeito constitui um conjunto que nos permite traçar marcas características dele, formando um conjunto de características próprias, mesmo que não necessariamente coerentes.

A partir dessa constituição do sujeito moderno percebemos uma mudança que incidirá sobre a elaboração dos registros de si. Segundo aponta Hans Ulrich Gumbrecht, no final do século XVIII haverá o nascimento do “observador de segunda ordem.”⁸⁸ O sujeito da razão, cartesiano, que compreendia uma realidade exterior a ele, explicada pela razão e através da qual captava a verdade do mundo, ocupará no século XIX :

⁸⁷ SALOMON, Marlon. *As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

⁸⁸ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *A modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

Um papel de observador que é incapaz de deixar de se observar ao mesmo tempo em que observa o mundo.- Ao se observar no ato de observação, em primeiro lugar, um observador de segunda ordem torna-se inevitavelmente consciente de sua constituição corpórea – do corpo humano em geral, do sexo e do seu corpo individual – como uma condição complexa de sua própria percepção do mundo.⁸⁹

Assim identificamos como consequências da formação do homem moderno a fragmentação do mundo e a complexidade do eu. A partir destas consequências os registros pessoais assumirão características de subjetividade, contradição, fragmentação e, sobretudo esforços de autoconhecimento. O homem moderno tem a necessidade agora de se assumir e conhecer quem se é.

O sujeito cartesiano do século XVIII, unificado e racional, foi desestabilizado justamente nessa essência de unificação e no entendimento de que sua identidade era formada na interação com outros sujeitos. Reflete Stuart Hall; “previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, o sujeito está se tornando fragmentado; composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias, não resolvidas.”⁹⁰ Posto isto, o indivíduo moderno não possui uma identidade fixa, permanente, mas sim variável de acordo com o contexto, não sendo tal condição incoerente, mas própria da condição multifacetada da modernidade. É uma ilusão pensar em um “eu” fixo, a linguagem nos permite explorá-lo enquanto uma ficção gramatical. Definiria Hall, o eu como sendo uma “unidade ilusória construída na linguagem, a partir do fluxo caótico e múltiplo de cada experiência individual. O *eu* é uma ficção gramatical, um centro de gravidade onde convergem todos os relatos de si.”⁹¹

Ao refazermos este retrospecto da consolidação do homem moderno e o aprofundamento de sua relação com a intimidade, reafirmamos que foi neste contexto de transição do século XVIII para o XIX que a escrita de si se tornou essencialmente íntima. A singularidade individual apreendida pelos sujeitos será o objetivo mais almejado na tentativa de se conhecer, narrar memórias e tornar-se

⁸⁹ GUMBRECHT, Hans Ulrich. *A modernização dos sentidos*. São Paulo: Ed. 34, 1998. p. 14.

⁹⁰ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.p.12.

⁹¹ *Ibidem*, p.31.

visto. Será a prática da escrita que nos revelará as condições históricas possíveis à existência do sujeito que narra.⁹²

Podemos classificar o arquivo privado e os registros pessoais como manifestações de sujeitos constituídos pela sociedade moderna, multifacetados, que nos revela sua intimidade através da escrita e do acúmulo de outros tipos documentais também, construindo e compartilhando memórias. A partir das sociedades modernas percebemos o controle do Estado cada vez mais estruturado e presente, exigindo a necessidade de documentos que registrem e comprovem a existência dos sujeitos. Cresce a necessidade de produzir evidências que atestam sobre nossa passagem pelo mundo, sendo o movimento de acumulação desses registros o que compõe nossos arquivos pessoais, não deixando isso de ser fruto de necessidades e desejos nossos.

2.3 Representação e universo social.

As formas e usos da escrita nos remetem aos estudos sobre práticas e representações propostos por Roger Chartier⁹³. O autor privilegia a dimensão simbólica ressaltada das práticas culturais, indicando as formas pelas quais o mundo social é inventado e apresentado. Desta forma, podemos pensar os registros pessoais enquanto decorrência das singularidades dos comportamentos sociais, compreendendo como os atores sociais atribuem sentidos aos acontecimentos e as percepções de si e dos outros em meio à dinâmica social. Na associação estabelecida entre o mundo do sujeito e o mundo do texto, Chartier propõe discussões que se pautam na apropriação dos discursos, ou seja, na maneira pela qual os discursos alteram o leitor e como este manifesta sua compreensão de si e do mundo. Afetando de formas diferentes os sujeitos, a cultura da escrita vai ter arranjos diferentes para os indivíduos em épocas e situações sociais distintas.

Considerando-se que os arquivos privados possuem cada um à sua maneira uma forma de acumulação, essa culminará numa marca identitária específica

⁹² DAMIÃO, Carla Milani. *Sobre o declínio da sinceridade: filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin*. São Paulo: Loyola, 2006.

⁹³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

ligada ao sujeito guardador, o titular. Por isso, o arquivo se constitui um lugar legítimo para a análise histórica viabilizando a compreensão das representações e práticas desempenhadas pelos sujeitos, onde se interligam vida pessoal e o lugar do sujeito na estrutura social. Segundo Roger Chartier o conceito de representação abarca:

em primeiro lugar, as operações de classificação e hierarquização que produzem as configurações múltiplas mediante as quais se percebe e representa a realidade; em seguida, as práticas e os signos que visam a fazer reconhecer uma identidade social, a exibir uma maneira própria de ser no mundo, a significar simbolicamente um *status*, uma categoria social, um poder; por último, as formas institucionalizadas pelas quais uns “representantes” (indivíduos singulares ou instâncias coletivas) encarnam de maneira visível, “presentificam” a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou permanência de um poder.⁹⁴

Ao analisarmos a escrita de si, principalmente a partir das cartas, somos direcionados às representações dos espaços privados constituídos pela intimidade, que nos permitem identificar valores, assuntos e as relações estabelecidas entre os correspondentes das mesmas. Os indivíduos, ao escreverem suas cartas, selecionam os fatos, a maneira de escrever que mais convém naquele momento, o modo de representar fatos, desejos, frustrações e a si mesmos. Ao estabelecermos as ligações entre as práticas de escritas individuais, a partir da troca de correspondências, identificamos o delineamento do vínculo estabelecido entre os grupos sociais e os meios sociais nos quais se efetivam.

Os registros pessoais encontrados no ASC, referentes aos integrantes da família Ferreira Ramos e às atividades da Sociedade Musical São Caetano, nos ajudam a compreender as práticas cotidianas dos seus membros, seja através da circulação de ideias nos jornais e revistas consumidos ou através da vida sociocultural dos músicos e do público. Esses aspectos, compreendidos enquanto práticas culturais nos informam como são constituídas diferentes identidades, tanto entre os sujeitos quanto entre regiões. Pretendemos explorar como as atividades musicais e o acúmulo dos registros de si são práticas através das quais percebemos a articulação de idéias, de escolhas, modos de vida e produções

⁹⁴ CHARTIER, Roger. Defesa e ilustração da noção de representação. In: *Fronteiras*. Vol. 13. n 24. 2011.

simbólicas, indicando a inserção dos indivíduos na sociedade e a construção do seu espaço de sociabilidade, que contribuem para a afirmação da identidade.

Embora se apropriando de elementos, idéias de outros lugares e espaços, Arlindo Agostinho Ramos conseguia criar sentidos particulares, contribuindo assim, para a construção de uma identidade exclusiva a ele. É por meio dessas apropriações que ao sujeito é permitido imprimir características próprias às suas práticas, de acordo com sua existência. A influência do contexto social faz com que os sujeitos incorporem como categorias e representações as demarcações da organização social.

Os tipos documentais impressos encontrados no ASC nos proporcionam uma percepção sobre os objetos de leitura dos titulares deste acervo. Encontramos por ora fragmentos, por ora obras inteiras, de revistas e jornais religiosos e leigos, peças de teatros, livros dos mais variados gêneros, dicionários, catálogos de produtos musicais, dentre outros. Nosso desafio reside em encontrar uma coerência mínima em meio a toda esta fragmentação, em reconhecer a narrativa criada a partir do arranjo que os titulares estabeleceram ao acumularem registros. É percorrendo este caminho que buscamos no arranjo inicial a narrativa que se forma indicando a trajetória do sujeito e reforçando sua intimidade a partir da prática da escrita. Sempre lembrando do que Pierre Bourdieu nos alerta:

Produzir uma história de vida, tratar a vida como história, isto é, como a narrativa coerente de uma sequência significativa e coordenada de eventos, talvez seja ceder a uma ilusão retórica, a representação comum da existência que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.⁹⁵

2.4 Representabilidade através da escrita de si: Arlindo Ramos.

As práticas de registro de Arlindo Ramos nos fazem refletir de que maneira essa acumulação de registros de si pode indicar a trajetória deste indivíduo. As inscrições presentes nos variados gêneros documentais referentes a ele indicam rastros de identidades que podem ser perseguidos deixando, portanto, evidências que permitem examinar alguns aspectos referentes às representações

⁹⁵ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO e FERREIRA (org.). Usos e abusos da história oral. São Paulo: Getúlio Vargas, 1996. p. 76.

produzidas nos espaços da vida privada e da vida pública. Seus registros assumem dimensões distintas ao tratarem de suas atividades na Sociedade Musical São Caetano e no seu cotidiano como homem comum. São memórias e formas diferentes de se enxergar e de se registrar. Na sua intimidade, no contato com os amigos e a namorada, por exemplo, ele assume uma postura diferente daquela enquanto maestro, posição que garantia proeminência na sociedade.

Certamente, a distância de Arlindo Ramos para com sua família e amigos torna necessária a troca de correspondência para que todas as partes fiquem informadas dos acontecimentos referentes a cada um. Podemos levantar como hipótese a necessidade ou oferta de empregos melhores em outras cidades próximas, fazendo com que Arlindo morasse em outros lugares que não fosse o distrito de São Caetano.

Através da escrita abaixo identificamos que Arlindo buscava oportunidades, pois escreve para sua namorada, Guilhermina Godoy, da nova capital inaugurada há pouco, Belo Horizonte, em 2 de dezembro de 1912.

Guilhermina, hoje chegou o dia, momento e hora em lançar à mão a mais [...] e tosca pena para dar-te as minhas notícias (...). Eu estou bem e trabalhando, mas não tenho alegria só por não estar em minha terra junto dos que são meus, talvez você não crê, julgas que por estar na capital nem lembro de minha terra mas isto é o engano de muitas pessoas (...) Cheguei aqui no dia 14 e comecei a trabalhar no outro dia, mas com outro patrão, encontrei 3 me esperando, mas este que estou não pode ser melhor do que é.⁹⁶

Neste trecho Arlindo demonstrou a expectativa aguardada em escrever para a namorada e sua preocupação em frisar que embora ele esteja bem, não deixa de sentir saudades da terra natal, o que indiretamente também faz referência à ausência da amada.

É nítido o descontentamento de Arlindo em estar longe de sua terra e dos seus, embora ele reconheça os benefícios de estar morando em Belo Horizonte, onde facilmente encontrou emprego e tem um patrão do qual não se queixa. O século XX se inicia numa atmosfera de contradições, acentuando anseios e conflitos

⁹⁶ ASC. Série Correspondências. Subsérie Correspondências pessoais. Carta de Arlindo Ramos para Guilhermina Godoy. Belo Horizonte, 09/12/1912.

entre os contemporâneos. Influenciados pelas transformações da tradição, os sujeitos titulares do ASC, também deixaram suas impressões. Ao estudar este acervo percebemos que o distrito de São Caetano se localiza entre uma divisão entre a área urbana e a rural, sintonizando-se às novas projeções vindas da modernidade e do progresso, porém limitado pelas condições espaciais, marcado pela arquitetura colonial mineira e de elementos e significações sociais arcaicos, típicos do passado escravista colonial.

Em outra oportunidade, longe dos seus entes queridos, Arlindo escreveu uma extensa carta composta por oito partes para sua namorada, Guilhermina, através da qual percebemos como ele operou os símbolos e a linguagem para registrar aquilo que estava passando dentro de si e suas impressões no momento. Inicialmente ele deixa transparecer uma melancolia pela distância da amada:

Dias amargurados esses que passo longe de ti. Tudo me aborrece, desde o mais suave trinar dos insetos até as pancadas compassadas do pêndulo de um relógio. (...) as aves que aí nos acordavam com doces cantares, ao alvorecer do dia, aqui são mudas, não soltam um pio sequer. (...) É a nossa cruelíssima separação. (...) Embora o destino tenha me arrebatado de perto de ti trago-te fechadinho dentro do meu peito, e cem anos que eu exista serei sempre firme ao meu amor para contigo.

Após manifestar sua tristeza pela separação física da amada, Arlindo passa a narrar eventos do dia a dia, como a visita de alguns familiares e amigos e questiona à namorada quando ela irá visitá-lo, pois ele precisa se programar no trabalho e organizar a “*maisson,oiu?!*”(sic.). São palavras francesas que ele utilizou em meio à escrita, supostamente na tentativa de impressionar Guilhermina e demonstrar conhecimento sobre expressões em outro idioma, enriquecendo seu vocabulário. Mas Arlindo não se restringe apenas ao francês, arrisca também um pouco de inglês ao avisar a namorada que quando ela o visitar, o verá “*todo up to date*” por causa de uma nova roupa que ele mandou fazer, assim como recorre, na despedida da carta, ao uso da expressão da língua inglesa: *forget me not*.

Ma mère ficou muito satisfeita de eu ter consultado ela para comprar o colete de casimira, não fiz bem?! Se vieres no

domingo vou vesti-lo para veres como fico todo *upto-date* com ele. (...) Mandei fazer um par de sapatos de onze mil reis. Mas que remédio, estava andando de chinelo.

Sendo este período que Arlindo escreve, identificado como de transformações e avanços, a imagem do progresso que caminha de forma intrínseca com o conceito de civilização, se transforma em objeto de consumo para os indivíduos desta época. Desta forma, para o figurino verificam-se a passagem da tradicional sobrecasaca e cartola, ambos pretos, representando austeridade da sociedade aristocrática do Império, para a moda mais leve do paletó de casimira clara e chapéu de palha. Identificam-se a dissolução de valores tradicionais e a constituição de novas relações sociais demarcadas pela aparência do ser, interesses econômicos e ideais de progresso. O Rio de Janeiro é o centro irradiador desses novos valores e dessas novas formas de organização e pensamento.⁹⁷ Os trechos elencados desta carta de Arlindo nos sugerem como ele se classificava “*up to date*” por estar alinhado às transformações do seu tempo.

Outro aspecto presente nesta mesma correspondência reforça o que já afirmamos sobre a análise da escrita de si a partir da perspectiva da representação; o modo como o indivíduo avalia seu cotidiano e se projeta socialmente, apresentando diferentes formas de registro de acordo com o destinatário. Arlindo assume para Guilhermina:

Meiga, tenho muitas coisas para falar-te, pois tu bem sabes que é com quem desabafo meu coração, é só contigo, mas não acho jeito de escrever, só mesmo quando nos vemos, não é?! (...) Ao ler tua carta ontem acabou a dor de cabeça. Fiquei tão contente que não posso explicar-te.

Neste excerto, Arlindo deixa transparecer que o tipo de relação construída com sua amada assegura a ele plena confiança em se expor e abrir sentimentos que ele não dividiria com outras pessoas e que, de tão íntimos, são até difíceis de manifestarem pela escrita, não sabendo ele fazê-lo.

Dando sequência a análise desta carta, Arlindo menciona uns desenhos que enviou em outra oportunidade e pergunta se Guilhermina gostou:

⁹⁷ Cf. SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

e aquele desenho que fiz, que tal o achastes? É copiado por mim, de um muito bem feito que o Luis tem, com a diferença que o dele foi feito com lápis de cores em um papel branco.⁹⁸

Constam no acervo do ASC três desenhos atribuídos a Arlindo, porém não podemos assegurar com propriedade que se tratam destes mencionados na correspondência em análise, pois os encontramos separadamente desta carta.



FIG. 2 - Desenhos feito por Arlindo Ramos
Fonte – ASC. Série: Correspondência, subsérie: cartas pessoais.

Apenas um é datado, apresentado data anterior à da carta, logo não é o que ele se refere, mas a ocorrência destes registros, portanto, aponta o costume do titular em fazer desenhos, reproduzindo fantasias, desejos bem particulares do seu universo pessoal. Arlindo não teve pudor ao desenhar um homem nu, talvez sendo até um autorretrato, construindo uma atmosfera sensual na missiva enviada e compartilhada com sua namorada, que nem esposa era. Tal comportamento parece transgredir o *habitus* da vida dos sujeitos neste período e espaço. Os outros dois desenhos parecem representar uma atmosfera circense, fazendo referência a números de malabarismo, equilíbrio e ambos portando garrafas. O último desenho

⁹⁸ ASC. Série Correspondências. Subsérie Correspondências pessoais. Carta de Arlindo Ramos para Guilhermina Godoy. Passagem de Mariana, 26/04/1908.

data de 1902, enquanto os dois primeiros, que foram feitos na mesma folha, não possuem data, mas foram encontrados juntamente com uma carta recebida por Guilhermina Godoy em 1912, enviada por um amigo chamado Avelino Barbosa.⁹⁹

O interesse dos registros pessoais confeccionados a partir de atividades corriqueiras se opõe ao prestígio da escrita científica, literária ou intelectual. Estas últimas modalidades, recorrentemente, imbuídas em consagrar, imortalizar o autor, a obra ou a vida. Antagônico a isso, a escrita cotidiana liga-se à rotina diária, deixando rastros que anunciam um contexto bem mais complexo. O interesse nessa prática da escrita, elaborada a partir de sujeitos ordinário da História, se orienta pela imersão na intimidade dos indivíduos, naquilo que é subjetivo e pessoal, referente aos seus cotidianos. São “indícios dos modos de fazer e compreender a vida do dia-a-dia.”¹⁰⁰

Percebemos que ao longo da vida, Arlindo Ramos se envolveu em diferentes atividades. Em relação à prática musical, os registros apontam a ligação não só de Arlindo, como também de sua família com a produção e acumulação de algumas partes musicais, além de manter laços com os membros da Sociedade Musical de São Caetano. Pelos relatos de alguns moradores da região, e pelas atas de reuniões da banda, percebemos que os Ferreira e Ramos faziam parte da mesma, que teve como sede durante certo tempo o casarão onde foram encontrados os documentos.¹⁰¹

A troca de idéias com outros compositores e músicos, nos permite identificar a rede de sociabilidade que Arlindo formou ao longo de sua trajetória em torno desta atmosfera artística, indicando que ele também escrevia poemas, conforme evidencia a missiva abaixo:

Arlindo,

⁹⁹ ASC. Série Correspondências. Subsérie Correspondências pessoais. Carta de Avelino Barbosa para Guilhermina Godoy. Belo Horizonte, 02/12/1912. Considerando os diferentes grupos que atuaram na organização do ASC anteriormente, não sabemos com precisão se estes desenhos estavam inicialmente juntos com esta carta ou foram unidos ocasionalmente por outra pessoa que atuou no arquivo. Chama-nos a atenção o fato de outra pessoa, que não fosse o Arlindo ou a Guilhermina tenha tido acesso aos desenhos que não pareciam comuns à época.

¹⁰⁰ CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. *Patrimônio e Memória*, São Paulo, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n1/maria_teresa.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2014.p.2.

¹⁰¹ Cf: COSTA, Manuela Areais. *Notas sociais: as práticas da banda da Sociedade Musical São Caetano (1890 – 1930)*. 2010. 94 f. Monografia – Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana: UFOP, 2010.

Não foi possível analisar a tua quadrinha, ainda, porque o B...
 custa muito a pegar. Ontem a noitinha comecei analisar na
 beirada de um córrego; atolei-me todo, mas tive o começo da
 análise que depois te mando o resultado. Boas festas.
 Um beijto em Ch... meu heim, sabes? Ainda ti mando?
 [...] Antonio Moraes.¹⁰²

A carta sugere uma das facetas de Arlindo, escritor de poemas e também a existência de uma rede de amigos que se ajudavam mutuamente em suas atividades. Enquanto Arlindo aguarda que o amigo estude sua quadrinha, este por sua vez, pede que Ramos mande um beijo para alguém que ele menciona só as iniciais do nome, demonstrando o nível de cumplicidade desta relação.

Sobre a troca de composições com músicos da região, nosso titular recebeu, em 1908, a seguinte carta enviada de Mariano Procópio que ratifica nossa afirmação sobre suas práticas:

Prezado Amigo Arlindo,
 Tive uma suprema ventura quando [] tão boa vontade rasgaste o véu que [] [] a correspondência de amigos que se conhecem mutuamente sem nunca terem encontrado. Elevei o meu pensamento aos céus, louvei a Deus e pedi-lhe que abençoasse a pena, a tinta, o papel, as expressões amáveis e lisonjeiras de tua carta e a inspiração feliz que te levou a dar-me tão íntima satisfação. Mas, neste êxtase de gozo, nasceu-me o ardente desejo de corresponder à fina gentileza com que coroaste a obra simpática do início das nossas relações mandando-me também uma valsa ‘A Tardinha’, tão linda, tão original que faz-nos sentir, ao ouvi-la uma pura sensação de que está assistindo a melodia da natureza nessa hora de amor e de [] em que os últimos e brandos raios do sol ainda mais aquecem os nossos corações para neles ascenderem a saudade de um passado venturoso que á uma certa tardinha, ficou impresso em nossa alma em caracteres indeléveis, indestrutíveis...

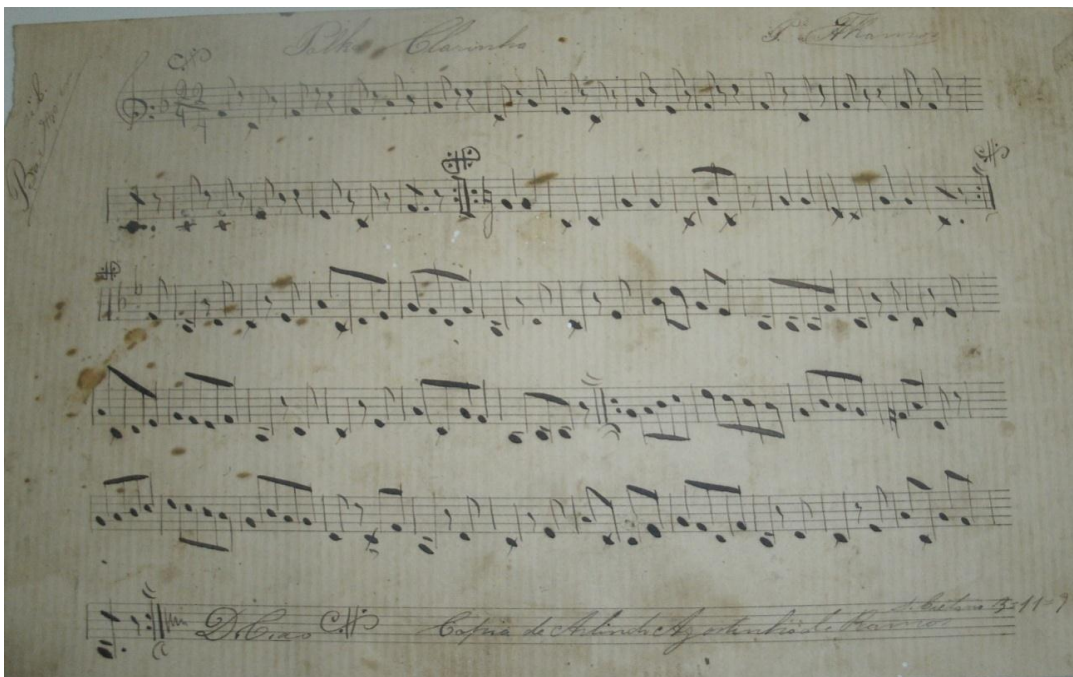
Após elogiar a composição do músico Arlindo, Antônio Bonifácio de Almeida prossegue, retribuindo a “gentileza” ao enviar uma composição de sua própria autoria;

E foi assim pensando que concebi a idéia de também mandar-te uma composição minha, uma valsa. Esperei que a musa viesse em meu auxílio dando-me uma inspiração bem adequada aos sentimentos de pura satisfação pelo inicio de uma terna e doce

¹⁰²ASC. Série Correspondências. Subsérie Correspondências pessoais. Carta de Antônio Moraes para Arlindo Ramos. Mariana, 01/01/1906.

amizade, mas a ingrata não quis favorecer-me e, creio, pretendeu vingar-se da injustiça que lhe tenho feito não prestando-lhe o devido culto e, cansado de suplica-la, tomei a resolução de ver se mesmo sozinho conseguia alguma cousa. Não fui bem feliz porque não consegui o que desejei, mas sempre pude dar-te a ‘A Noitinha’ que é somente um arranjo tosco filho da boa vontade que espero, mesmo assim aceitaras tão humilde dedicatória.¹⁰³

Ressalta-se à nossa observação o trecho em que o destinatário reflete sobre o fato deles serem amigos sem nunca terem se encontrado. As relações estabelecidas por Ramos transcendem o contato físico e nos demonstra a complexidade que a escrita de si pode assumir ao se interagir com o outro, através da troca de missivas. Fica estabelecido um pacto epistolar entre pessoas que nem ao menos se conhecem fisicamente, mas possuem interesses em comum, como no caso aqui explicitado, a música, que as permitem construir relações sólidas. Este registro também nos informa sobre a dimensão pública assumida por Arlindo ao desempenhar a função de músico. Esta ocupação lhe permitiu ser conhecido por uma rede diversificada de pessoas, como nos sugere a carta acima, nos aproximando das projeções assumidas pela figura de Arlindo dentro e fora de São Caetano.



¹⁰³ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Carta de Antônio Bonifácio de Almeida para Arlindo Ramos. Mariano Procópio, 31/jan/1908.

FIG. 3 - Partitura Musical

Fonte – ASC. Coleção: Partituras musicais manuscritas, subsérie: profana.

Por não encontramos a partitura de “A tardinha” que Arlindo enviou para seu amigo músico Antônio, a título de ilustração, apresentamos a imagem acima que trata de uma partitura musical profana, cujo gênero é a polka, intitulada “Clarinha”. Na parte inferior da partitura é possível claramente ler “cópia de Arlindo Agostinho Ramos, S. Caetano, 3-11-1914.” Além das partituras profanas, o ASC possui em seu acervo, as partituras sacras. Os dois tipos documentais constituem outro fundo que versa exclusivamente sobre as atividades musicais decorrentes da participação da família na Sociedade Musical São Caetano. Além das partituras, também estão presentes neste fundo, catálogos comerciais de instrumentos, revistas sobre o assunto e recibos de compras. É possível perceber também, analisando a imagem da partitura musical, na parte superior direita, a assinatura de Arlindo. Em muitos registros, apenas a presença dela é que nos permite atribuir a autoria do documento ao nosso titular aqui discutido. São registros como este, onde a assinatura por extenso, de forma clara e legível e com a rubrica que nos permitem afirmar, ser ela de autoria de Arlindo.

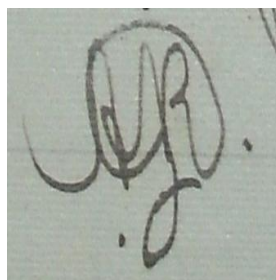


FIG. 4 - Rubrica de Arlindo Ramos

Fonte – ASC. Série: Correspondência, subsérie: cartas pessoais.

A valorização do patrimônio histórico e artístico referente à temática musical e a necessidade de preservação destes acervos é algo tardio em nossa sociedade. O musicólogo alemão, naturalizado no Uruguai, Francisco Curt Lange percorreu vários estados brasileiros, sobretudo na região sudeste, no século XX e constatou inúmeros casos e relatos de total destruição de acervos musicais. Após a morte dos titulares que acumulavam as partituras decorrentes de sua atividade musical, os herdeiros desfaziam-se dos manuscritos vendendo-os para fogueiros, encadernadores ou simplesmente queimando-os. Curt Lange relata o caso de um

violinista, morador de Ouro Preto, conhecido como Chico Vicente, que ao morrer deixou seu acervo para um amigo, também músico. Este veio a falecer e deixou todo o acervo para seu filho que:

O vendeu a uma mulher que por vez não quis, senão especular sobre o papel, oferecendo-o a um fogueteiro (fabricante de foguetes). Como é de se supor, o fogueteiro apenas em determinadas datas do ano procura certa quantidade de papel de música (...). Cansado de esperar a proprietária e vendo que o negócio não era lucrativo, resolveu queimá-lo. Como no caso anterior foi levado à via pública e incendiado, como se se tratasse de um ato de fé em pleno século XX.¹⁰⁴

O relato acima demonstra como os herdeiros deste tipo de acervo, o musical, parecem não compreender a importância e valorização destas partituras enquanto fontes históricas. Em outro caso, Curt Lange relata que um musicista teve que se desfazer de grande parte do seu acervo, pois estava se mudando de um sobrado espaçoso para uma casa menor, não tendo, portanto, espaço para levar consigo as partituras. A alternativa escolhida pelo musicista foi queimar grande parte delas. Certamente, o musicista sabia a perda que isto lhe acarretaria, mas não vislumbrando outra possibilidade de armazenamento, não teve escolha senão queimá-las. Percebemos então que a preservação e o descarte são condicionados não apenas pelo valor que os titulares atribuem aos registros que acumularam ao longo de suas trajetórias, mas são influenciadas por questões do cotidiano, como a falta de espaço. Muitos outros casos são relatados pelo musicólogo, sugerindo que a destruição de manuscritos musicais ocorria com frequência, configurando um quadro de perdas irreparáveis. São informações do gênero musical, da parte (instrumento), do local, da data, do copista ou autor, e até mesmo do suporte como, o papel, a tinta, a grafia que se perderam.

Com o abandono do sobrado onde moravam, os membros da família Ferreira e Ramos optaram por deixar no local um grande volume de partituras musicais, que graças à iniciativa da população local não se perdeu com o tempo, embora tenha chegado ao Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Ouro Preto, já desgastado uma vez que ficou sem o

¹⁰⁴ LANGE, Francisco Curt. La musica en Minas Gerais: un informe preliminar. *Boletín Latinoamericano de Música*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, p.408-494, abr. 1946. P.482. Tradução nossa.

tratamento adequado e misturado a outros documentos, desobedecendo a lógica arquivística da proveniência.



FIG. 5- Fotografia da Sociedade Musical São Caetano
Fonte – ASC. Coleção: Fotografias.

Mais uma das ocupações de Arlindo Agostinho Ramos é identificada no trecho abaixo em carta enviada por seu pai, Felicíssimo Ramos, que sugere que o filho desempenhe a função de escrivão de um cartório.

Arlindo quando você tiver de vir cá por causa do cartório não venha sem consentimento do seu patrão. Olha o que te aconteceu com o Sr. M.¹⁰⁵

O pai se preocupa em instruir o filho para que este tenha uma conduta profissional adequada com a finalidade de evitar atritos com seu patrão, indicando assim a necessidade de se assumir posturas diferentes no ambiente de trabalho daquelas exibidas em outros contextos menos formais. Certamente, as várias ocupações assumidas por Arlindo em sua trajetória em espaços e momentos diversos lhe cobravam posturas diferenciadas de se expor e comportar.

Não sabemos se o cartão reproduzido abaixo é do mesmo período em que escreve Felicíssimo para o filho ou faz referência a outro momento profissional de Arlindo.

¹⁰⁵ASC. Série Correspondências. Subsérie Carta pessoais. Carta de Felicíssimo Ramos para Arlindo Ramos. São Caetano, 27/fev/1908.



FIG. 6 - Cartão Pessoal de Arlindo Ramos.
Fonte – ASC. Coleção Cartões, subsérie: pessoais.

O cartão atesta a profissão de escriturário, uma espécie de agente administrativo nos dias atuais, exercida por Arlindo. Estes cartões profissionais geralmente seguem um padrão de proporção, suporte e composição, no qual traz informações sucintas sobre o profissional. Ainda que hoje pareça algo banal, possuir um cartão profissional pessoal à época era uma ferramenta muito útil para o sujeito que o tem em mãos, pois pode ser uma forma de se apresentar, oferecer um serviço, repassar um contato e ao se transformar em um vestígio da trajetória de alguém, como neste caso, nos informar aspectos da vida desse sujeito como as funções que assumiu e lugares por onde passou.

O fragmento a seguir além de evidenciar a atividade profissional de escriturário desempenhada por Arlindo apresenta a preocupação com a receptividade da escrita da autora da missiva:

[o] fim desta, é para você ter a bondade mandar a cópia se já tirou, e se não tirou peça para ter a bondade de tirar com urgência, pois preciso de apresentar a escritura, para mostrar as divisas, que estou muito nervosa pois todos os dias sai uma fala me amolar e por isso estou ansiosa para acabar com [] é estas histórias, se não tiver tirado você faz só de diligência de tirar e da D. para trazer, e no mais peça para desculpar a amolação e dê recomendações a todos os nosso, recado de sua tia que te estima,

F.A.S.

N. não repara os erros porque estou com muita pressa, a mesma.

106

¹⁰⁶ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Carta de Maria Eulália V. Boas para Arlindo Ramos. Gama, 05/jul/1904.

Fica evidente nesta carta a preocupação da remetente com os eventuais erros que possa ter cometido e por isso, ela já antecipa um pedido ao seu destinatário para que não repare neles. Tal observação nos faz refletir sobre a formulação que se faz da imagem do outro através das cartas, assim como questões referentes à prática da escrita. A preocupação com a escrita é uma preocupação com a própria imagem.

Como prática de escrita compreendemos os usos de formas e convenções que organizam distintos procedimentos de escrita, elaborados a partir de uma necessidade, assim como de representações, a partir do domínio que os indivíduos fazem dessa prática. Aquilo que os sujeitos registram de si, parte do interesse em registrar, quer seja por uma necessidade externa ou interna a ele, a partir de diferentes graus de habilidade e competência para fazê-lo, assim como das representações projetadas sobre essa habilidade em falar de si, contemplado para quem se dirige. Os registros pessoais, confidentes da intimidade, são um meio ativo de apropriação das palavras, da constituição de um discurso, pelo qual o sujeito torna-se conhecido. São registros que também compartilham da construção da trajetória dos sujeitos que se inventam pela própria escrita.

Analisar a escrita de si e os porquês do acúmulo desse gênero por parte dos seus titulares implica em também avaliar as relações dos sujeitos com os procedimentos da escrita, o domínio sobre um conjunto de habilidades e conhecimentos necessários à essa prática, assim como as convenções e normas, que indicam padrões diferenciados conforme o contexto e objetivo de cada produção. São as esferas do público e do privado e o objetivo social da escrita que orientam as condições de produção, condicionando posturas diferenciadas dos sujeitos. Esta análise implica também em considerar o outro para quem se destina a escrita, avaliando o suporte material, o objetivo desse envio, a rede de sociabilidade na qual se insere o sujeito – compreendendo realidades distintas, sejam elas do ambiente doméstico, familiar, de trabalho, com amigos, namorados. A escrita de si possibilita aos sujeitos articularem suas idéias, fornecendo suporte à memória, apresentando características específicas de reflexões e pensamentos, não se limitando apenas ao papel escrito em si, mas compreende um sistema de representação permeado de especificidades.

2.5 Arquivando a própria vida.

Ao escolher o que guardar ou descartar o sujeito está criando uma imagem de si e manipulando sua existência, indicando o sentido que busca conferir à sua acumulação. A lógica de um arquivo não reside apenas na produção dos documentos, mas sim no titular que seleciona o que fará parte da sua coleção. Assim, o arquivo privado enuncia um pensamento e dessa forma, uma história, mais que isso, a história de um sujeito. Ainda que nem tudo que ele tenha produzido ao longo de sua trajetória ou recebido tornou-se parte integrante do acervo. Artières reflete sobre esta realidade ao afirmar que: “arquivar a própria vida é por-se no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência”¹⁰⁷.

O acúmulo que fazemos ao longo de nossas vidas visam guardar as melhores e mais importantes recordações de nós mesmos. Arquivar a própria vida é guardar a memória e impressão do eu, onde construímos uma imagem de nós mesmos e de resistência ao tempo. Por isto não fazemos de qualquer maneira este acúmulo e arquivamento. Refazemos a realidade à medida que nos cabe rasgar, rabiscar, pintar, destacar, guardar. Podemos vir a eliminar ou ocultar aquilo que queremos que ninguém saiba, assim como podemos fantasiar um pouco mais sobre acontecimentos gloriosos. Fato é que as escolhas que fazemos nesta direção indicam o sentido que damos às nossas vidas, aos fatos e pessoas que nos rodeiam. Assim foi feito pelos titulares Ferreira e Ramos ao guardarem fotografias, cartas, receitas, recibos, etc ... atestando suas passagens pelo mundo. Desde a afirmação do homem moderno identificamos a valorização da escrita pessoal. Sobre a importância assumida por tais registros, Philippe Artières concluiu:

Cobiçam-se, procuram-se, adquirem-se a peso de ouro ou à custa de esperteza algumas folhas de papel cujo branco um personagem qualquer cobriu de preto, sobre o qual ele expôs, com uma tinta mais ou menos bela, com caracteres mais ou

¹⁰⁷ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998, p. 11.

menos finos, suas ideias, suas opiniões, seus sentimentos, suas paixões, suas afeições, suas ambições, suas cóleras.¹⁰⁸

O autor sublinha que, nas sociedades ocidentais, desde o fim século XVIII, consolidou-se o extraordinário poder da escrita compreendendo o conjunto de ações que envolvem o cotidiano. É necessária a escrita para existirmos perante o Estado, por isso a imposição dos registros civis, assim como dos registros médicos, escolares e assim por diante. A escrita foi conquistando de forma crescente seu lugar no desenrolar do dia a dia. A chave de compreensão destas práticas sociais está associada á emergência do indivíduo nas sociedades ocidentais. Em suma, observamos um processo pelo qual mudanças sociais e culturais reestruturam a concepção coletiva dos homens em virtude do indivíduo moderno. A afirmação deste foi o ensejo necessário que atribuiu à trajetória individual importância e destaque até então ignorados, tornando-o digno de ter uma história narrada, podendo assim sobreviver tanto na memória alheia quanto na sua pessoal. A partir deste momento foi possível ao homem moderno erigir suas escolhas acima da coletividade, compreendendo que sua vida não necessitava estar subjugada às regras e determinações sociais, mas sim como um caminho autônomo a ser percorrido e por isso, nós, pesquisadores vislumbramos a intimidade dos registros pessoais permeados de individualidade e múltiplas apreensões.

Percebemos, portanto, como o indivíduo e suas práticas estão relacionados com um sistema de símbolos que ao serem decifrados e significados, nos dizem sobre o contexto histórico no qual os sujeitos se inserem, assumindo-se como agentes sociais históricos. As atividades musicais, as cartas, os diários, as fotografias, poemas e desenhos compostos por Arlindo são minúcias de representações e símbolos inscritos no mundo social, que visam reconhecer um sujeito social e sua intimidade. Através desta, expressa nos registros, identificamos o modo como o próprio sujeito se sente frente ao mundo e significando sua posição social. Nosso titular se apresenta articulador de idéias e práticas escolhidas para viabilizar sua inserção na sociedade em que vivia, sendo

¹⁰⁸ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998, p. 4.

assim, ele construía sua rede de sociabilidade afirmando nela quem ele era, e por vez sua identidade.

O estudo sobre representações fornece uma perspectiva que contribui ao pesquisador compreender melhor como o indivíduo se vê numa análise pessoal e como se projeta socialmente. O conhecimento desse movimento possibilita supor a constituição da subjetividade através dos modos pelos quais o sujeito narrou e registrou sua vida. Os registros pessoais de um acervo privado assumem um primeiro sentido no pensamento do titular ao ser confeccionado e posteriormente outro no conjunto dos documentos acumulados. Identificamos, assim, que o documento ocupa um lugar no conjunto das representações do titular que escolhe o que preservar e outro lugar a partir da colocação que recebe no arranjo documental dentro do arquivo.

CAPÍTULO III: O ARQUIVO PRIVADO SÃO CAETANO COMO CAMPO DE POSSIBILIDADES: A COLEÇÃO DE FOTOGRAFIAS E A SÉRIE DE CORRESPONDÊNCIAS.

Neste capítulo tivemos a intenção de privilegiar a documentação do ASC e submetê-la à construção de um contexto maior, no qual percebemos imprecisões, lacunas, intimidades e memórias de seus autores. Para tal privilegiamos dois tipos documentais específicos existentes no Arquivo Privado São Caetano, as fotografias e as correspondências pessoais, já parcialmente abordadas no segundo capítulo, visto a relevância que possuem na composição do arquivo ao fornecer elementos essenciais em nossa análise. As fotografias formam uma *coleção*, considerando a intencionalidade no acúmulo deste tipo de registro, segundo as normas arquivísticas que foram abordadas no primeiro capítulo deste trabalho. Já as correspondências pessoais formam uma *série* por possuírem características em comum, mas que não foram necessariamente reunidas pelos titulares. Desta forma, objetivamos demonstrar como os registros de si, aliados à pesquisa histórica, possibilitam a compreensão de um contexto que envolve sua produção, sociabilidades e intimidades dos titulares.

Ao analisarmos as correspondências pessoais, restringimos nossa pesquisa àquelas referentes a Arlindo Ramos. O interesse dos historiadores por cartas não costuma estar apenas nas informações que elas trazem à primeira vista, o que pode até torná-las sem relevância. Sendo assim, as correspondências adquirem maior coerência quando reunidas e interpretadas cuidadosamente numa série substancial. Por isso nos concentramos na correspondência ativa e passiva de Arlindo Ramos.

3.1 O uso da fotografia para o conhecimento histórico.

Apenas em meados do século XX, os registros fotográficos tornaram-se reconhecidamente fontes documentais e objetos de pesquisas a partir da proposta da revolução documental. Desta maneira, foi reconhecida a importância da fotografia enquanto fonte histórica, cedendo o tradicionalismo lugar às outras fontes que não fossem apenas escritas e oficiais. O movimento dos Annales contribuiu de modo fundamental para as renovações metodológicas que passaram

então a possibilitar novas abordagens à pesquisa histórica, conforme assinalado no capítulo I. Ainda sim, as imagens não foram muito exploradas pelos historiadores deste movimento, quer seja pelos da primeira geração como Marc Bloch, Lucien Febvre, ou da segunda geração, como Fernand Braudel. Contudo, iniciaram o movimento de incorporação deste tipo de fonte, que veio a tornar-se cada vez mais recorrente à medida que vertentes de uma história antropológica e das mentalidades focavam em aspectos culturais.¹⁰⁹

A partir das possibilidades proporcionadas pela Nova História Cultural, autores como Peter Burke irão se dedicar a refletir sobre os métodos que orientam o uso das imagens enquanto objeto, fonte ou evidência histórica.

Para Burke¹¹⁰, ao explorarmos uma imagem devemos contextualizá-la, pois ela é o resultado da influência de diversos fatores. No caso das fotografias, estes fatores podem ser pensados a partir da intencionalidade do fotografado em fazer o registro e na influência do fotógrafo sobre o registro, ao sugerir poses, composições, inserir molduras, cores.

Uma das alternativas indicadas por Peter Burke para a utilização de imagens na pesquisa histórica é recorrer ao método iconográfico ou iconológico. O primeiro método surgiu na escola de Warburg, na Alemanha, tendo como grande expoente Erwin Panofsky. Segundo a orientação iconográfica é necessário conhecer culturalmente as condições de produção da imagem, atentando-se para o uso, para o significado natural e convencional dos elementos que a compõe. Já o segundo método, iconológico, recai sobre o significado intrínseco, aos aspectos ocultos da imagem. A partir destas análises é que as imagens se constituem como evidências válidas para a pesquisa histórica.

Embora o método iconológico não se destine a compreender o contexto social, Burke sugere que os historiadores lancem mão deste recurso enquanto aparato metodológico e que “devem ir além dela. É necessário que pratiquem a iconologia de uma forma mais sistemática, o que pode incluir o uso da psicanálise, do estruturalismo e da teoria da recepção”¹¹¹. O uso da psicanálise pode ser intermediado pelos estudos freudianos que privilegiam o inconsciente

¹⁰⁹ MAUAD, Ana Maria. *Sob o signo da imagem: a produção da fotografia e o controle dos códigos de representação social pela classe dominante, no Rio de Janeiro, na primeira metade do século XX*. Niterói, UFF, Programa de Pós Graduação em História Social, Tese de Doutorado, 2v., 1990.

¹¹⁰ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: História e imagem*. Bauru: EDUSC. 2004.

¹¹¹ *Ibidem*. p. 44.

como elemento fundamental no processo de criação das imagens. O estruturalismo recorre à semiótica, ou seja, ao sistema de símbolos que deve ser decifrado na interpretação do signo de cada imagem. A reunião de vários símbolos e signos forma algo maior, a linguagem, meio pelo qual a imagem se comunica. A teoria da recepção, por sua vez, desloca a análise da produção para o receptor, ou seja, a forma como é recebida pelas pessoas. Aliada a estas abordagens, a análise histórica agrega o contexto social enquanto determinante, para a compreensão das imagens, considerando as conjunturas políticas, sociais e culturais sob as quais seus produtores estão condicionados.

“O testemunho das imagens necessita ser colocado no ‘contexto’, incluindo as convenções artísticas para representar as crenças (por exemplo) em um determinado lugar e tempo, bem como os interesses do artista e do patrocinador original ou do cliente, e a pretendida função da imagem.”¹¹²

Os registros fotográficos nos indicam a influência das representações sobre os variados segmentos da vida social, pois além dos retratos tirados de si mesmo, ou da família, os sujeitos acumulam fotografias que remetem a outras temáticas, como a religiosa, evidenciada pelo acúmulo de imagem de padres, irmãs, representação de céu, inferno, anjos e demônios. Desta forma, a fotografia assume importante valor documental, quer seja por uma representação metafórica, representativa ou objetiva.

Outra função atribuída por Burke aos registros fotográficos incide em seu uso para legitimar governos, servindo como instrumento de propaganda de seus governantes e suas ações. Assim, as fotografias oferecem indícios para avaliação de diferentes abordagens e objetos, pois pode corresponder tanto a uma dimensão política na qual os objetivos deste registro são bem calculados, quanto às ações mais corriqueiras da vida dos indivíduos.

A coleção de Fotografias do Arquivo Nacional foi a fonte para o desenvolvimento do trabalho dos autores Maurício Lissovsky, Cláudia Heynemann e Maria do Carmo Marinho, em *Retratos Modernos*¹¹³. Neste trabalho, eles analisaram fotografias de homens importantes, representantes

¹¹² BURKE, Peter. *Testemunha ocular: História e imagem*. Bauru: EDUSC. 2004.p.237-238.

¹¹³ LISSOVSKY, Maurício; HEYNEMANN, Cláudia Beatriz; RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *Retratos modernos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

políticos e intelectuais, a partir de seus acervos privados. A predominância da hierarquização social do século XIX no Brasil é refletida no conjunto da Coleção Fotografias do Arquivo Nacional, ao se ocupar estritamente da conservação de imagens de homens públicos. Contudo, são registros de grande importância por ser tratar de testemunhos que marcaram a introdução e divulgação da técnica fotográfica no Brasil.

A partir da década de 1860 ocorreu a expansão da confecção de retratos, atribuída à introdução de novas técnicas fotográficas que diminuíram os custos da fotografia aumentando o público dos estúdios. Assim sendo, o historiador, ao utilizar este tipo de fonte, reconhece enquanto sujeito histórico, pessoas que pertencem a distintos segmentos da sociedade em suas variadas funções.

Sobre este processo, afirma Gilberto Freyre: “a fase de transição de sede de poder das casas-grandes rurais para os sobrados urbanos, ou suburbanos, marcou também, entre nós a transição do retrato pintado por artista para o daguerreótipo e a fotografia”. As pinturas e seus elevados custos de produção tenderam mais em abordar paisagens naturais e composições sociais típicas do interior, correspondendo aos espaços domésticos, enquanto as fotografias ganhavam a captação dos centros urbanos e das massas sociais¹¹⁴.

3.2 Série de Fotografias: registros de vidas.

Enquanto prática social, a produção de uma imagem incorpora maneiras específicas de como cada sociedade representa seu modo de compreender o mundo, não sendo, portanto, estas produções restritas às grandes produções e a lugares privilegiados.

A partir do processo de constituição do sujeito moderno, certamente a fotografia, a partir da segunda metade do século XIX, contribuiu para a demarcação dos valores individuais, constituindo uma estratégia de representações características aos grupos sociais. Inventada em 1830, a fotografia provocou grandes mudanças no meio artístico ao reproduzir e perpetuar no papel uma cena, através de um refinamento técnico que superou a pintura.¹¹⁵

¹¹⁴ FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mocambos*. São Paulo. Rio de Janeiro: Record, 1996, p. 622.

¹¹⁵ LISSOVSKY, Mauricio; HEYNEMANN, Cláudia Beatriz; RAINHO, Maria do Carmo Teixeira. *Retratos modernos*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

Nos dias atuais vemos com naturalidade a propagação de expressões sociais individualizadas que se projetam nos ambientes coletivos, a fim de estabelecer o espaço ocupado pelo indivíduo na sociedade. O que ocorre na atualidade é o recurso aos instrumentos coletivos de fabricação e divulgação de imagens com o objetivo de construir uma visão individual do sujeito que faça referência à sua autorrepresentação.

A fotografia assume este papel. Pluralmente utilizada, porém de formas e com objetivos distintos entre os indivíduos. As fotografias que tiramos facilmente hoje através de câmeras digitais ou até mesmo com o aparelho celular requerem muito menos planejamento e preparação do que as fotografias registradas no século XIX por demandarem previamente escolhas bem feitas dos elementos que as constituiriam.

Desde o princípio, uma das funções primordiais da fotografia era a valorização da personalidade individual desejada pelos sujeitos ao produzirem um retrato próprio feito nos ateliês fotográficos, característicos do século XIX, no qual a produção era única e cara, sendo restrita apenas a uma camada exclusiva da sociedade.

Eduardo Leite¹¹⁶ aponta que, até o ano de 1854, quando foi criada a técnica necessária para a fabricação e revelação das *cartes de visite*¹¹⁷ em Paris, tirar uma fotografia era algo muito caro e, portanto restrito às camadas sociais mais abastadas, e que, devido os grandes formatos exigiam muito tempo do fotógrafo para a revelação, onerando ainda mais o serviço. Com o intuito de popularizar a prática da fotografia e garantir a continuidade de seu ofício, o fotógrafo André Adolphe Eugène Disdér (1819-1889), desenvolveu a técnica necessária para revelar fotos menores, copiadas em séries, a partir de um sistema de lentes múltiplas. Assim, o cliente tinha em mãos várias cópias de seu retrato e poderia utilizá-las como bem quisesse segundo suas necessidades e vontade.

A *carte de visite* tornou-se então um objeto de lembrança, oferecida para os amigos e familiares próximos em virtude de alguma situação, como aniversário ou para informar sobre os acontecimentos cotidianos. Assim, aquela imagem

¹¹⁶ LEITE, Marcelo Eduardo. *Retratistas e retratados no Brasil Imperial: um estudo das fotografias cartes de visite*. 2007. Tese (Doutorado em Multimeios)–Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas, 2007.

¹¹⁷ Este formato de fotografia apresenta proporções pequenas, medindo aproximadamente 6,0 x 9,5 cm, sendo afixado sobre um cartão maior no qual constava o nome do estúdio fotográfico.

registrada no papel, certamente focando o melhor enquadramento do indivíduo, buscava constituir a melhor ilustração de si mesmo, sendo um instrumento de autorrepresentação através do qual o indivíduo desejava permanecer na memória daquele que recebia a fotografia ofertada.

Com a invenção do modelo *carte de visite*, criado por Disderri, a fotografia foi popularizada, atingindo as diferentes camadas sociais. Em meados do século XIX a fotografia torna-se então uma ferramenta na construção da imagem pessoal, assim como da autorrepresentação, movimentando os estúdios fotográficos pela procura de tais registros, não só por parte das classes economicamente privilegiadas, mas também das classes inferiores, ansiosas em participar dos novos rituais de representação.

A partir da década de 1860 ocorreu a expansão da confecção de retratos, atribuída à introdução de novos processos e técnicas fotográficas com o recurso negativo-positivo que diminuía os custos finais, aumentando desse modo o público dos estúdios. O desenvolvimento das técnicas fotográficas e o favorecimento do acesso aos estúdios contribuíram para que os registros abrangessem mulheres, crianças, pobres, ricos, homem comum ou figura pública. Com as inovações difundidas por Disderri, a fotografia ampliou sua função social e a partir de então, o pequeno burguês, o homem simples e seu cotidiano passaram a incorporar o público dos ateliês fotográficos aderindo ao jogo de aparências proporcionado pela fotografia, no qual o sujeito teria retratada a imagem idealizada de si. Conforme, Peter Burke, o indivíduo retratado não está representado de forma coerente e fiel ao seu dia a dia, mas representado através da idealização de si.¹¹⁸

Reafirmando esta perspectiva, Walter Benjamin afirma que os ateliês passaram a ostentar um aparato luxuoso marcado pela possibilidade de comporem cenas fotográficas “com seus cortinados e palmeiras, tapeçarias e cavaletes, mescla ambígua de execução e representação.”¹¹⁹ Nestes ambientes fotográficos do século XIX era comum recorrer a estes artefatos materiais e simbólicos que contribuíssem para a construção de uma identidade reelaborada do retratado a partir da fotografia.

¹¹⁸ BURKE, Peter. *Testemunha ocular: história e imagem*. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

¹¹⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas*. volume 1. Brasiliense: São Paulo, 1985.p.97.

Os *cartes de visite* ainda conservaram algumas convenções e padrões próprios dos modelos de produção anterior, comuns aos retratos aristocráticos e às pinturas. As produções das cenas, a escolha de trajes especiais, a mobília ou objetos que compunham o cenário, indicavam a inspiração em um modelo aristocrático.

Ao observarmos detalhadamente a produção dos retratos podemos estabelecer algumas combinações que ocorrem com maior frequência. As pessoas posam, geralmente, sozinhas, quer sejam de corpo inteiro ou só o busto. No retrato de rosto, ou busto, a face fica em destaque, focalizando mais detalhadamente na fisionomia do retratado. Quando a imagem capta o indivíduo de corpo inteiro, outros elementos entram em cena constituindo o cenário. É recorrente a presença de mobílias, mesas, cadeiras, nos quais o retratado pode apoiar braços e pernas. Conforme Ana Maria Amaud:

A pose é o ponto alto da *mise-en-scène* fotográfica no século XIX, pois através dela combinam-se a competência do fotógrafo em controlar a tecnologia fotográfica, a idéia de performance, ligada ao fato de o cliente assumir uma máscara social (...).¹²⁰

Alguns elementos da pintura ainda aparecem nas fotografias *cartes de visite*, demonstrando um momento de transição entre uma técnica e outra. Algumas imagens conservaram as molduras, formatos, característicos do modelo anterior. As principais diferenças entre um processo e outro consistiram no uso de recursos reais, como o vestuário, os objetos e a mobília presentes no registro, assim como os custos mais baixos. A distinção entre a pintura e a fotografia, além das inovações técnicas e do preço mais acessível, sugere também que a pessoa retratada não foi representada segundo os padrões característicos da época, como era nas pinturas, mas faz referência a uma cena real, que “de fato aconteceu” em determinado estúdio. O retratado esteve naquele local, vivenciando tal situação, vestindo aquela roupa e fazendo aquela pose, conforme atesta a fotografia. Mesmo que não identifiquemos em um registro onde e quando a foto foi tirada, mesmo que não saibamos muito sobre o contexto, o indivíduo permanecerá fixado naquela imagem.

¹²⁰ MAUAD, Ana Maria. *Poses e flagrantes: ensaios sobre história e fotografia*. Niterói: UFF. 2008. p.113-114.

Apesar da convenção de certos parâmetros cabe ressaltar que existem também as recriações e apropriações destes padrões e códigos conforme as realidades de cada espaço. Nesta perspectiva, Valter de Oliveira contribui ao afirmar que:

É possível ver em algumas composições, por exemplo, o homem do sertão se apresentar descaracterizado em vestes e pose definidas por um padrão visual advindo de fora. Pela sua natureza híbrida, o ateliê fotográfico se configura também como um espaço de fronteira ou um entre-lugar. Elementos de culturas globais e locais estão presentes nos retratos fotográficos ali produzidos, como é possível notar nas poses, roupas, cenários, acessórios, modelos e tipos sociais construídos dentro das convenções da atividade¹²¹.

Diante disto, a fotografia, enquanto um tipo documental presente nos arquivos, pode ser analisada como um produto consequente das relações e valores culturais, condicionada pelo contexto histórico que envolve sua produção e divulgação. Assim, está intimamente submetida às formas de interpretação e leitura próprias do contexto que as geraram.

Os “componentes estruturais da fotografia”, como sugeriu o fotógrafo e historiador Boris Kossoy¹²², também são requisitos essenciais na análise das mesmas. Estes componentes agregam o assunto, a tecnologia e o fotógrafo enquanto variáveis constitutivas dos registros fotográficos. Ao analisarmos uma fotografia devemos explorar ao máximo os dados e informações referentes a ela. Preocupar-se em identificar a técnica fotográfica, seus usos e formas, articulados ao contexto social, sugerem também os conceitos de tempo e espaço enquanto elementos constitutivos da imagem. A fotografia então é o produto final da conjunção de vários fatores envolvidos neste processo, sejam eles materiais, como a capacidade técnica do registro ou imateriais, como os valores culturais.

Se no início do século XIX as fotografias eram restritas aos sujeitos abastados devido ao alto custo de sua produção, com o século XX e o passar de suas décadas, o aprimoramento de novas técnicas irá baratear os custos cada vez mais, propagando os registros fotográficos dentre os diversos segmentos sociais, conforme já mencionado. No cotidiano do homem ordinário, está prática irá

¹²¹ OLIVEIRA, de Valter. Retratos sertanejos. Uma cultura fotográfica no interior baiano dos anos 1900-1950. *O Olho da História*, n. 16, Salvador (BA), Julho de 2011.

¹²² KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

reforçar laços de amizade e familiares ao possibilitar ao sujeito possuir várias cópias de uma fotografia e, deste modo poder presentear seus entes queridos. Assim, constatamos que a troca de fotografias passou a compor a cultura fotográfica no Brasil, a partir da segunda década do século XX.¹²³

A série de fotografias do ASC engloba ao todo trinta e oito registros, datando o mais antigo de 13 de novembro de 1876 e o mais recente de 11 de agosto de 1937, sendo que muitos retratos não possuem identificação do ano em que foi tirado, de quem é o retrato, quem é o retratado ou qual foi a ocasião registrada. Contudo, um estudo atento e aliado às pesquisas concernentes ao tema forneceu o suporte necessário para o desenvolvimento da nossa proposta, corroborando a hipótese de que a fotografia se consolidou enquanto instrumento de representação simbólica dos sujeitos perante a sociedade e obedeceu a uma lógica própria, segundo ao contexto de produção e necessidade. Investigando o acervo do ASC identificamos a ocorrência da circulação de fotografias como uma manifestação de carinho ao presentear alguém próximo.

O oferecimento de fotografias enquanto um presente, uma lembrança pode ser detectada no distrito de São Caetano, no início do século XX. No verso do retrato abaixo consta a seguinte dedicatória: “Ofereço este retrato ao senhor Arlindo Ramos como prova de amizade. Chiquita.30-11-1906.”



FIG. 7- Retrato de Chiquita.
Fonte – ASC. Coleção: Fotografias.

Confirmando a propagação deste tipo de lembrança, Arlindo também presenteou sua mãe com um retrato individual, enviado de Queluz, em 1919.

¹²³ OLIVEIRA, de Valter. Retratos sertanejos. Uma cultura fotográfica no interior baiano dos anos 1900-1950. *O Olho da História*, n. 16, Salvador (BA), Julho de 2011.

Devida à distância de seus familiares, esta foi uma alternativa adotada por Arlindo para que sua imagem ficasse sempre viva e presente.



FIG. 8- Retrato de Arlindo Ramos e dedicatória.

Fonte: ASC. Coleção: Fotografias.

Estas duas fotografias já seguem outra tendência iniciada nas primeiras décadas do século XX, que propõem fotografias reduzidas, uma vez que a *carte de visite* perde espaço para outros modelos de fotografia, com dimensões reduzidas, como nos exemplos acima.

As inovações deste momento (pós-criação da *carte de visite*) proporcionaram as fotografias de corpo inteiro e a inserção de novos elementos, como a construção de cenários, personagens, montagens que sugeriam outra realidade além das paredes do estúdio. A possibilidade de tirar este tipo de fotografia, agregando um vestuário diferenciado e até mesmo um cenário, captava mais do que o retrato individual sugerindo para além da imagem suas fantasias, desejos e sentimentos, indicando pequenas porções da intimidade do sujeito fotografado. Neste sentido era comum cercar o retratado de artifícios, compondo uma cena, muitas vezes longe da realidade do sujeito e mais próxima de uma idealização, segundo Annateresa Fabris: “longe do indivíduo e perto da máscara social, numa paródia de autorrepresentação, em que se fundem o realismo essencial da fotografia e idealização intelectual do modelo”.¹²⁴

¹²⁴ FABRIS, Annateresa. *A invenção da fotografia: repercussões sociais. Fotografia: usos e funções no século XIX*. São Paulo: Edusp. 1991. p. 20-21.



FIG. 9 - Montagem de Caetano Ramos.
 Fonte: ASC. Coleção: Fotografias.

No primeiro plano desta fotografia, vemos um homem negro com trajes de aviador dentro de um pequeno avião, vulgo teco-teco, transparecendo ser uma montagem. Ao fundo, identificamos a cidade do Rio de Janeiro, devido aos símbolos característicos, Cristo Redentor e Corcovado. Este postal foi enviado por Caetano Ramos ao seu pai, Felicíssimo Ramos, em 11 de agosto de 1937 e ilustra esta possibilidade de se elaborar cenas montadas, que sugerissem a concretização de uma fantasia. Possuindo características próprias como leveza e facilidade de manuseio, os cartões postais poderiam ser facilmente enviados como se enviavam as correspondências. Privilegiado pelo recurso visual, o cartão postal além de ser um mecanismo de comunicação rápida entre os sujeitos, se tornará popular no século XX, a partir das descobertas das novas técnicas de impressão da fotografia.

125

Segundo Pedro Vasquez, em estudo feito sobre a circulação dos cartões postais no Brasil para o período de 1893- 1930, a preferência recaiu sobre cartões com vistas urbanas, como no caso da escolha feita por Caetano Ramos, a cidade de Rio de Janeiro.

Conforme já foi dito, as poses, as composições das cenas, os vestuários, irão determinar certos modismos e padrões de ocorrência na elaboração das fotografias ao mesmo tempo em que novas possibilidades e necessidades são criadas.

¹²⁵ VASQUEZ, Pedro Karp. *Postaes do Brazil. 1893 – 1930*. São Paulo. Metalivros. 2002.

As fotografias abaixo ilustram duas produções diferentes. Enquanto a primeira foca apenas o rosto do retrato, a segunda é composta por um cenário maior, incorporando outros elementos.



FIG. 10 - Retrato Individual I.
Fonte: ASC. Coleção: Fotografias



FIG. 11- Retrato Individual II.
Fonte: ASC. Coleção: Fotografias

O primeiro retrato apresenta apenas um plano, no qual um homem mestiço de bigode, trajando terno, camisa branca e gravata, posa com fisionomia séria em uma fotografia com o foco bem aproximado, captando apenas o busto deste sujeito. O outro exemplo também é um retrato individual, porém outros elementos compõem a cena, como a presença de mobílias. O homem, também bem vestido, está sentando em uma cadeira que apresenta um longo encosto, bem trabalhado e seu braço direito está apoiado sobre outro móvel coberto com um longo tecido escuro, sobre o qual está um chapéu. Detalhe também para o relógio de bolso que contribui para a composição desta cena que insinua tratar-se de um homem bem posicionado socialmente, com trajes e móveis de qualidade.

Outras duas fotografias consultadas no ASC confirmam a ocorrência destes diferentes tipos de elaboração, mas sugerem um clima mais descontraído

para a cena mais elaborada, enquanto a imagem de busto ainda conserva algumas características das tradicionais pinturas.



FIG. 12 - Retrato Individual III.
Fonte: ASC. Coleção: Fotografias.



FIG. 13 - Retrato Individual III.
Fonte: ASC. Coleção: Fotografias.

A primeira imagem apresenta apenas um plano e nele identificamos um senhor de bigode, habitualmente usado pelos homens da época, cabelo cuidadosamente penteado para trás, trajando terno, camisa branca e gravata tradicionais. O semblante é sério, fechado, bem centralizado pela proximidade da câmara. A fotografia ainda reproduz uma espécie de moldura que contribui para que a atenção dada à foto se concentre apenas no retratado, eliminando outros planos. Já a análise da segunda fotografia nos revela um jovem mestiço, vestindo roupas formais como terno e gravata, mas com calças claras dobradas nas barras, mais apropriada para o calor tropical do que os tecidos escuros importados da moda europeia. Usa ainda sapatos de passeio, chapéu e o convencional bigode. O homem apoia seu braço em uma cadeira dobrável, de tecido branco, lembrando cadeiras de praia e não aquelas de madeira nobre, bem talhadas, utilizadas no interior das casas, criando um clima mais descontraído acrescentado pelas pernas cruzadas. Confirmando serem as produções dos estúdios cuidadosamente bem

pensadas, as mãos eram atentamente bem posicionadas, como no caso desta fotografia em que uma se apoia na cadeira e a outra é levada logo abaixo do peito. No segundo plano há uma tenda, ou cortinas brancas com a lateral direita estampada.

A partir da investigação feita sobre o caminho percorrido pela composição e confecção das fotografias, embora as fotografias acima não tenham data, suponhamos que a primeira seja mais antiga que a segunda, uma vez que ela apresenta características mais tradicionais como o formato *carte de visite*, enquanto na segunda identificamos elementos mais modernos que compõem a cena retratada. Entretanto, como ponto de intersecção, as imagens se revelam como um meio de interação social e de comunicação que se baseia no pressuposto de que o sentido mais profundo por detrás da intenção do retratado não está necessariamente de forma explícita estampada na fotografia, pois é imaterial, segundo afirma Kossoy.¹²⁶ O retratado se comunica através da linguagem corporal, na qual são os gestos, os olhares, as expressões faciais, posturas e objetos que nos permitem inferir, mesmo que apenas em esboço, as articulações do conteúdo interno ao contexto externo. Desta forma a fotografia é um produto social, que concebido como um documento nos indica representações pelas quais os sujeitos representam a si e o mundo que enxergam.

As fotografias também buscavam retratar as funções ou condições assumidas pelos sujeitos em seu cotidiano. Ou seja, poderiam compor uma cena referente ao ofício desempenhado pelo sujeito, ou da sua família. Desta forma, as fotografias acompanhavam o sujeito em seu dia-a-dia, que de posse da sua autorrepresentação, poderia promover sua imagem diante dos outros mostrando-a impressa naquele papel. São fotografias que expressam histórias individuais submetidas ao inevitável jogo social da sociedade moderna sugerindo desejos íntimos de diferenciação atrelados à realidade.

¹²⁶ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.



FIG. 14 - O alfaiate.
Fonte: ASC. Coleção: Fotografias.

Essa imagem retrata o ofício de alfaiate desempenhado pelo fotografado. Identificamos um homem sentando com as mãos apoiadas em uma tábua que fornece suporte para a máquina de costura, controlada pelo pedal. Sobre a máquina, o sujeito manuseia um corte de tecido, um carretel de linha e uma fita métrica, objetos essenciais e característicos de seu trabalho. Ao lado, aparece uma placa com os seguintes dizeres: “Nova Alfaiataria Barbosa, São Caetano, Minas”.

Nesta outra imagem, o indivíduo desejou ser representado trajando seu uniforme de banda, o que indica sua proximidade com a atividade musical e a importância que ele atribui a esta função de músico. Trata-se de um homem mestiço, calçando sapatos de cano longo, calça justa, e casaco liso com detalhes nos punhos com linhas horizontais que se fecham em forma da letra v. Existem também detalhes nos ombros e o número quinze no lado esquerdo da gola. A fisionomia do retratado é séria, com um pequeno esboço de sorriso e os braços sobrepostos.



FIG. 15 - O músico.
Fonte: ASC. Coleção: Fotografias.

Segundo Marcelo Leite¹²⁷, fotografias como estas unem realismo e idealização, uma vez que retrata o indivíduo em sua função cotidiana, porém em uma cena construída e elaborada previamente para o momento do registro fotográfico. Dessa forma, o alfaiate e o músico pretendem afirmar seu status através da junção dessa série de elementos elencados na elaboração das cenas fotográficas acima. Estes dois homens pretendem contar parcelas de suas trajetórias por meio da fotografia, trazendo elementos próprios de seus cotidianos incorporados em poses, expressões e composições.

O Brasil vivenciou na passagem do século XIX para o XX, importantes acontecimentos em sua organização social, política e econômica, sendo este o período em que o trabalho escravo cedeu ao trabalho livre e o regime monárquico ao republicano. Tratando-se das dimensões culturais, este foi um período marcado pela forte influência europeia sobre as demais partes do globo, consolidando a hegemonia dos padrões burgueses europeus.¹²⁸ As novas condições oferecidas pelo modelo de produção capitalista, que possibilitou o surgimento da classe burguesa e conseqüentemente do espírito individualista, fizeram com que as

¹²⁷ LEITE, Marcelo Eduardo. *Retratistas e retratados no Brasil Imperial: um estudo das fotografias cartes de visite*. 2007. Tese (Doutorado em Multimeios)–Instituto de Artes da UNICAMP, Campinas, 2007.

¹²⁸ HOBSBAWM, Eric. *A era do capital*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

fotografias assumissem a função de comprovar esta condição do sujeito que cada vez mais é responsável pela produção de seus bens, se desvinculando da coletividade. É um misto de valores que indica mudanças e permanências através de ideais embaralhados de modernidade e valores aristocráticos desejosos de distinção, mas, sobretudo da individualidade.

Nesta nova ordem social que se estabelece vivencia-se uma tensão entre o ser individual e o ser social, existe tanto a necessidade “individualizadora” quanto a de pertencimento a algum grupo social.

Segundo as fotografias analisadas acima podemos pressupor essa dialética entre copiar modelos europeus, porém atrelados e adaptados à realidade social em questão no distrito de São Caetano. Identificamos a construção da representação visual visando sempre valorizar o retratado, evidenciando seu papel social acrescentado de alguns artifícios que colaboravam em construir uma boa imagem de si, para os outros e para o futuro.

Segundo Kossoy¹²⁹, a fotografia assume uma forma de expressão cultural através da qual aspectos próprios de um tempo foram registrados. Assim, ao analisarmos um retrato estamos articulando dimensões de uma conjuntura e de sua produção. Neste sentido, o fotógrafo assume um papel importante neste processo, pois além de ser autor da imagem, participa deste processo de representação simbólica, uma vez que é ele quem domina as técnicas fotográficas e orienta como deve se proceder a fabricação do retrato. Todo este cuidado interpretativo nos remete à realidade interna do registro, avaliando seu conteúdo, uma vez que, salvo algumas exceções, as pessoas utilizam a fotografia como forma de registrar momentos importantes ou a si mesmo para sempre se recordarem deles. Desta forma a fotografia torna-se permanente, pois excede seu produtor e os momentos registrados no tempo. Sendo assim, a fotografia é portadora de um discurso ao reproduzir intencionalidades, sendo, portanto um meio pelo qual os homens se expressam, informam e representam para si mesmos e aos demais.

Fato é que as fotografias consolidaram-se no cotidiano do homem moderno até nossos dias, reinventando seus usos e significados, porém sempre representando através de imagens, múltiplas histórias, eventos importantes ou do

¹²⁹ KOSSOY, Boris. *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000.

cotidiano, figuras públicas ou o homem ordinário, legitimando seu prestígio pelas emoções e sentimentos que despertam em nós.

3.3 As cartas de Arlindo Ramos: evidências de caminhos e intimidade.

As correspondências pessoais, assim como as fotografias, também integram o processo de produção de si e do outro, pois o acúmulo das epístolas nos demonstra a construção das relações pessoais estabelecidas pelo sujeito, o cotidiano vivido, sonhos e angústias registrados no papel destinado ao outro.

Se por um lado as cartas, enquanto um tipo documental, muito nos indica ao conter inúmeras informações, por outro, as lacunas existentes dentro do acervo como, ausência de respostas, falta de identificação, local e autoria, também nos faz ficar atentos ao silêncio e à falta, que escondem partes importantes deste pacto epistolar.

A pesquisa histórica ao incorporar como fonte as cartas pessoais descortina um novo espaço de investigação, o íntimo e o privado, de onde provêm legítimos vestígios das trajetórias pessoais, ampliando a importância da prática de escrever sobre si.¹³⁰

A partir deste entendimento foi que as correspondências pessoais do ASC foram estudadas, possibilitando novos olhares sobre a vida dos membros da família Ferreira e Ramos. O desenvolvimento das análises epistolares nos demonstrou cada vez mais a correspondência como um espaço de registro e produção do sujeito histórico.

Desde o final do século XX os trabalhos investigativos sobre as escritas cotidianas, compreendidas como prática de pessoas comuns e ordinárias revelou um vasto campo para as pesquisas que pretendiam estudar as práticas e funções da cultura escrita. Contrariando a negligência a que estaria fadada como destino até então para esta escrita de homens comuns, a preservação destes acervos pessoais e seu uso enquanto fonte permitiu a possibilidade de usá-las como demonstrações dos usos e funções da cultura escrita que, auxiliam a melhor compreensão de épocas e sociedades distintas.¹³¹

¹³⁰ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: *Escrita de Si Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

¹³¹ Fabre, Daniel. *Écritures ordinaires*. Centre Georges Pompidou. Paris, 1993.

Assim, as cartas pessoais interessam, sobretudo, ao historiador por relatar as práticas culturais, tradições e hábitos de um tempo, plenos de representação de uma época. Tornando-se possível, portanto, avaliar a evolução de tal prática epistolar, ou seja, os usos e modos de escrever, contextos e símbolos que esta prática produziu.

A multiplicidade do campo investigativo da História sugerida pela quebra de paradigmas tornou viável e legítimo analisar os homens comuns, estudando seus comportamentos e pensamentos. Os diversos segmentos que circundam a vida dos homens passaram a ser interpretados como construções sociais e culturais, considerando a multiplicidade da História e as variações advindas da conjunção tempo e espaço.¹³²

A partir deste prisma buscamos extrair das correspondências pessoais o importante papel assumido pelo registro, que nos indica como o autor se comportou, compreendeu e se apresentou através da escrita de si. O sentido da realidade manifesta-se plural através de múltiplos registros, pois a individualidade dos homens reflete em diferentes memórias, interpretações e formas de registrar sua existência. Sobre o sentido das cartas, Peter Gay concluiu que muitas delas representam uma “linguagem do coração, cópia da alma” por se ocuparem sem receio de assuntos íntimos.¹³³

A série de correspondências pessoais do ASC é uma fonte através da qual podemos desvendar impressões e sentimentos pessoais, tendo em vista a amplitude que este tipo documental pode alcançar, pois: “registrar o efêmero e o simples, transformando-os em relato que, pela beleza da forma e pela agudez da percepção podem se eternizar no tempo.”¹³⁴ Assim, a carta é um instrumento privilegiado pelo qual acontecimentos corriqueiros que poderiam deteriorar-se com o tempo ganham outro destino e sentido, podendo se perenizar na memória, tanto de quem as guarda quanto de quem as consulta posteriormente.

A série de correspondências do ASC compreende o marco temporal de primeiro de fevereiro de 1874 a 20 de março de 1954, preservando, portanto,

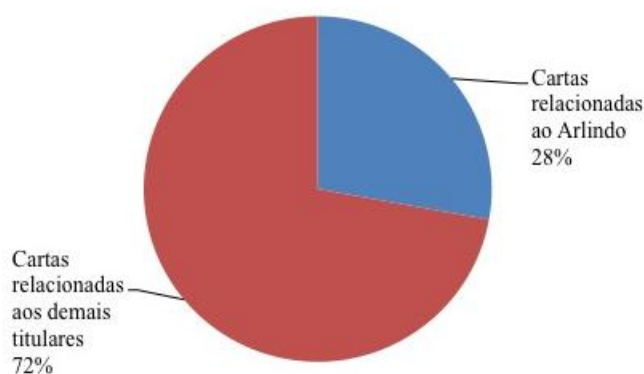
¹³² ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teorias da história*. Bauru: Edusc, 2007.

¹³³ GAY, Peter: *O coração desvelado: a experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 340.

¹³⁴ ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998, p. 4.

quase cem anos de história. Ao todo são trezentas e trinta e nove cartas pessoais, ativas e passivas que envolvem diferentes membros e gerações da Família Ferreira e Ramos. As missivas remetidas ou enviadas por Arlindo Ramos aparecem entre os anos de 1903 a 1941. Durante este marco temporal, o acervo conserva duzentos e doze correspondências, sendo que deste total, em cinquenta e nove o nome de Arlindo aparece, ora como remetente, ora como destinatário. Este titular concentra, portanto, 28% dos registros no mencionado período, destacando-se perante os demais titulares.

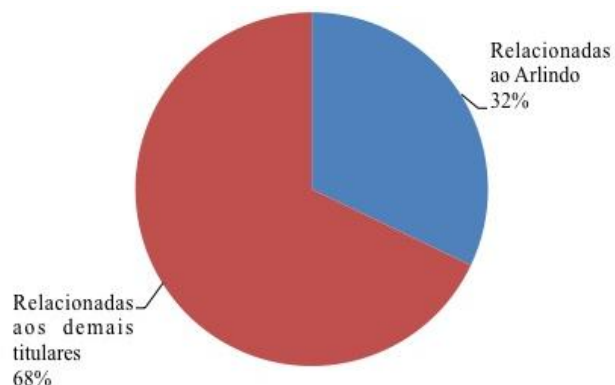
Gráfico 1 - Concentração: cartas de Arlindo Ramos - 1903-1941



Fonte: ASC.

Nossa intenção em analisar o conjunto das cartas pessoais em torno de Arlindo Ramos reside na tentativa de estabelecer um vínculo existente e coerente entre as missivas perante a série de correspondências do acervo.

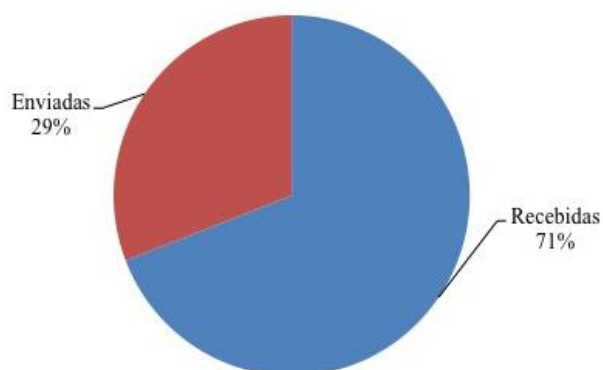
Além destas cartas relacionadas a Arlindo Ramos, encontramos outras nove das quais não foi possível identificar a data. Logo, em toda esta série, sessenta e oito correspondências dizem respeito a ele, enquanto destinatário ou remetente. Se considerarmos estas cartas inseridas no marco temporal que se encerra em 1941, quando identificamos a última correspondência datada enviada por Arlindo, este titular somaria, portanto, sessenta e oito cartas dentro das mencionadas duzentas e doze compreendidas entre 1903 a 1941.

Gráfico 2 - Concentração: considerando as cartas sem datas.

Fonte: ASC.

Somando-se as cartas cujas datas não foram identificadas com as demais, Arlindo compreende 32% do total das duzentas e doze, o que evidencia novamente seu destaque dentro da série de correspondências pessoais devido à concentração de missivas relacionadas a ele.

Dentre as sessenta e oito cartas, vinte e uma são de autoria de Arlindo, enquanto quarenta e sete foram recebidas por ele. Este levantamento nos indica as pessoas com as quais Arlindo se relacionava através da troca de missivas, o que nos permite estabelecer vínculos, assuntos, formas de percepção dos fatos e de si mesmo, conforme demonstraremos no decorrer deste capítulo.

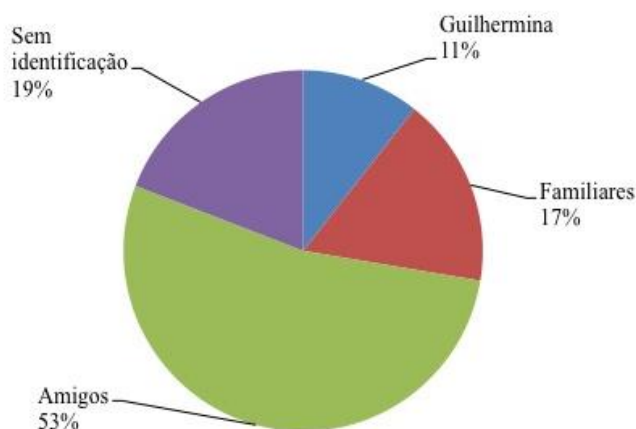
Gráfico 3 - Concentração: remetente ou destinatário.

Fonte: ASC.

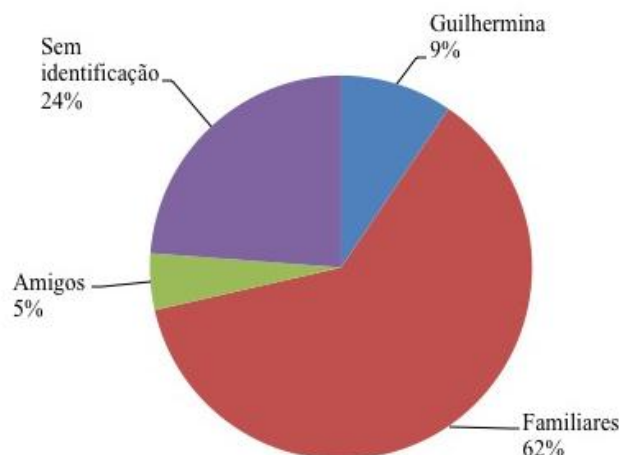
Partindo do levantamento dos dados acima procuramos extrair, por meio das fontes, como este titular migrou de algumas cidades do interior de Minas para outras em busca de melhores condições de vida e as inúmeras pessoas atreladas ao seu círculo social, assim como o variado desempenho de funções e cargos. Escrivão, compositor, maestro, estimado por amigos e familiares que sempre aguardavam ansiosos por suas notícias e respostas. Assim, ressaltamos a importância da escrita de si deste titular dentro da acumulação documental do ASC que afirma sua condição de sujeito multifacetado, cuja trajetória foi dotada de ricos significados.

Dividimos as correspondências trocadas por Arlindo em quatro grupos, dentro os quais se distinguem: a namorada - Guilhermina, os familiares, os amigos e aquelas não identificadas. Dessa forma, indicamos nos gráficos abaixo a concentração de missivas referente a cada um destes grupos, separado-a entre correspondências passivas e ativas.

Gráfico 4 - Concentração: cartas recebidas.



Fonte: ASC.

Gráfico 5 - Concentração: cartas enviadas.

Fonte: ASC.

Neste último gráfico, nota-se a concentração de cartas enviadas para a família, fato já esperado, uma vez que a documentação foi encontrada no casarão dos Ferreira Ramos. Provavelmente, muitas outras cartas foram remetidas por Arlindo Ramos aos seus amigos, familiares e namorada, porém por se tratarem de correspondências ativas, estas permaneceram de posse de quem as recebeu.

O registro da primeira carta enviada por Arlindo para sua namorada Guilhermina Godoy é remetido de Passagem de Mariana. Nesta missiva, Arlindo informa sobre como decorreu a viagem que fez, relembra o encontro que tiveram e afirma já estar com saudade da sua amada.

Desejara que tu estivesses junto a mim para saberes o meu sofrimento, p^a de instante em instante relatar-te o que passo. Era meu desejo escrever-te logo que aqui cheguei, mas parece-me que em compensação das pouquíssimas horas de prazer que passei contigo aumentarão as minhas obrigações. Mas que viagem insípida, a de quinta-feira; parecia-me que tinha sido expulso do céu e caminhava p^a o inferno. Perto da ponte dos Pachecos encontrei um lindo buquê de quaresma e o pus no peito e veio comigo até aqui; todos quanto virão-me disserão-me (sic) que vim muito apaixonado e eu disse que sim. As tuas lágrimas as tuas frases de amor repercutiam-me nos ouvidos e no coração a todo o instante; e continua na mesma.

Arlindo continua a escrever e insinua momentos íntimos e agradáveis entre o casal e acredita que Deus, em breve, os permitirá encontrar novamente. O autor ainda menciona a presença de uma companhia de circo na cidade.

Que saudades!!!

Que noite tão pequena a de 25!?! Mesmo assim quando tornaremos a encontrarmos hein? Se Deus ouve a quem ama e a quem tem amor brevemente nos será favorável, porque não deixo de implorar-lhe. (...) A propósito no outro Domingo vou a Mariana tratar de minha licença ouviu? talvez te escreva mais. Por hoje basta. (...) Aqui tem companhia de circo, mas eu, lá não vou. Aceite mil abr. e mil bei. do teu E. que lealmente te abraça. Adeus! Vou dormir que são horas. Is epenteco ebnedo [c'egiallam] mebam? (Um apertado abraço daqueles, sabes?).

135

As cartas muito nos dizem sobre o titular que, ao registrar sua própria vida, nos permitiu hoje investigar sua trajetória e como este se expos e construiu e sua imagem. Já ressaltamos neste trabalho que nem sempre os sujeitos possuem a consciência da dimensão que, futuramente, seus registros tomarão, mas fato é que a partir do momento que conservam estes registros pessoais, há uma intencionalidade por detrás, mesmo que seja apenas para atender aos anseios individuais de preservar fatos e objetos marcantes que desejam perdurar na memória.

As cartas, às vezes, assumem a função de um diário, ao registrarem parcelas íntimas de confissões que caberiam talvez aos diários. O amigo ou parente para quem uma carta confessional é direcionada certamente é alguém muito estimado e de confiança, que a carta consegue aproximar e intermediar a troca de desabafos. Apesar da distância, a troca de missivas possibilita a aproximação entre pessoas fisicamente distantes. Ela permite que experiências, frustrações e novidades sejam compartilhadas fortalecendo os laços de cumplicidade entre as partes. Sobre esta aproximação, refletiu Peter Gay: “as cartas substituem a presença física desejada”.¹³⁶ A epístola abaixo reflete fielmente este anseio e foi enviada pela irmã de Arlindo ao pai, Felicíssimo:

¹³⁵ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Arlindo Ramos para Guilhermina Godoy. São Caetano, 15/mar./1908. 3f.

¹³⁶ GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência Burguesa da Rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 347.

Papai

Escrever uma carta é conversar com quem está ausente; não é verdade? Felizmente já sei escrever e posso daqui tão longe conversar com você e com a minha querida mamãezinha. Como tem passado? Tem tido muitas saudades minhas? Tenho tido muitas, muitas e estudo bem para poder ir no fim do ano abraçá-los em nossa casinha. Habituei-me com a vida do colégio, estou forte, gorda e corada. Todos me tratam bem e procuro ser estimado por meus mestres e camaradas. Você e mamãe abençoem esta sua Filha amiga e obediente

Delfina Ramos ¹³⁷

Assim, as correspondências sugerem o afeto e consideração entre as pessoas, demonstrando o desejo de inserir o outro que está distante nos acontecimentos do dia-a-dia. Devemos considerar o tempo que o autor dedicou para escrever a carta, o suporte escolhido, o formato, dentre outros elementos identificados na construção da missiva como indícios que sugerem o nível de envolvimento e estima do autor com o destinatário. As cartas revelam muito mais do que apenas os textos que apresentam. Não é apenas a narrativa que nos permite extrair informações, mas o suporte material, os códigos sociais e linguísticos deste tipo documental também é revelador.

Às vezes os autores das cartas fazem uso de alguns recursos como uma linguagem em código ou o uso de apelidos e pseudônimos com o intuito de se preservarem. Percebemos a ocorrência destas artimanhas ao analisar o conjunto de cartas conservadas por Arlindo, através do qual identificamos o apelido carinhoso pelo qual ele se dirigia à sua namorada, Guilhermina Godoy. Meiga, é o vocativo de muitas cartas e a leitura descontextualizada do restante do acervo de uma destas missivas assim iniciadas, poderia proporcionar a ideia de que Guilhermina e Meiga fossem duas pessoas distintas. Portanto, estudando todas as correspondências trocadas entre o casal podemos inferir que Guilhermina e Meiga eram a mesma pessoa. Apelidar Guilhermina evidencia a intimidade construída entre o casal e o carinho com o qual Arlindo tratava sua namorada, sendo ela, portanto, uma pessoa querida e importante em sua vida que merecia um tratamento diferenciado na hora de se dirigir a ela na forma escrita.

¹³⁷ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Delfina Ramos para felicíssimo Ramos. N/C, 11/mar./1911. 1f.

Outra estratégia utilizada pelo casal foi a elaboração de uma linguagem em códigos que somente os dois dominavam e desta forma elaboraram um dispositivo seguro pelo qual poderiam se expressar sobre e como bem desejassem.

Equipes que trabalharam na organização do ASC anos antes do desenvolvimento da nossa pesquisa se empenharam em decifrar esta linguagem criptográfica. Conforme Kleverson Lima ¹³⁸, a professora Hebe Maria Rola Santos, em 2001, decifrou um padrão para esta linguagem e conseguiu fazer a correspondência correta entre as letras utilizadas pelos autores e as que deveriam ter sido usadas convencionalmente, conforme a língua portuguesa. Embora algumas vezes o casal trocasse alguma letra na hora de escrever, foi possível decifrar o segredo e traduzir as cartas que continham este recurso. Vejamos abaixo o fragmento de uma carta enviada por Guilhermina para Arlindo na qual ela recorre ao método desenvolvimento pelo casal:

Sau Enlurco
 Suitan meicaces
 Dojo veu pemmerco, ante jalhor barzurho! Mebam o penejam
 qua tuvo querco nadabu nampante cem surhem dentem !
 Uilgual co sussuro réo artenasen-ta. Ai amtou suito meicoze reo
 mau grenco uas! Reo pommo ta am dnavam ponq réo tarho
 pepal equi escone amtoi appnovauter co ante dente que hue
 sercen-te, alle rão pemme mas ise emraune. (...)

Traduzindo:

Meu Arlindo
 Muitas saudades
 Como vai passando, está melhor benzinho? Sabes o prazer que
 tive quando recebi a resposta das minhas cartas! Julguei do
 mínimo não entregar-te. Eu estou muito saudosa, não sei
 quando vem! Não posso te escrever porque não tenho papel
 aqui agora estou a aproveitar de uma carta que ia mandar-te, ela
 não passa de uma asneira. (...) ¹³⁹

Imagem de um trecho da carta original:

¹³⁸ LIMA, Kléverson Teodoro de. *Práticas missivistas íntimas no início do século XX*. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2007.p.133.

¹³⁹ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Guilhermina Godoy para. Arlindo Ramos. N/C.1f.

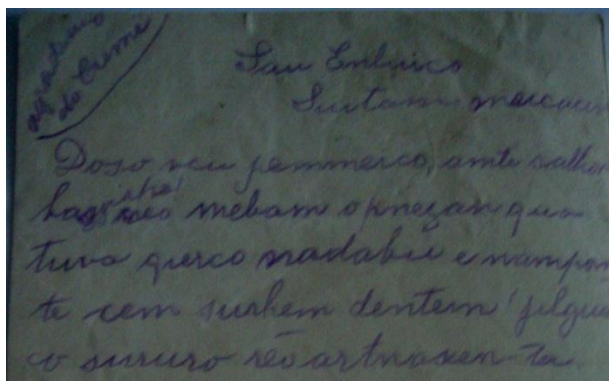


FIG. 16- Linguagem Criptográfica.
Fonte: ASC. Série: Correspondências. Subsérie: Cartas Pessoais.

Guilhermina recorreu bastante ao código no início desta missiva, porém ao longo da carta, ela passa a escrever convencionalmente, fazendo uso da linguagem criptográfica em apenas em algumas expressões. Percebemos que o excerto traduzido acima não apresenta uma conotação imprópria, imoral, pelo menos para nós leitores de hoje. Mas por alguma razão o casal desejou preservar seus sentimentos da leitura alheia ou desejou brincar com nosso idioma, criando um linguajar próprio dos dois amantes.

Muitas vezes as correspondências começam com o destinatário justificando sua demora em responder e pedindo desculpas pela ausência dos últimos tempos, transparecendo o receio que sentem do modo como serão interpretadas. Neste sentido, Arlindo se redime com a irmã Vagica:

Só hoje é que me foi possível acusar tua cartinha, pois, estou com o papel em cima da mesa para isto desde domingo, mas sempre que vou para escrever tem uma coisa para interromper (...).¹⁴⁰

Em 27 de abril de 1908, Maria Mendes, prima de Arlindo escreve de São Caetano, preocupada com o que o estimado primo pudesse estar pensando pela sua demora em enviar notícias:

Arlindo, desde o dia que eu escrevi para você, mas não pude mandar ela (sic). Vai aí para você não pensar que é mentira.

¹⁴⁰ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Arlindo Ramos para Vagica Ramos. Conselheiro Lafaiete, 23/out./1941. 2f.

Você mandar-me dizer que não estou lembrando-se de você. Eu não posso esquecer-me deste primo, não é verdade. (...) ¹⁴¹.

A falta de tempo e o pedido de desculpas são queixas recorrentes nos registros. O primo Agenor também se defende:

Arlindo, a muito que queria escrever-te, mas, devido a muito serviço ainda não me foi possível, ao qual faço agora te pedindo desculpa. (...)

E o primo se despede cobrando que Arlindo não deixe de respondê-lo em breve e mais, solicita que ele cobre resposta de um conhecido em comum que não retornou sua carta:

Lembranças a todos de sua casa e diga o Z. se recebeu a minha carta faça o favor de me responder (sic) e você também me responda porque fico muito alegre quando recebo cartas suas. ¹⁴²

Guilhermina Godoy também demonstrou a mesma preocupação em justificar-se pela falta de tempo:

Eu tenho imaginado bastante como deves de estar pensando o meu silêncio para contigo! Não é culpa minha. Fui na (sic) casa do D. 3 vezes, não encontrei-o, e depois ele foi sem eu vê-lo. ¹⁴³

Mesmo distante de amigos e familiares, o ato de escrever cartas não é totalmente solitário, pois enquanto o destinatário registra as palavras no papel, construindo uma narrativa, a imagem do outro se faz presente na memória, no imaginário de quem está escrevendo. No momento de confecção das cartas, são diversas as formas de presença de ambas as partes. Às vezes, uma carta recebida anteriormente, uma fotografia ou outro tipo de lembrança está sobre a mesa enquanto o remetente elabora sua carta, fazendo presente aquela pessoa querida.

¹⁴¹ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Maria Mendes para Arlindo Ramos. São Caetano, 27/abr./1908. 2f.

¹⁴² ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Agenor Ramos para Arlindo Ramos. Ponte Nova, 20/set./1904. 1f.

¹⁴³ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Guilhermina Godoy para Arlindo Ramos. São Caetano, 14/out./1914. 1f.

Identificamos a presença destes recursos nos trechos das cartas abaixo, enviada de Arlindo para sua namorada.

Querida Meiga,
 Como estás, hein? Passeastes muito ontem? Pois eu andei pouco. (...) Quando cheguei em casa estive na janela por muito tempo e suspirei muito, pois fitava o cão, a lua, as estrelas, o mato para ver se em alguma dessas coisas poderia ver-te, mas tudo era de balde. (...) Tendo tido pensamentos lindos para escrever sobre a ausência do meu amor, sobre esta dura separação, mas nunca tenho quadra de escrevê-los. (...)
 O beija-flor que vistes fui eu quem o mandei para saber notícias tuas. (...) Tu me perguntas como faço com as faltas, hein? ... És extremamente má, hein? Vês que estou gravemente ferido e ainda magoas-me? Ah! Mas tu és muito boa não és? Quando fito o teu retrato parece que vejo uma santa; e amo-te cada vez mais!¹⁴⁴

Arlindo expõe a falta que sente da sua amada e narra como ele tentou amenizar esta ausência fantasiando vê-la em variados elementos à sua volta, porém em vão. O objeto concreto que pôde subtrair um pouco da saudade que estava sentido e ainda fazê-lo ter mais admiração por Guilhermina, é um retrato, no qual sua imagem assemelha-se à figura de uma santa tamanha a admiração que sente pela namorada.

Poucos dias, Arlindo Ramos voltar a escrever para sua amada e mais uma vez, lança mão de um retrato que o inspira.

Escrevo esta diante do teu retrato para ver se assim posso relatar-te tudo que sinto. Como são longas as noites; os dias, que enfadonhos; tudo conspira contra mim: as aves que aí nos acordavam com doces cantares ao alvorecer do dia, aqui são mudas, não soltam um pio sequer. O dia surge no mais profundo silêncio; se não fosse o trabalho que me ocupo durante o dia seria capaz de acreditar que habitava a mansão dos mortos! (...) Olho para o teu retrato, que lindo! Com que ingenuidade olhas para uma flor ou ramo que se balançava no momento em que o fotógrafo expos a chapa. Que olhar simpático!!! Não podia em lugar daquela ditosa flor que olhastes ser eu que estivesse ali? (...)¹⁴⁵

¹⁴⁴ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Arlindo Ramos para Guilhermina Godoy. N/C, 13/abr./1908. 3f.

¹⁴⁵ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Arlindo Ramos para Guilhermina Godoy. N/C, 26/abr./1908. 4f.

Nos arquivos privados os pesquisadores encontram valiosas fontes que permitem a reconstrução do imaginário social. Como sugerida, as cartas, quando lidas em séries nos revelam como o real foi pensado, compreendido e escrito pelos titulares, não sendo elementos isolados de análise por nos apresentarem possibilidades de leituras que indicam relações e jogos de linguagem. A investigação deste modo destaca o individual articulado com outros sujeitos, com quais formam em torno de si uma vasta rede de sociabilidade que nos indica como desenvolveram-se os círculos sociais e como estes indivíduos se inserem no contexto e tecem suas interpretações sobre seu ambiente. Esta cadeia de informações que a troca epistolar permite, fica explicitada no trecho abaixo em que Henrique Neves envia uma carta para o amigo Arlindo, perguntando sobre alguns fatos referentes a pessoas que, certamente faziam parte do mesmo meio social. Dessa forma percebemos como as cartas envolvem outras pessoas indiretamente.

Amigo e Sr. Arlindo

A sua boa saúde e de todos da sua família é o que desejo. Arlindo, esta tem de pergunta-lhe como vão as coisas a meu respeito, pois eu já soube que a Maria está namorando o Neneco, por consequente é preciso o amigo dizer-me a verdade como é passado para que eu não fique enganado. Não achas? Se o amigo não souber de coisa alguma pergunta a Adelaide e me mandas resposta pelo mesmo portador. Se for certo isso vou tratar de não fazer papel de arara não. (...) ¹⁴⁶

Apesar das cartas serem escritas para um destinatário específico, dentro da lógica do pacto epistolar, ela sempre vai envolver outros sujeitos neste processo, pois muito possivelmente mencionará a vida de outros sujeitos também, os incluindo indiretamente neste processo. Assim, a leitura de uma série de cartas no indica uma rede de sociabilidade além de remetente e destinatário somente, revelando outras relações cotidianas, intimidades, acontecimentos e expectativas dos indivíduos em terminado espaço e tempo.

Através das correspondências de Arlindo Agostinho Ramos percebemos os lugares e pessoas que foram importantes em sua vida, assim como suas ocupações de trabalho e os instantes de lazer e descontração, sendo todos estes momentos

¹⁴⁶ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Henrique Neves para Arlindo Ramos. Camargos, 23/mar./1905. 1f.

e espaços de construção de si. Ao que tudo indica, Arlindo foi um grande e estimado amigo para várias pessoas, tanto homens como mulheres, perto ou longe dele, extrapolando os limites do privado e sendo um confidente até mesmo para quem o tinha como mestre.

Meu Querido Mestre Arlindo

Desejo que esteja gozando perfeita saúde e felicidade em teu emprego. Eu e mamãe vamos indo bem de saúde. São muitas a falta de você que sentimos. Arlindo estava com vontade de ir em Camargos. Rita e Maria, todos estavam com vontade de me levar. Pedi a papai o animal, mas ele não gosta de me servir. Ele não falou dos vestidos, mas vou encomendar. Já furei minhas orelhas. Fui pedir papai ele me respondeu se eu tivesse brincos que pudesse furar, só para não gastar comigo!

Depois de relatar este desabafo e descontentamento com seu pai, Maria de Paula Godoy continua sua carta demonstrando ser uma jovem muito determinada:

Vou estudar muito para quando vires, achar-me bastante adiantada. Eu e mamãe enviamos muitas saudades a ti. Sua discípula que te estima.¹⁴⁷

Maria de Paula Godoy construiu um espaço na relação com Arlindo que a permitia comentar sobre suas decepções cotidianas, principalmente com seu pai e demonstrou ser uma jovem corajosa ao encomendar os vestidos, mesmo sem a autorização paterna. Arlindo era uma figura que ela apreciava e não queria desapontar, ao contrário, queria enchê-lo de orgulho a partir dos avanços que ela se dispôs alcançar, muito provavelmente na área musical.

Evidenciando a amizade e a consideração depositadas em Arlindo, Antonio Pio Godoy faz um convite muito significativo para o amigo, reiterando os laços de amizade existentes não só entre os dois, mas que se estende à família que o amigo Antonio estava formando.

Ilustríssimo Senhor Arlindo Ramos

O desejo que me inspira esta carta é que te encontre com saúde, paz e felicidades, e ao mesmo tempo participando-te o nascimento de uma filha, e para melhor provar a nossa verdadeira amizade, entre eu e Fideca, convidamos-te para fazer

¹⁴⁷ ASC. Série Correspondências. Subserie Cartas pessoais. Maria de Paula Godoy para Arlindo Ramos. São Caetano, 26/fev./1908. 1f.

a bossa filhinha cristã. Esperamos ser atendidos. Nasceu hoje depois de meia-noite.
Saúde e Fraternidade
Seu amigo Antonio Pio Godoy. ¹⁴⁸

Ao que tudo indica, Arlindo foi convidado a ser padrinho da filhinha que o amigo acabara de ter. Este tipo de convite leva em consideração a proximidade dos pais com a pessoa escolhida para apadrinhar e sugere que eles compartilhem dos mesmos princípios educacionais e crenças, uma vez que cabe ao padrinho ou madrinha acompanhar o crescimento físico, emocional, religioso e educativo da criança.

A troca de correspondências também é um canal de intercâmbio de informações geográficas, que permite ao receptor identificar características de outras localidades. Os amigos escrevem para Arlindo de variadas cidades e através destas linhas é possível saber um pouco dos locais onde estão morando.

De Piedade, Raymundo Malaquias da Silva, se queixa um pouco da vida que está levando, mas logo se consola, pois gosta muito do lugar onde está.

Amigo e Senhor Arlindo Agostinho Ramos
Faço-lhe os meus cumprimentos.
Prezado amigo, com imenso prazer dirigi-lho estas duas linhas a fim de dar-te as minhas notícias. Arlindo, aqui vai se levando a vida um tanto penosa, mas o que hei de fazer? Você bem pode saber que eu sou louco por este lugar, enfim estou cumprindo a minha sorte. Algum dia não é tarde, talvez que em muito breve havemos de estarmos juntos. (...) Arlindo, saudade a todos de sua família e aos meus amigos.
Escrevo com verdadeira estima e consideração. ¹⁴⁹

O amigo Américo Patrício escreve de Petrópolis para Arlindo, em 1905.

Meu amigo Arlindo
Estimo que goze saúde e felicidade. Eu hoje parto para fora e não sei quando eu volto. O calor aqui está de 36 graus na sombra, no sol está de 44 graus. Eu graças a Deus não tenho tido nada. Recomendo à sua família e G. M. M. mais adeus ate um dia Seu amigo

¹⁴⁸ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Antonio Pio Godoy para Arlindo Ramos. São Caetano, 19/jun./1911. 1f.

¹⁴⁹ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Raymundo Malaquias para Arlindo Ramos. Piedade, 02/ago./1904. 1f.

Américo Patrício.¹⁵⁰

Por algum motivo, estas pessoas tiveram necessidade de se mudarem para estas cidades de onde escreveram, suponhamos que em busca de melhores condições de vida em lugares que ofertassem possibilidades mais atraentes. Porém, fica evidente que ainda conservavam laços com o distrito de São Caetano. Mesmo tendo que se adaptarem a outros meios, estabelecerem novos vínculos, as amizades antigas e os familiares que permanecem ainda no lugar de origem são referenciais de segurança para estes sujeitos que prezam em manter o contato através das trocas epistolares.

Entretanto, a maioria das cartas é remetida de lugares mais próximos ao distrito de São Caetano como, Queluz (atual Conselheiro Lafaiete), Ouro Preto, Ponte Nova, Camargo, Piedade, Cachoeira, dentre outros distritos e cidades. Fica evidente a necessidade deste tipo de comunicação que encurtava as distâncias geográficas e informava sobre as novidades.

Assim, a análise das correspondências pessoais do ASC nos permite afirmar como a troca destas possibilitou aos seus escritores exporem suas experiências cotidianas, impressões, sensibilidades e pensamentos. Analisar a prática da escrita de si, a partir da troca de correspondências pessoais, nos possibilita pensar nas singularidades presentes nos comportamentos sociais ao identificarmos o modo como os indivíduos se apropriam de suas leituras e interpretações, compreendendo como eles atribuem sentido aos fatos. Desta forma muito nos indicam acerca da construção das percepções que possuem de si e dos outros. Desta forma, passíveis de muitas interpretações. Agenor de Souza envia de Sabará uma carta para seu tio, Vicente Ferreira expressando seus novos hábitos e sentimentos decorrentes deles:

Meu respeitável tio

Peço vossa benção e visito à todos de nossa casa. Tenho sido muito incorreto para com você, reconheço isto, e, ao mesmo tempo peço-vos perdoar-me por esta falta involuntária; involuntária sim, porque não tenho tempo suficiente para escrever às pessoas que me são caras; o motivo passo a explicar-vos: Às 6 horas da manhã levanto-me arrumo a Farmácia e começo a trabalhar, e assim vou até às 10 da noite, hora esta que vou me deitar; isto desde que aqui cheguei tem

¹⁵⁰ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Américo Patrício Godoy para Arlindo Ramos. Petrópolis, 12/dez./1905. 1f.

vido assim porque a Farmácias fornece medicamentos para 700 pessoas da Estrada de Ferro de Sabará à Santa Barbara, não falando no serviço da Santa Casa de Misericórdia que é diário, e da freguesia da cidade. O ordenado que tenho aqui é pequeno (visto o meu trabalho); - que é de 50#000 mil reis mensais. O patrão propôs-me gratificação, mas eu acompanho o provérbio que diz: promessas só de Cristo.¹⁵¹

Por este excerto podemos identificar a nova rotina à qual Agenor está se adaptando. Presumimos que ele tenha se mudado impulsionado pela esperança de um bom emprego e de melhores condições. Ele narra e enfatiza que seu tempo é curto por causa da nova ocupação na farmácia e certamente a apreensão daquele se dá de outra maneira da exercida anteriormente, enquanto ainda morava no distrito ou até mesmo do seu tio, que estando em outro espaço e com outras ocupações assimila de outra forma.

Arlindo também deixou o distrito de São Caetano em busca de novas oportunidades. Durante os primeiros anos, o titular escreve de Passagem de Mariana. A partir da segunda década do século XX, remeteu suas correspondências de Queluz, posteriormente migra para Mariana de onde escreve para sua mãe no ano de 1921, volta para São Caetano em 1923, mas parece não permanecer muito tempo por lá. A partir de 1928 volta a escrever de Queluz, sendo desta cidade o último registro presente no arquivo referente a Arlindo, em 1941.

Não só Arlindo deixou o distrito como outros membros de sua família também foram em busca de novas oportunidades. Com os filhos distantes, percebemos o constante cuidado dos pais, que apesar da distância, os instruíam dando conselhos de como proceder, suprimindo algumas necessidades materiais, enviando encomendas, e assim, zelando pelo bem estar não só físico, mas também emocional de seus descendentes, ao demonstrarem proteção e carinho através das missivas emitidas. Escrevendo ao filho Arlindo Ramos, em 27 de fevereiro de 1908, Felicíssimo Ramos, prezando pela felicidade do filho, o abençoa e orienta-o que se prenda a Deus. O pai cuidadoso também informa sobre algumas encomendas:

¹⁵¹ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Agenor de Souza para “Tio”. Sabará, 10/jul./1907. 1f.

Arlindo,

Deus que te abençoe e proteja. Recebi a sua carta, a qual fiquei satisfeito de você combinar com o Snr. L.; só te peço que pegue com N. Snr. e S. Geraldo para você ser feliz e eu também estou rezando e sua mãe.

Arlindo, Neném leva a tua roupa que pedes, o travesseiro chegara lá amanhã, 29, vai junto com a roupa de João Ramos. Com o Neca Tropeiro do filhote, eu pedi para entregar ai, em casa do Sr. L. (...).¹⁵²

Felicíssimo Ramos, alguns anos mais tarde, permanecia diligente com o filho, conforme o registro de 30 de maio de 1912:

Aqui todos vão indo sem maior novidade. (...) Arlindo você comprou o brim conforme eu te falei; escuro e que não seja caro, para a calça e colete para X. fazer esta semana sem falta, mande a conta para mim mandar (sic) o dinheiro, pode comprar com o dinheiro que sua mãe deu a você que eu mando outro. Aceite recomendações de todos, e eu e sua mãe, uma benção. Seu pai que te estima.¹⁵³

Assim como o pai, a mãe, Maria Ciryla também registrou seus cuidados com os filhos que moravam fora, como nos demonstra o trecho a seguir enviado para a filha Delfina Ramos:

Sinhá,

Vai a tua roupa e o dinheiro vai dentro para não ficar muito [incômodo] para o E. mas a tua roupa não está boa para você assistir Semana Santa aí, mas alguma coisa de noite você pode ir, mas de dia não; se você quiser a minha saia de casimira mande buscar e dá um jeito nela aí. Sem mais aceite saudades de todos. Recomendações a Dona C. e Dito. Tua mãe que te abençoa.¹⁵⁴

Como uma mãe zelosa, ela recomenda que a filha não use a roupa que está enviando, na ocasião da semana santa, mas se dispõe a emprestar uma peça de roupa sua, evidenciando-se a preocupação materna com a boa aparência e

¹⁵² ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Felicíssimo Ramos para Arlindo Ramos, São Caetano, 27/fev./1908. 1f.

¹⁵³ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Felicíssimo Ramos para Arlindo Ramos, São Caetano, 30/mai/1912. 1f.

¹⁵⁴ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Ciryla Ramos para Delfina Ramos, São Caetano, 18/março/1918, 1f.

apresentação dos filhos diante do meio social que frequentavam. Na mesma carta, a irmã de Sinhá, Delfina Ramos, (irmãs de Arlindo) aproveita o ensejo da mãe para comunicar-se também com a irmã e aconselha:

Se esta cartinha for te encontrar gozando saúde é que desejo. Eu vou indo bem graças a Deus, pensei em adoecer o dia que vim por causa da chuva que tomei, mas felizmente não tive nada. Sinhá, Deus permita que você goze bem na semana santa, não fique boba não, aproveite bem aí, eu nunca nessa ocasião posso ir. Sinhá, ontem recebi carta de Vagica, ela está queixando que te escreveu e você não responde. O Arlindo manda te dizer que o coração está atônito, mas eu não sei o que vem a ser.

Além da missiva da mãe, a irmã Delfina escreve para a irmã e informa sobre os demais irmãos, ratificando a carta como importante meio de comunicação que promovia a união familiar. Portanto, não só os pais redigiam para seus filhos, como estes também enviavam epístolas para seus genitores para pedir uma ajuda, informar alguma novidade ou apenas para fazer-se presente. De Queluz, em 1921, Arlindo Ramos informa à sua mãe sobre alguns acontecimentos cotidianos:

Desejo que esta já encontre a senhora restabelecida e todos os nossos sem novidades. Eu, felizmente cheguei sem novidade e encontrei todos bons. O Franco está em Sabará e o Marcos está aqui. As laranjas chegaram direitas e já distribuimos todas. Se for possível peço despachar umas 30 ou 40 para o Romeu, estes dias. Sobre as contas ficaram todas decididas com o S. Eu inteei o dinheiro que a senhora deu e com o do João paguei as duas contas que importaram em 139.900 inclusive a alpercata e 1 par de meias e dei por conta do meu pai 50#000, de modo que paguei do meu só 29.900. O Marcos já fez conta com o J. M. e recebeu o dinheiro que não é grande coisa. Já disse a ele para vir todos os dias tomar explicação comigo para poder ir para a Passagem com a condição de esquecer-se do brinquedo que é o que faz ele não arranjar coisa alguma.

Depois escreverei com tempo.

Recomendo a todos e peço a benção.

Do filho

Arlindo.¹⁵⁵

¹⁵⁵ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Arlindo Ramos para Ciryla Ramos, Queluz, 16/jul/1921, 2f.

No mesmo ano e também da cidade de Queluz, Delfina Ramos recorre ao pai para que ele a ajude com as despesas relacionadas a uma dieta que teria que fazer por causa de uma enfermidade que estava enfrentando:

Papai,

Peço-vos a vossa benção, desejando que todos aí estejam bons. Nós vamos indo como Deus é servido, só muita saudade. Felizmente ontem consultei e o médico me achou muito fraca, receitou três remédios e depois que acabar tenho que tomar injeções são 3 meses de tratamento, mas é aqui, ele disse que eu preciso mudar de ares: a dieta que ele me deu foi a seguinte posso comer de tudo menos azedo e salada, levantar de manhã tomar café com pão, e, depois um ovo, começar com 1 até tomar 12 por dia e depois disso dar um passeio mas evitando de cansar. Agora eu espero que o Snr. me auxilie com algum dinheiro para mim ter (sic) ao menos de comprar ovos. Terminando envio recomendações de todos. Vossa filha que vos abraça.

Delfina Ramos.¹⁵⁶

Caetano Ramos registra seus votos de boas festas de final de ano para sua família e lamenta estar ausente, prometendo fazer uma visita em janeiro.

Peço-vos a benção desejando que estejam todos sem novidades, enquanto aqui vai tudo sem novidades graças a Deus. O fim desta é para dar as boas festas e feliz entrada de ano novo. Papai é tudo que posso dar para passar o natal junto com os nossos, pois eu não posso ir aí se não em janeiro. Peço recomendar a todos e dar boas festas por mim.

A benção a todos, as duas meninas e abraço a todos.

C. e as meninas fazem o mesmo.

Do filho

Caetano A. Ramos.¹⁵⁷

As cartas apresentam constantemente textos carregados de saudosismo ao relembrares momentos importantes do passado, sejam eles bons ou ruins, são mensagens cingidas de memórias. Norberto Bobbio expõe esta ligação que os homens firmam entre o avanço dos anos da sua trajetória e a evocação do passado.

¹⁵⁶ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Delfina Ramos para Felicíssimo Ramos, Queluz, 10/set/1921, 1f.

¹⁵⁷ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Caetano Ramos para Felicíssimo Ramos, Ouro Preto, 23/dez/1933. 2f.

É preciso apressar o passo. O velho vive de lembranças e em função das lembranças, mas sua memória torna-se cada vez mais fraca. O tempo da memória segue um caminho inverso ao do tempo real: quanto mais vivas as lembranças que vêm à tona de nossas recordações, mais remoto é o tempo em que os fatos ocorreram. Cumpre-nos saber, porém, que o resíduo, ou o que logramos desencavar desse poço sem fundo, é apenas uma ínfima parcela da história de nossa vida. Nada de parar. Devemos continuar a escavar! Cada vulto, gesto, palavra ou canção que parecia perdido para sempre, uma vez reencontrado, nos ajuda a sobreviver.¹⁵⁸

Percebemos então, como que através das cartas os sujeitos recordam e reconstroem determinado acontecimento de acordo com o sentido que assumiu em suas vidas. Recordar tais eventos é recuperar para si algo que já passou, mas com as ideias e influências do tempo presente. Este não é um movimento indolor, mas pode ser inquietante visto desconforto que certas memórias podem trazer. A amiga Maria Mendes de Carvalho mais uma vez escreve para Arlindo, enfatizando a falta que sente dele, em um texto curto, porém carregado de saudades, certamente mediadas pelas boas memórias que preserva do amigo.

Arlindo,
faço-lhe esta a fim de saber de sua saúde e felicidades. Eu felizmente vou indo bem só o que me maltrata são saudades sua, e participo que sua querida prima G. me rodou, eu estou muito aborrecida com você porque no Gama você pode ir despedir da sua Querida Prima e de mim você nem se lembra e tem vindo portador. Você nem uma lembrança para mim mandou no mais adeus. Aceite lembrança (...)
Arlindo, hoje tem sentido muita falta de você porque estou em sua casa.
Adeus.¹⁵⁹

Uma temática que aparece de modo recorrente nas correspondências é a informação sobre o estado de saúde das pessoas ou até mesmo noticiar a morte de alguém. Como vimos, as cartas abordam de maneira ampla diversas situações do dia-a-dia de pessoas ordinárias, assumindo o papel de informar, aproximar, e expor. Sendo assim, são também portadoras de más notícias, aquelas cuja

¹⁵⁸ BOBBIO, Noberto. *O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 55.

¹⁵⁹ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Maria Mendes de Carvalho para Arlindo Ramos, Passagem de Mariana, N/C, 1f.

fragilidade humana não pode evitar. Por causa da distância e na ausência de meios de comunicação mais acessíveis e ágeis, o destinatário recorria à forma escrita para colocar o outro a par da situação vivenciada por ele mesmo ou alguém próximo. Em 1905, Maria Delfina Gonçalves escreve de Ouro Preto para o amigo Arlindo, lamentado seu estado de saúde e manifestando seu desejo de não ser enterrada ali.

Incomparável

Em primeiro lugar desejo a sua saúde e da sua exma. Família, se assim acontecer será meu maior desejo, em canto eu vou indo pelejando com a influesa que está querendo me por na sepultura [] Je quem sei o que estou sentindo meu alivio é só de morrer aqui neste lugar por que as pessoas que não tem irmandade vai (sic) para Saramenha, mas São Caetano há de me ajudar que não hei de morrer aqui não. Se você me ver você corre de medo no mais não arepara (sic) os erros e as faltas de letra (...)

A sua família queira aceitar as minhas saudades! ¹⁶⁰

Felicíssimo Ramos escreve ao filho, Arlindo, para informa-lhe sobre a saúde do seu irmão, Francisco e sua avó: “Aqui todos vão indo sem maior novidade, só Franco é q tem passado mal com reumatismo nos braços, está em uso de remédio, minha mãe esta melhor (...)”¹⁶¹ Seis anos mais tarde, Felicíssimo volta a relatar o estado de saúde da mãe, que parece ter se agravado com o tempo, para a filha Vagica e também menciona a melhora de Sinhá, sua outra filha:

Vagica; Deus que vos abençoe e todos os meus filhos e netos; e Deus permite que todos ai estejam bons, pois nós aqui vamos indo, uns bons, e outros que está (sic) doente, já está pouco melhor, Sinhá felizmente já está melhor. Porem, minha mãe tem estado quase morta, com umas bicharada(s) que ela apanhou no nariz, e se eu não fosse ativo que descobrir, ela já tinha morrido, estava tomando remédio para defluxo, eu desconfiei mandei benzer logo. Começou a cair cada um bicho de 2 a 3 centímetros; já tem saído uns 60 a 70 ate ontem, ela quase não podia falar, agora já esta falando melhor, creio que os bicho (sic) já estragou a campainha d'ela por que tem saído mais pela boca. ¹⁶²

¹⁶⁰ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Maria Delfina Gonçalves para Arlindo Ramos, Ouro Preto, 13/abr./1905. 1f.

¹⁶¹ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Felicíssimo Ramos para Arlindo Ramos, São Caetano, 30/set./1912. 1f.

¹⁶² ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Felicíssimo Ramos para Vagica Ramos, São Caetano, 22/abr./1918. 1f.

Bilica explica para irmã o motivo de não ter escrito antes, pois estava adoentada.

Boníssima irmã Sinhá,
 Nossa boa mãe celestial conosco. Se esta te encontrar com saúde juntamente aos nossos é o que desejo. Aqui vamos regular. Eu estou querendo te escrever há muitos dias, desde o 3 me apareceu uma diarreia de sangue que pensei de não aguentar. Estive de cama quase uma semana. De uns três dias para cá estou melhor graças a Deus. (...) A causa de Vicente não ter ido até hoje é pelo motivo de ter adoecido. Reze por nós sim? ¹⁶³

Bilica pede a irmã que reze por eles, demonstrando a fé que tinha e como era típico deste período que as pessoas recorressem à esfera religiosa para amenizarem os sintomas ou curarem suas enfermidades. A epístola abaixo corrobora isto ao relatar que Vicente Ferreira pretendia consultar seu filho por meio de cartas com um médico de Pelotas e antes de tomar esta atitude, consultou o Monsenhor Horta, autoridade e figura religiosa importante da Arquidiocese marianense. Eis a resposta do monsenhor:

Aconselho amigo que não mande a carta ao médico de Pelotas, no Rio Grande (do Sul), nem aplique ou dê ao J., seu filho, os remédios que lhe forem receitados, porque aí haverá intervenção do demônio, ou haverá especulação humana manifesta. Não se compreende, com efeito, uma consulta, que apenas consiste na declaração do nome, idade e residência de um doente qualquer. Portanto toda receita em semelhantes casos é dada pelo demônio dada e acertada por acaso pela perspicácia humana, o que não é favorável.

E o monsenhor aconselha que Vicente Ferreira busque a solução utilizando a fé:

Amanhã se celebra a festa do Arcanjo São Rafael, o Arcanjo da medicina, Protetor e iluminador dos Médicos. Apegue-se antes com ele, que seu filho será curado. Em honra de S. Raphael envio um pouco desta água benta para o seu J., e estou certo que será feliz, sarando de qualquer incômodo.
 Recomendo-me à sua família e sou com estima

¹⁶³ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Bilica Ramos para Sinhá Ramos, Sabará, 17/mar./1954. 1f.

De V.S^a, amigo, servo e obrigado.¹⁶⁴

Podemos assegurar que as correspondências também eram um canal de desejar os pêsames almejando, desta forma, consolar e amenizar a ausência do amigo remetente neste momento de dor em relação ao destinatário enlutado. Por ocasião da morte de sua esposa, Antonio Martins Ferreira recebe a carta do amigo José Gaudêncio de Lacerda Cabral que também aproveita o momento para contar suas perdas dos últimos tempos.

Esta tem por fim saudar-lhe com a Exma família e apresentar os meus pêsames pela morte da Ilma. D. Antoninha que só soube no dia 2 deste mês aqui pelo compadre Egídio e queira aceitar uma visita minhas com minhas filhas e mulher a V.Sa e a Exma. Família. Eu com minha família vamos vivendo sem novidades. Deus louvado é sim com muitas dificuldades na vida. Ano atrasado quando aí estive no mês de junho de 1915 tinha ido a Mariana, o amigo não estava tinha viajado não lhe encontrei.

Mesmo dizendo que estava vivendo sem novidades, José Gaudêncio começa a contar ao amigo as várias perdas que teve em sua família recentemente, mas mesmo assim permanece otimista com a vida, tendo em vista sua devoção a Deus.

Tinha eu perdido uma filha moça feita quando foi no mês de agosto perdi outra. Uma em maio outra em agosto esta que morreu em agosto deixou 6 filhos, daí a dois meses morreu o meu genro de forma que foi necessário trazer os netos para minha companhia. Na mesma ocasião com diferença de quinze dias morreu meu cunhado e amigo J. M. O que há de fazer? De tudo Deus é servido consolo com a vontade de Deus. Sem mais queira aceitar minhas recomendações com todos da Exma família e todos os meus fazem o mesmo e sempre como amigo velho e velho amigo.¹⁶⁵

Arlindo parecia sofrer de algum mal de saúde, pois em várias cartas, os autores, preocupados, perguntam sobre o estado de saúde dele. O primo, Agenor Agostinho de Souza, pergunta em 1904:

¹⁶⁴ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Monsenhor Horta para Vicente Ferreira, Mariana, 23/out./1914. 2f.

¹⁶⁵ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. José Gaudêncio Lacerda para Antonio Martins Ferreira, Palmeiras, 10/jun./1917. 2f.

Arlindo, há muito que queria escrever-te, mas, devido a muito serviço ainda não me foi possível, ao qual faço agora pedindo-te desculpas. Armando, diga-me como vai esta alta personagem, creio que muito bem não é? (...) Como vai passando da tua dor? Melhor? Creio que sim.¹⁶⁶

Na missiva que segue, Guilhermina demonstrou estar muito aflita por causa da saúde do seu namorado Arlindo e com a falta do envio de notícias enviadas por ele.

A minha alegria da manhã foi tristeza a noite, quando Antonio. P. me falou que tu estavas doente e que tinha ido consultar com Doutor Gomes. Fiquei muito amolada com a notícia e como não me escreves-te? Foi o meu sonho da noite passada, fiquei muito perturbada contigo – dormir é verdade!!! Mas um sono muito aflito. Julguei que seria falta de ti, no entanto tu estavas passando mal porque meu sonho foi as [sic] 4 horas.

Para Guilhermina, a conexão entre os dois amantes era tão intensa que ela poderia, apesar da distância, sentir que algo não estava bem com seu amor. Ela dá sequência à carta dizendo:

Não te lembras o que te disse? Que eu sinto dentro da alma quando te adocece, e eu não posso velar-te sobre o teu leito, acariciar-te com meus afagos, como sou tão infeliz!! Manda-me notícias por escrito, se já melhorou, ouviu?¹⁶⁷

Menos de um mês depois, Guilhermina volta a cobrar notícias de Arlindo ao saber que ele havia passado mal novamente:

Hoje tive notícias de você por Sr. A. Tuco não tive remédio se não perguntar por você. Ele me disse que você estava passando mal, e que tinha tomado um purgante. (...) Antonio Machado me deu notícias de você, que no sábado você estava no Lindouro, fiquei muito alegre, e hoje estas notícias? Não sei como ei de pensar (...) vou parar porque estou muito

¹⁶⁶ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Agenor Agostinho de Souza para Arlindo Agostinho Ramos, Ponte Nova, 20/set./1904. 2f.

¹⁶⁷ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Guilhermina Godoy para Arlindo Agostinho Ramos, São Caetano, 11/set./1912. 2f.

atrapalhada não sei o que te escrevo, estou muito desorientada, manda-me dizer o que você tem? Ouviu? ¹⁶⁸

Em algumas cartas, identificamos respostas de Arlindo informando sobre sua saúde. Em 1921, ele escreve para sua irmã, Vagica:

Vagica

Recebi o seu bilhete e passo a responder. Eu graças a Deus já estou bom, embora ainda sinto (sic) de vez em quando alguma dorzinha no joelho. Quanto aos meninos vão sem novidades (...).¹⁶⁹

Por fim, o mais recente e último registro presente no ASC escrito por Arlindo, foi enviado para sua irmã Vagica Ramos, de Conselheiro Lafaiete em 1941 e ele informa sobre sua saúde:

Só hoje é que me foi possível acusar tua cartinha, pois, estou com o papel em cima da mesa para isto desde domingo, mas sempre que vou para escrever tem uma coisa para interromper. Eu, graças a Deus e aos santos, tenho sentido alguma melhora, mas o meu estado de saúde não é ainda satisfatório, pois, pelo mais insignificante excesso, fico passando mal. Estou em uso de medicamentos continuamente, mas sem esperança de sarar. Os médicos recomendam-me absoluto repouso, mas...de que jeito?... Tenho que defender o pão de meus filhos de qualquer forma, não é?...Este é o meu repouso. Graças ao altíssimo, nada me falta, a não ser a saúde, pois tenho uma companheira de verdade que não mede sacrifícios. (...) Peço-te recomendar por mim ao Franco, Lindolfo, Marcos e a todos os que lhes pertencem. Comunico-te também que já estou esperando a minha aposentadoria pelo Instituto dos Comerciantes.¹⁷⁰

Falar e registrar sobre a vida pessoal é, sobretudo um exercício de memória. Todo o percurso que vem sendo apresentado nesta pesquisa sobre a difusão da prática de registros de si demonstra como tal hábito deixou de ser exclusividade de nobres e autoridades que visavam registrar seus conhecimentos e

¹⁶⁸ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Guilhermina Godoy para Arlindo Agostinho Ramos, São Caetano, 14/out./1912. 1f.

¹⁶⁹ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Arlindo Ramos para Vagica Ramos, São Caetano, 21/jun./1921. 1f.

¹⁷⁰ ASC. Série Correspondências. Subsérie Cartas pessoais. Arlindo Ramos para Vagica Ramos, Conselheiro Lafaiete, 23/out./1941. 2f.

legar conhecimento para gerações futuras até alcançar os sujeitos mais simples em seu cotidiano. Seja para controlar informações em cadernos, diários, balancetes ou para expor sentimentos íntimos como nas cartas, a escrita de si manifesta o desejo de constituir a própria identidade e perpetuá-la.

Em alguns momentos, o trabalho com as cartas dos titulares do ASC nos sugere que a dedicação em escrever cartas pode ser classificada como um ato curativo para quem escreve e para quem lê. Constatamos que a troca de correspondências atenua dores emocionais, acalenta, diminui a solidão e compartilha os desejos mais íntimos dos homens modernos.

Se discorremos sobre o exercício de rememoração que as cartas propiciam, concluímos também que elas podem indicar a preocupação com o porvir. Este não se refere somente às coisas que ainda irão acontecer com o sujeito, mas também com o desejo de tornar sua existência marcante e duradoura de alguma forma. O anseio de registramos nossa passagem pelo mundo exige mais do que a construção da própria identidade, pois, além disso, ela necessita ser reconhecida e digna de nota. Escrever sobre a própria vida é um exercício de construção que visa garantir para si um lugar no mundo através das palavras. O sujeito se expõe, compartilha experiências cotidianas, ordena pensamentos, sentimentos e ideias.

Embora os documentos sobre a escrita de si sejam tão diversos, assumindo funções e sentidos diferentes, estes assumem sentido dentro do conjunto, ao apresentar vínculo uns com os outros, uma vez que foi gerado ou recebido pelo Arlindo. É a procedência, portanto, que confere a particularidade destas fontes, tornando-as próprias deste indivíduo e constituindo um conjunto de documentos resultantes de suas atividades. Embora, identificamos atividades diversas que, em última instância, acabam por desvelar a especificidade de uma experiência individual no tempo, a escrita de si é uma maneira de organizar a vida e o autoconhecimento, como afirmou Ângela de Castro e Gomes:

É como se a escrita de si fosse um trabalho de ordenar, rearranjar e significar o trajeto de uma vida no suporte do texto, criando-se, através dele, um autor e uma narrativa. Uma ideia que se alimentou do entendimento de que a escrita de si foi mobilizada pelos indivíduos modernos com múltiplas intenções,

entre as quais a de permitir o autoconhecimento, o prazer, a catarse, a comunicação consigo mesmo e com os outros.¹⁷¹

¹⁷¹ GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: *Escrita de Si Escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 16.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo explorar a constituição e definição dos arquivos privados, traçando conexões possíveis destes acervos com a pesquisa historiográfica. Neste sentido, esta dissertação pretende ter contribuído na área do conhecimento arquivístico, considerando-se que muitos dos cursos de História no Brasil não abordam questões relativas à organização arquivística em seu currículo.

O contato direto com todas as etapas envolvidas no processo de organização do acervo do ASC, conforme descrito na introdução deste trabalho, nos permitiu compreender como executar um projeto de organização arquivística segundo recomendam as teorias desta área.

Além disso, o contato direto com o acervo nos fez reconhecer o valor histórico e cultural presente nesta documentação, que guarda em si dimensões expressivas da memória e práticas culturais de seus titulares. Tais dimensões nos incentivaram a privilegiar o Arquivo Privado São Caetano como campo de possibilidade e assim, analisarmos os registros documentais da trajetória biográfica-social dos integrantes da família Ferreira Ramos, ressaltando-se o titular Arlindo Agostinho Ramos, em variados registros como partituras, cartões, fotografias, mas, sobretudo, através das cartas trocadas com amigos, familiares e a namorada Guilhermina Godoy. Dessa forma, aliamos teoria e prática na execução de nossas atividades, pois queríamos entender a lógica por trás de toda aquela acumulação de documentos.

Constatamos que os arquivos privados possibilitam a construção do conhecimento histórico e científico através da reunião de fragmentos que o compõem. Documentos de caráter íntimo, como as cartas, nos permitem traçar as redes de relações pessoais dos titulares, dando-nos chaves para compreender aspectos da vida social e política da região, fornecendo-nos também informações sobre o tipo de organização social e os impactos instituídos pela manutenção ou absorção dos valores expostos através das relações sociais ali vigentes.

Outra questão abordada foi a do porque os sujeitos acumulam registros em torno de si. Abordamos tal questão a partir das possibilidades de compreensão das representações implícitas nos registros pessoais de sujeitos. Elegendo como fonte a escrita de si, procuramos identificar a compreensão que os autores dos registros possuem do mundo e a partir daí quais as condições de produção que se

entrelaçam. Os sujeitos aos escreverem sobre suas vidas e experiências estão constantemente operando imagens, códigos e linguagens, colocando-se dessa forma as premissas que orientaram tais percepções sobre o mundo e sentimentos ao redor. Concentramos nossa análise nas práticas de escrita, sobretudo ao se tratar da vida cotidiana, de pessoas ordinárias.

Identificamos que foi a partir do século XIX, que emergiu uma nova configuração individualista, consolidando as características inerentes ao homem moderno. Este, movido por uma necessidade crescente de individualização, buscou se desvincular cada vez mais da coletividade. Sendo assim, não só a linguagem verbal contribui neste processo, mas a não verbal também contribuiu para este movimento de demarcação individual. Isto fica evidente nas produções fotográficas popularizadas a partir do final do século XIX. As poses, a teatralização, as cenas construídas permitiram à imagem reproduzir eventos do cotidiano e assim, contar histórias dos indivíduos. Ao abordamos a coleção de fotografias do ASC percebemos que estas participam de um grande contexto cultural no qual se interligam histórias particulares que entrelaçados (contexto e indivíduo) compõe fragmentos de memórias e trajetórias.

O trabalho com a documentação do ASC nos fez perceber outras possibilidades de pesquisa. Novos trabalhos podem traçar aspectos do quadro econômico regional do distrito de São Caetano, uma vez que a série de atividade comercial é a mais extensa e com maior volume documental, fornecendo informações sobre os produtos consumidos, os estabelecimentos presentes nesse fluxo comercial e na teia de relação da família Ferreira e Ramos, os compradores dentre outros aspectos. Pesquisas pautadas em fontes encontradas em acervos privados recorrem às percepções subjetivas do titular em relação sua própria memória, juntamente com a escrita do pesquisador, sugerindo uma história singular, revelando dimensões de sua existência, do vivido, que não ficam tão aparentes em outros tipos de análises históricas.

A partir do que apresentamos no decorrer deste trabalho podemos concluir a legitimidade dos arquivos privados enquanto um lugar que preserva as expressões íntimas dos sujeitos guardadores dos registros de si e como estes podem ser compreendidos enquanto formas de representações e ações dos indivíduos. O historiador que se vale das fontes nas quais os sujeitos falam de si mesmos não está operando em um movimento de descrever uma realidade já

existente, mas a cada documento está recriando o objeto em questão, não passível de apreensão total, mas no qual identificamos sujeitos multifacetados. Esta demanda do humano entre o dito e não dito move os historiadores preocupados em interpretar os registros de si em prol de confeccionar uma escrita da História.

O Arquivo Privado São Caetano, portanto, pode ser considerado como um *locus* privilegiado para o trabalho historiográfico ao preservar a memória dos membros da família Ferreira Ramos, decifrada e reinventada a cada análise e pesquisas propostas, evidenciando as relações sociais dos sujeitos e a acumulação privada a partir da execução das mais diversas atividades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes:

Arquivo Privado São Caetano - ASC

Fundo: Família Ferreira e Ramos

Série Correspondência. Subsérie: cartas pessoais.

____ Fotografias.

____ Cartões. Subsérie: pessoais.

Fundo: Sociedade Musical São Caetano

Série Partituras Musicais. Subsérie: profanas.

Referências:

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **História: a arte de inventar o passado. Ensaios de teorias da história.** Bauru: Edusc, 2007.

ARQUIVO NACIONAL. Conselho Nacional de Arquivos. Resolução nº4, de 28 de março de 1996. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil.** Brasília, 29 de março de 1996, seção 1, suplemento ao nº62.

ARTIÈRES, Philippe. “Arquivar a própria vida”. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol. 11, n. 21, 1998.

AVELAR, Alexandre de Sá; SCHMIDT (Orgs). **Grafia da vida: reflexões e experiências com a escrita biográfica.** São Paulo: Letra e Voz, 2012.

BELLOTTO, Heloísa L. **Arquivos permanentes: tratamento documental.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2005.

BEUNZA, Jose MariaI. Redes sociales y correspondencia epistolar. Del análisis cualitativo delas relaciones personales a la reconstrucción de redes egocentradas. **Revista hispana para el análisis de redes sociales.** v.21, Diciembre 2011. Disponível em: < <http://revista-redes.rediris.es>>. Acesso em: 10 nov.2013.

BLOCH, Marc. **Apologia da História, ou o Ofício do Historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2001.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO e FERREIRA (org.). **Usos e abusos da história oral.** São Paulo: Getúlio Vargas, 1996.

BURKE, Peter (org.). **A Escrita da História: novas perspectivas.** São Paulo: UNESP, 1992.

_____. “Guerras Culturais” in **FOLHA DE SÃO PAULO**. Caderno Mais! São Paulo, 10 de jun. 2007.

CARLAN, Cláudio Umpierre. Documento / Monumento: os tipos materiais produzidos pela História Científica. **Barbarói** (USCS), v. 29, 2009.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

_____. Defesa e ilustração da noção de representação. In: **Fronteiras**. v. 13. n. 24. 2011.

_____. Entrevista Disponível em: <<http://p.php.uol.com.br/tropico/html/textos/2479,1.shl>>. Acesso em: 17 nov. 2012.

CONSELHO INTERNACIONAL DE ARQUIVOS. ISAD(G): **Norma geral internacional de descrição arquivística**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

COSTA, Manuela Areas. **Notas sociais: as práticas da banda da Sociedade Musical São Caetano (1890 – 1930)**. 2010. 94 f. Monografia – Universidade Federal de Ouro Preto. Mariana: UFOP, 2010.

COTTA, André Guerra. **O tratamento da informação em acervos de manuscritos musicais brasileiros**. 2000. 285 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2000.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Do baú ao arquivo: escritas de si, escritas do outro. **Patrimônio e Memória**, São Paulo, v. 3, n. 1, 2007. Disponível em: <http://www.assis.unesp.br/cedap/patrimonio_e_memoria/patrimonio_e_memoria_v3.n1/maria_teresa.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2014.

DAMIÃO, Carla Milani. **Sobre o declínio da sinceridade: filosofia e autobiografia de Jean-Jacques Rousseau a Walter Benjamin**. São Paulo: Loyola, 2006.

DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

DOSSE, François. **História em migalhas. Dos Annales à Nova História**. São Paulo: Ensaio: Campinas, 1992.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela História**. Lisboa: Presença Ltda, 1985.

FERREIRA, Marieta de Moraes. Correspondência familiar e rede de sociabilidade In: **Escrita de Si Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

FERRER, Francisca Carla Santo. Registros diários do Coronel Manoel Lucas de Oliveira. **Historiae**, v.2, n.1 (2011).

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.

FOUCAULT, Michel. A Escrita de Si. In: **Ética, Sexualidade, Política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

GAY, Peter. A Educação dos Sentidos. **A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

_____. **O Queijo e os vermes: o cotidiano de um moleiro perseguido pela Inquisição**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GOMES, Ângela de Castro. Nas malhas do feitiço: o historiador e os encantos dos arquivos privados. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 21, jan/jun. 1998. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 20 jun. 2013.

_____. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: **Escrita de Si Escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

GUARINELLO, Norberto L. História científica, História contemporânea e História do Cotidiano. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 24, nº 48, 2004.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. **A modernização dos sentidos**. São Paulo: Ed. 34, 1998.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARTOG, François. **Evidência da História: o que os historiadores veem**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

HEREDIA HERRERA, Antonia. **En torno al tipo documental**. **Arquivo e Administração**. Rio de Janeiro: AAB, v.6, n.2, jul./dez. 2007.

HEYMANN, Luciana Quillet. Indivíduo, Memória e Resíduos Históricos: uma reflexão a sobre arquivos pessoais e o casos Filinto Müller. **Revistas de Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: FGV, v. 19. 1997.

HOT, Dutra Amanda. **Cartas à Viscondessa [manuscrito]: cotidiano e vida familiar no Brasil Império. Ouro Preto, 1850 - 1902**. 141f. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Ouro Preto: UFOP, 2010.

BÍBLIA , V. T. Jó. Português. **Bíblia Sagrada**. Versão Sociedade Bíblica do Brasil. São Paulo: Ed. Da Américas, 1993. Cap. 8, vers. 9.

LANGE, Francisco Curt. La musica en Minas Gerais: un informe preliminar. **Boletín Latinoamericano de Música**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 6, 1946.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1996.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO e FERREIRA (org.). **Usos e abusos da história oral**. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

LIMA, Kléverson Teodoro de. **São Caetano: vestígios no início do século XX**. Relatório final PIBIC-CNPQ (Graduação em História) – Universidade Federal de Ouro Preto. 2001

_____. **Práticas missivistas íntimas no início do século XX**. 2007. 152 f. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal Minas Gerais. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Arquivo do Estado de São Paulo, 2002.

MACHADO, Maria Helena P. T. Introdução. In: MAGALHÃES, José Vieira Couto de. **Diário íntimo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. **Brasil a vapor: raça, ciência e viagem no século XIX**. Tese apresentada para o concurso de Livre-Docência. São Paulo, ago. 2005.

MAUAD, Ana Maria; MUAZE, Mariana. A escrita da intimidade: história e memória no diário da Viscondessa do Arcozelo. In: GOMES, A. C. (Org.). **Escrita de si, escrita da História**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

MUAZE, Mariana de A. F. **O império do retrato: família, riqueza e representação social no Brasil oitocentista (1840-1889)**. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

MELLO, Cabral de Evaldo. O fim das casas-grandes. In: ALENCASTRO, Luís Felipe de. (org.). **História da vida privada no Brasil: Império (vol. II)**, São Paulo, Companhia das Letras, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC-SP. n 10. 1993.

OLIVEIRA, Isabel Cristina Borges de. **Arquivos Pessoais, arquivos de memória e o processo de indexação**. Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC; Fundação Getúlio Vargas. 2009.

REVEL, Jacques. **A Invenção da Sociedade**. Lisboa: Dielf, 1989.

SALOMON, Marlon. **As correspondências: uma história das cartas e das práticas de escrita no Vale do Itajaí**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo: Cia. Das Letras, 2003.

SCHMIDT, Benito Bisso. Grafia da vida: reflexões sobre a narrativa biográfica. **História Unisinos**, v.8, n.10, jul/dez.2004.

VAINFAS, Ronaldo. História da vida privada: dilemas, paradigmas, escalas. In: **Anais do Museu Paulista**, v 4, São Paulo. 1996.

VENANCIO, Giselle Martins. **Na trama do arquivo: a trajetória de Oliveira Vianna (1883- 1951)**. 2003. 340 f. Tese (Doutorado em História) - Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

VIANNA, Aurélio et al. A vontade de guardar: lógica da acumulação em arquivos privados. **Arquivo e Administração**, Rio de Janeiro, v.10-14, n.2, jul/dez. 1986.

ANEXO I

Arranjo Documental do Arquivo Privado São Caetano

ARQUIVO PRIVADO DE SÃO CAETANO (ARRANJO DOCUMENTAL)

I- FUNDO FAMÍLIA FERREIRA E RAMOS

Série Correspondências : sub-série cartas pessoais

Coleção Envelopes: sub-série pessoais

Coleção Cartões: sub-série pessoais, publicitários

Série Sociedade São Vicente de Paula

Série Filhas de Maria

Série Atividade Comercial: sub-série notas de recebimento, sub-série notas fiscais, sub-série talões de carga, sub-série cartas comerciais, envelopes comerciais, sub-série recibos e sub-série declarações de impostos

Coleção Receitas médicas

Coleção de Poemas

Coleção de Livros

Coleção de jornais

Coleção de revistas

Coleção Material escolar

Coleção de fotografias

Série Atividade judicial

II- FUNDO SOCIEDADE MUSICAL SÃO CAETANO

Coleção de partituras musicais manuscritas: profana, sacra

Coleção de partituras musicais impressas: profana, sacra

Coleção de fotografias

Coleção de catálogos

Série correspondências: sub-série cartas

ANEXO II

Ficha de identificação documental.

 UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA ASC – ARQUIVO PRIVADO SÃO CAETANO		Código n° : _____ _____ _____
Fundo		
Série/Coleção:	Sub-série:	Caixa:
Tipo/Gênero:	Parte:	
Autoria:	Copista:	
Local:	Data:	Medidas: X cm
Quantidade:		
Descrição do tema/conteúdo: _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____ _____		
Estado de conservação: <input type="checkbox"/> ótimo <input type="checkbox"/> bom <input type="checkbox"/> regular <input type="checkbox"/> ruim <input type="checkbox"/> péssimo		
Observações: _____ _____ _____ _____ _____		
Preenchido por:		
Local e data: Mariana,		

Coordenador: Prof. Dr. Francisco Eduardo de Andrade Mariana, abril de 2011
